

ROSANA LANZELOTTE

DOM PEDRO I *e a música da* INDEPENDÊNCIA



Criada em 2013, a Lei de Incentivo à Cultura da cidade do Rio de Janeiro é o maior mecanismo de incentivo municipal do país em volume de recursos. No ano de 2021, atualizamos os procedimentos para torná-la ainda mais democrática e mais simplificada. O Rio de Janeiro possui uma produção cultural diversa e que é decisiva para o seu desenvolvimento e para o bem-estar da população. Nossa Lei, carinhosamente apelidada de Lei do ISS, é um mecanismo de fomento que busca estimular o encontro da produção cultural com a população.

Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro



ROSANA LANZELOTTE

DOM PEDRO I *e a música da* INDEPENDÊNCIA

PATROCÍNIO



CULTURA

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



Copyright © 2023, Rosana Lanzelotte

Coordenação editorial: Algo Novo Editorial

Revisão de texto: Carmem Hanning e Fernanda França

Propostas de atividades: Adriana Rodrigues

Projeto gráfico de miolo e produção do e-book: Loope Editora

Layout da capa: Vanessa Lima

Imagem da capa: *D. Pedro compondo o hino da Independência*, de Auguste Bracet.

Autorizado por: IHGB Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

Agradecimentos: Benito Lanzelotte, Iskrena Yordanova, Sergio Magalhães e Victorino Chermont.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lanzelotte, Rosana

Dom Pedro I e a música da Independência [livro eletrônico] / Rosana Lanzelotte.
1. ed. Rio de Janeiro : Cintia Pereira Produção & Cultura, 2023.

ePub

Bibliografia.

ISBN 978-65-999963-0-6

1. Brasil - História 2. Família real portuguesa 3. Pedro I, Imperador do Brasil, 1798-1834 I. Título.

23-148511

CDD-981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : História 981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

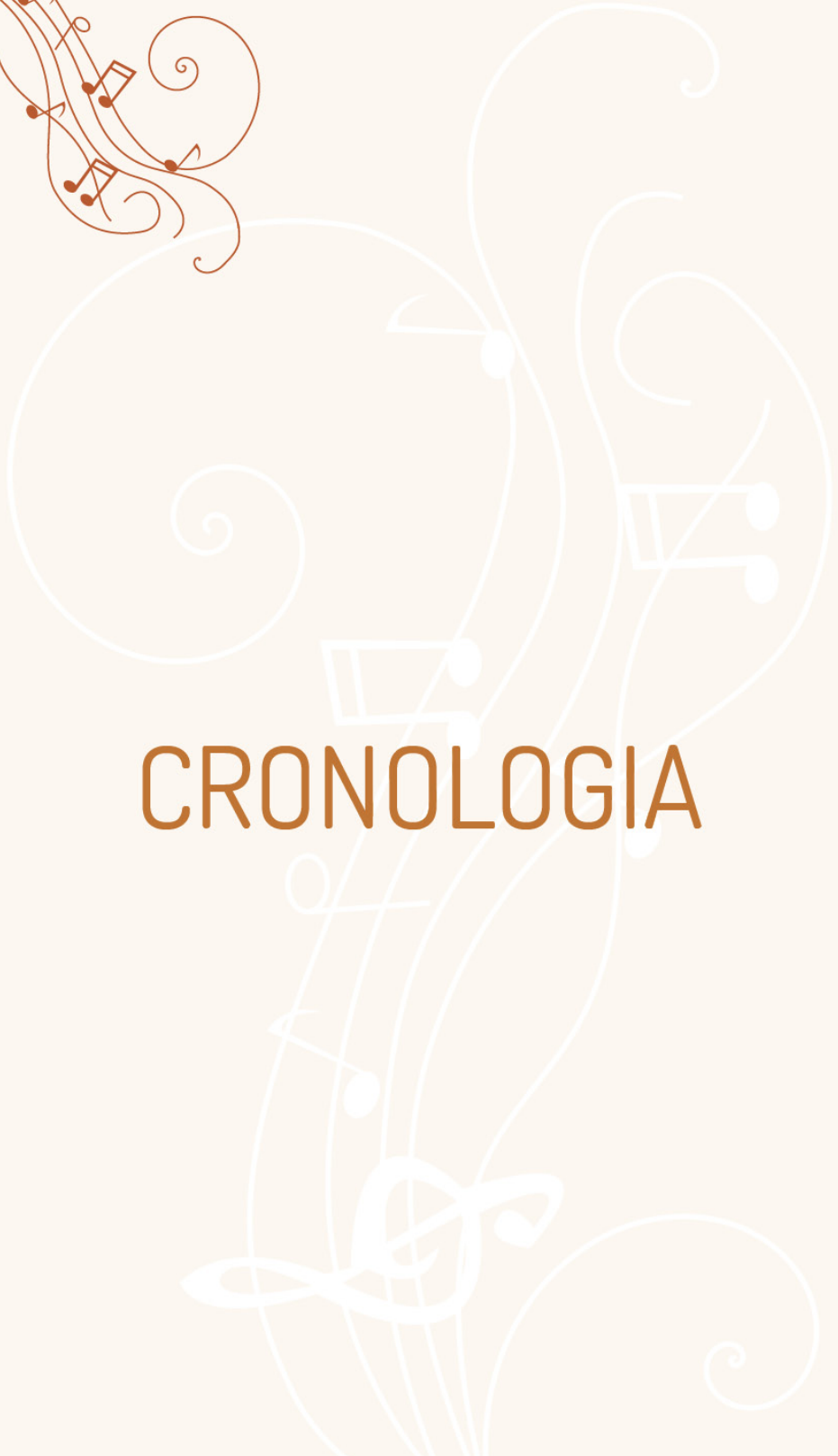
CRONOLOGIA

INTRODUÇÃO

1. PRIMEIROS ANOS
2. O OURO COMPRA A PAZ
3. IÇAR VELAS
4. MISSAS FESTIVAS
5. O MESTRE DE MÚSICA
6. UM REINO UNIDO
7. RÉQUIEM AETERNAM
8. VALSAS PARA UMA PRINCESA VIENENSE
9. AUGÚRIO DE FELICIDADE
10. ALEGRIA PÚBLICA
11. MISSA, SINFONIA E TE DEUM
12. O HERÓI
13. UM HINO CONSTITUCIONAL
14. INDEPENDÊNCIA OU MORTE
15. O ABOLICIONISTA
16. ÚLTIMAS NOTAS



CRONOLOGIA



Data	Acontecimento	Música
1798		
12 de outubro	D. Pedro de Alcântara de Bragança nasce no Palácio de Queluz, próximo a Lisboa. É o quarto filho do Príncipe D. João e de D. Carlota Joaquina.	
		Joseph Haydn compõe o oratório A Criação, com libreto baseado no livro do Gênesis e inspiração maçônica.
21 de outubro	Revolta dos egípcios, devida à ocupação de Cairo pelos franceses comandados por Napoleão Bonaparte.	
29 de dezembro	O Império Otomano, Rússia, Grã-Bretanha e Reino das Duas Sicílias se unem contra a França (Segunda coalizão).	
1799		
12 de março	A França declara a guerra à Áustria, por esta ter permitido que tropas russas atravessassem seu território.	
19 de março		Estreia pública do oratório A Criação, de Joseph Haydn, no Burgtheater, em Viena.
13 de julho	D. João torna-se oficialmente Príncipe regente de Portugal.	
25 de julho	Napoleão decide retornar à França após um ano de campanha no Egito. Apesar da derrota militar, imprimiu marcas civilizatórias que o celebrizaram.	
1800		
22 de abril	Nascimento, no Palácio de Queluz, de D. Maria Francisca de Assis, quinta descendente de D. João e D. Carlota Joaquina.	
1801		
29 de janeiro	Assinada a convenção franco-espanhola relativa a	

	Portugal, estabelecendo condições para evitar a guerra.	
17 de fevereiro	Eleição do presidente americano Thomas Jefferson.	
27 de fevereiro	Espanha declara a Guerra das Laranjas contra Portugal.	
20 de maio	Antônio de Araújo e Azevedo, ministro plenipotenciário junto à corte de S. Petersburgo, é enviado por D. João a Paris para negociar – mais uma vez – a neutralidade entre Portugal e França.	
11 de junho	Morre o Príncipe D. Francisco António Pio, e D. Pedro passa a ser o herdeiro do trono português.	
4 de julho	Nascimento, no Palácio de Queluz, de D. Isabel Maria, sexta descendente de D. João e D. Carlota Joaquina.	
15 de setembro	Coroação do Imperador Alexandre I da Rússia.	Estreia, em S. Petersburgo, da ópera Alexander am Indus, de autoria de S. Neukomm.
29 de setembro	Assinado o Tratado de Madrid, que põe fim à Guerra das Laranjas, entre Portugal e Espanha.	
1802		
26 de outubro	Nascimento, no Palácio de Queluz, de D. Miguel, sétimo descendente de D. João e D. Carlota Joaquina.	Te Deum, composto por Marcos Portugal, para o Palácio de Queluz.
1803		
18 de maio	Declaração de guerra entre Inglaterra e França, terminando a paz após apenas 14 meses. A causa da ruptura foi o status de Malta, que a Grã-Bretanha se recusou a evacuar.	
		Ludwig van Beethoven inicia a composição de sua terceira Sinfonia, a Érica, inicialmente dedicada a Napoleão.
1804		
18 de maio	Napoleão Bonaparte é proclamado Imperador da França.	

4 de junho	António de Araújo e Azevedo, em missão em S. Petersburgo, é chamado por D. João de volta a Portugal para assumir a pasta dos Negócios Estrangeiros e da Guerra.	
10 de outubro		Vésperas e Matinas de S. Francisco, compostas por Marcos Portugal, para a Basílica de Mafra.
1805		
12 de abril	Jean-Andoche Junot, ajudante de campo de Napoleão é nomeado Embaixador da França em Lisboa.	
25 de junho	Nascimento, no Palácio de Queluz, de D. Maria da Assunção, oitava descendente de D. João e D. Carlota Joaquina.	
1806		
4 de outubro		Missa em Sol M, composta por Marcos Portugal para a Basílica de Mafra.
28 de outubro	Nascimento, no Palácio de Mafra, de D. Ana de Jesus Maria, nona e última descendente de D. João e D. Carlota Joaquina.	Te Deum, de autoria de Marcos Portugal, para a Basílica de Mafra.
21 de novembro	Napoleão decreta o Bloqueio Continental, fechando os portos dos países europeus ao comércio inglês.	
1807		
13 de maio	Aniversário de D. João.	Domine in Virtute Tua, de autoria de Marcos Portugal, tocado na Basílica de Mafra.
8 de setembro	Napoleão intima D. João a cortar relações com a Inglaterra e aderir ao Bloqueio Continental.	
20 de outubro	Carta de D. João ordena o fechamento dos portos portugueses aos navios ingleses.	

22 de outubro	Convenção secreta entre Portugal e Inglaterra trata da transferência da monarquia portuguesa para o Brasil e da ocupação da ilha da Madeira por tropas inglesas. Nesta convenção, a Inglaterra compromete-se a escoltar a família real em caso de viagem ao Brasil.	
27 de outubro	Espanha e França assinam o Tratado de Fontainebleau, que prevê a partilha de Portugal entre os dois países.	
24 de novembro	O Conselho de Estado português, presidido pelo Príncipe Regente D. João, decide transferir a Corte para o Brasil.	
26 de novembro	Por meio de um decreto, D. João informa ao povo os motivos de sua partida com a família real para o Brasil.	
27 de novembro	O Príncipe Regente D. João e a Corte embarcam na frota que os levará ao Brasil.	
29 de novembro	A frota portuguesa parte para o Brasil.	
30 de novembro	O Marechal Junot entra em Lisboa.	

1808

22 de janeiro	Chegada da Família Real a Salvador, na Bahia.	Te Deum, de autoria de Damião Barbosa de Araújo?
28 de janeiro	Abertura dos portos brasileiros ao comércio com as nações amigas.	
18 de fevereiro	D. João cria a Escola de Cirurgia no Hospital Real, em Salvador, a primeira instituição de ensino superior.	
7 de março	D. João e a Corte chegam ao Rio de Janeiro.	A Missa de Ação de Graças é acompanhada pelo Te Deum, de autoria de José Maurício Nunes Garcia.
1º de abril	Alvará revoga a proibição de manufaturas no Brasil.	
13 de maio	Decretos criam a Imprensa Régia, a Guarda Real e uma fábrica de pólvora.	
1º de junho	Começa a circular O Correio Braziliense, considerado o primeiro jornal brasileiro, apesar de ser publicado em	

	Londres. Fundado e editado por Hipólito José da Costa, circula até dezembro de 1822.	
10 de junho	Decreto declara guerra à França.	
13 de junho	Decreto incorpora à Coroa o engenho e terras da lagoa Rodrigo de Freitas para a construção de uma fábrica de pólvora e cria o Jardim de Aclimação, atual Jardim Botânico, com o objetivo de aclimatar as especiarias vindas das Índias Orientais. Suas primeiras plantas vieram das ilhas Maurício, trazidas por Luiz de Abreu Vieira e Silva, que as ofereceu a D. João. Entre elas estava a Palma Mater, palmeira plantada em 1809 pelo próprio D. João, cuja espécie passou a ser conhecida como “palmeira real”.	
15 de junho	Alvará condecora a Sé Catedral do Rio de Janeiro com o título de Capela Real.	
10 de setembro	Começa a circular a Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal impresso no Brasil, que publicava atos oficiais e transcrição de notícias estrangeiras.	
19 de outubro		Missa S. Pedro de Alcântara – CPM 104 –, de autoria de José Maurício Nunes Garcia, dedicada ao santo onomástico de D. Pedro.
1809		
1º de janeiro.	A Quinta da Boa Vista, assim conhecida devido ao belo panorama que se tinha da Baía de Guanabara, é doada à família real pelo comerciante português Elias Antônio Lopes.	
31 de março	Joseph Haydn morre em Viena.	
24 de junho		Ulissea, drama heroico composto por José Maurício Nunes Garcia e texto, de Miguel Antônio de Barros.

19 de outubro		Missa S. Pedro de Alcântara – CPM 105 –, de autoria de José Maurício Nunes Garcia, dedicada ao santo onomástico de D. Pedro.
11 de dezembro	O Banco do Brasil inicia suas operações instalado em prédio da antiga rua Direita, atual rua 1º de Março.	
17 de dezembro		Le due Gemelle, ópera de autoria de José Maurício Nunes Garcia encenada no Teatro Régio (partitura perdida em incêndio).
1810		
Início do ano	A primeira remessa de caixotes com parte do acervo da Real Biblioteca chega ao Brasil.	
13 de maio	Aniversário de D. João.	O Triunfo da América, elogio histórico em homenagem a D. João, texto de Dom Gastão Fausto da Câmara Coutinho. Destacou-se a soprano Joaquina Maria da Conceição da Lapa, a famosa Lapinha, no papel principal.
28 de maio	Decreto autoriza a construção de um novo teatro na cidade do Rio de Janeiro.	
23 de junho	D. João escolhe o Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo, na rua Direita, atual rua 1º de Março, para acomodar a Real Biblioteca.	
29 de outubro	Decreto determina a mudança da Real Biblioteca para o local das catacumbas dos religiosos da Ordem Terceira do Carmo, junto à Real Capela. Esta data é oficialmente	

considerada como a de fundação da Real Biblioteca, hoje Fundação Biblioteca Nacional.

1811

4 de abril	Decreto cria a Junta Vacínica da Corte.	
15 de maio	Independência do Paraguai.	
junho	Chega ao Brasil a segunda remessa de caixotes com parte do acervo destinado à Real Biblioteca.	
5 de julho	Independência da Venezuela.	
novembro	A terceira e última remessa do acervo da Real Biblioteca chega ao Brasil.	
17 de dezembro	Aniversário da Rainha D. Maria I.	Estreia brasileira das óperas L'Oro non compra amore e Demofonte, de autoria de Marcos Portugal.

1812

26 de janeiro	Falecimento de Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares, ex-ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, responsável pela criação da Academia Militar, do Arquivo Militar, da fábrica de pólvora na lagoa Rodrigo de Freitas e da Fábrica de Ferro do distrito de São João do Ipanema, em São Paulo.	
4 de julho	Falecimento, no Paço de S. Cristóvão, do Infante D. Pedro Carlos de Bourbon, marido de D. Maria Teresa, filha primogênita de D. João e D. Carlota Joaquina.	Matinas de Defuntos, de autoria de Marcos Portugal, para as exéquias do Infante D. Pedro Carlos de Bourbon na Capela Real.
3 de novembro	Aviso comunica a expansão da Real Biblioteca com a ocupação, também, do pavimento térreo da Ordem Terceira do Carmo.	
17 de dezembro	Aniversário da Rainha D. Maria I.	Estreia brasileira da ópera Artasere, de

		autoria de Marcos Portugal.
24 de dezembro	Véspera de Natal.	Vésperas do Natal, de autoria de Marcos Portugal, obra apresentada na Capela Real.
1813		
12 de outubro	A inauguração do Real Teatro de S. João marca o aniversário de D. Pedro.	O Juramento dos Numes, ópera de autoria de Bernardo José de Souza e Queiróz, com libreto de Gastão Fausto da Câmara Coutinho.
1814		
6 de abril	Napoleão abdica após a tomada de Paris pelos países da 6ª Coligação.	
11 de abril	Assinado o Tratado de Fontainebleau, estabelecendo o exílio de Napoleão Bonaparte na ilha de Elba.	
13 de maio	Aniversário de D. João.	Axur, Rè di Ormus, ópera de autoria de Antonio Salieri, apresentada no Real Teatro S. João.
30 de maio	Portugal restitui a Guiana à França através da assinatura do Tratado de Paris.	
3 de novembro	Abertura do Congresso de Viena, com representantes das potências europeias, para discutir a reordenação do mapa político da Europa.	
1815		
20 de janeiro	Assinatura do primeiro Tratado de Viena.	
21 de janeiro	Aniversário da execução do Rei Luís XVI.	Requiem, de autoria de S. Neukomm, executado por mais de trezentos cantores, apresentado

		para todos os nobres e integrantes do Congresso de Viena, por iniciativa do Príncipe de Talleyrand.
19 de março	Napoleão restabelece o império francês, após fugir do exílio em Elba, dando início ao período conhecido como "Governo de Cem Dias".	
13 de maio	Aniversário de D. João.	Griselda, ópera de autoria de F. Paer, apresentada no Real Teatro S. João.
1º de junho	Napoleão jura fidelidade à Constituição francesa.	
08 de junho	D. João ratifica o tratado assinado com a Inglaterra em Viena, em, no qual é abolido o tráfico de escravos.	
18 de junho	Napoleão Bonaparte abdica do trono da França pela segunda vez, após derrota na batalha de Waterloo.	
15 de outubro	Napoleão é exilado pelos ingleses na ilha de Santa Helena.	
20 de novembro	O Tratado de Paz entre Áustria, Inglaterra, Prússia, Rússia e França fixa o pagamento de dois milhões de francos a Portugal, como indenização pelos danos sofridos com a guerra.	
15 de dezembro	Criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.	
17 de dezembro	Decreto concede a Antônio de Araújo e Azevedo, ministro e secretário de estado dos Negócios do Reino, o título de 1º Conde da Barca.	
24 de dezembro	Véspera de Natal	Vésperas do Natal, de autoria de Marcos Portugal, obra apresentada na Capela Real.
1816		
20 de março	Falecimento de D. Maria I, aos 81 anos, no Convento dos Carmelitas, no Rio de Janeiro.	

26 de março	A Missão Artística Francesa, integrada pelos artistas Jean-Baptiste Debret, Grandjean de Montigny, Nicolas-Antoine Taunay, Auguste-Marie Taunay, e chefiada por Joachim Lebreton, chega ao Rio de Janeiro. Seis meses mais tarde, reúnem-se ao grupo o escultor Marc Ferrez e o gravador de medalhas Zéphryn Ferrez.	
23 de abril	Exéquias da Rainha D. Maria I, realizadas na Capela Real.	Missa de Requiem, de autoria de Marcos Portugal.
13 de maio	Criada a bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, incorporando, em um só escudo, as armas dos três reinos.	
30 de maio	Chegam ao Rio de Janeiro o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire e o compositor alemão Sigismund Neukomm, na comitiva do Duque de Luxemburgo, Embaixador Extraordinário da França no Rio de Janeiro.	
12 de agosto	Decreto cria a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, dirigida por Joachim Lebreton. A instalação física definitiva só acontece em 1826, como Academia Imperial das Belas Artes, atual Escola de Belas Artes.	
27 de setembro		Marche Triomphale, de autoria de S. Neukomm, dedicada a S.A.R. o Príncipe do Brasil (D. Pedro).
6 de novembro		Fantasia para grande orquestra sobre uma pequena valsa de S.A.R. o Príncipe Real D. Pedro, por S. Neukomm.
16 de novembro		6 valsas compostas por S.A.R. o Príncipe D. Pedro, arrançadas para orquestra e acrescidas

de Trios, por S.
Neukomm.

1817

6 de março	Eclosão, em Recife, da Revolução Pernambucana, movimento republicano.	
3 de abril		Missa Solene para a aclamação de S. M. João VI, composta por Sigismund Neukomm.
5 de abril		Hino para a Feliz Aclamação, escrito por Marcos Portugal.
25 de abril		S. Neukomm compõe o Hino marcial "Valorosos Lusitanos", com letra do Barão de Targini.
13 de maio	Realiza-se em Viena, por procuração, o casamento de D. Pedro com a arquiduquesa Leopoldina da Áustria.	
19 de maio	Rendição de Recife, fim da Revolução Pernambucana.	
20 de maio		Hino a D. João, de autoria de D. Pedro, a obra mais remota conhecida de sua autoria.
21 de junho	Morre Antonio de Araújo e Azevedo, o conde da Barca, ministro e secretário de estado dos Negócios do Reino. Seus livros são comprados pelo governo e incorporados à Real Biblioteca.	Marcha fúnebre, composta por Sigismund Neukomm.
5 de novembro	Chega ao Brasil a esposa de D. Pedro, a arquiduquesa D. Leopoldina da Áustria.	
6 de novembro	Realiza-se na Capela Real o casamento presencial de D. Pedro com a princesa D. Leopoldina.	
7 de novembro	Recepção no Paço de S. Cristóvão pela chegada de D. Leopoldina.	Serenata e L'Augurio di Felicità, o sia Il Trionfo

		d'Amore, de autoria de Marcos Portugal.
8 de novembro		Merope, ópera de Marcos Portugal, apresentada no Real Teatro S. João.
1818		
6 de fevereiro	D. João VI é aclamado rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.	Te Deum, de autoria de Marcos Portugal, executado na Capela Real.
12 de fevereiro	Missa de ação de graças, na Capela Real pela feliz chegada de D. Leopoldina.	Missa Festiva, de autoria de Marcos Portugal.
13 de maio	Aniversário de D. João VI.	Coriolano, ópera de Nicolini, e Bailado Histórico apresentados no Real Theatro S. João, com a tela de Debret.
24 de junho	Festa de S. João, santo onomástico de D. João.	Elogio e La Vestale, ópera de Puccitta, apresentados no Real Theatro S. João.
12 de outubro	Aniversário de D. Pedro.	Elogio e Camilla, ópera de F. Paer, apresentados no Real Theatro S. João.
26 de dezembro	Trágico falecimento de D. Maria Isabel, Rainha Consorte de Espanha, irmã de D. Pedro.	
1819		
4 de abril	Nasce a filha primogênita de D. Pedro e de D. Leopoldina, D. Maria da Glória, futura Maria II de Portugal.	Te Deum, composto por Marcos Portugal – noticiado na Gazeta do Rio de Janeiro em 7/4/1819 – obra perdida.
12 de maio	Missa de Ação de Graças pelo nascimento da princesa	Missa Festiva, de autoria

Maria da Glória.

de Marcos Portugal.

1820

13 de maio	Aniversário de D. João.	Aureliano in Palmira, ópera de autoria de G. Rossini, apresentada no Real Teatro S. João.
24 de agosto	Eclosão, na cidade do Porto, da Revolução Liberal.	
12 de outubro		Te Deum, composto por D. Pedro, destinado ao batismo de seu filho, que nasceria no ano.
17 de outubro	Chega ao Rio de Janeiro a notícia da Revolução Liberal do Porto.	
21 de dezembro		Sinfonia para grande orquestra, composta por S. Neukomm.

1821

30 de janeiro	As Cortes decretam a formação de um Conselho de Regência em Portugal, para exercer o poder executivo em nome de D. João VI.	
fevereiro	Aprovação da nova constituição portuguesa.	
18 de fevereiro	Decreto determina que o Príncipe D. Pedro vá a Portugal para jurar a Constituição Portuguesa.	
19 de março		Le Héros, abertura característica, de autoria de S. Neukomm, a pedido de S.A.R. o Príncipe D. Pedro.
31 de março		D. Pedro compõe o Hino Constitucional, de que também é o autor da letra. Tornou-se o Hino Nacional de Portugal a partir de 1834 até 1910,

		quando é proclamada a República portuguesa.
15 de abril		S. Neukomm parte do Rio de Janeiro – escreve a canção Addio, Addio! a bordo da fragata Matilde.
20 de abril	D. João convoca uma reunião para serem escolhidos representantes brasileiros para a Assembleia Constituinte em Lisboa.	
21 de abril	Os participantes da reunião convocada por D. João, na Praça do Comércio, para escolher brasileiros para a Assembleia Constituinte em Lisboa exigem uma constituição liberal para o Brasil e a devolução do dinheiro tomado dos cofres públicos pela Coroa. As tropas reais reprimem com violência a manifestação. Em protesto, os comerciantes afixam uma faixa denominando o local “Açougue dos Braganças”.	
22 de abril	D. João VI nomeia D. Pedro Príncipe regente do Brasil.	
25 de abril	D. João VI parte para Portugal, após 13 anos no Brasil.	
5 de maio	Napoleão falece na ilha de Santa Helena.	
13 de maio	Aniversário de D. João.	Pamela Nubile, ópera de autoria de P. Generali, apresentada no Real Teatro S. João.
24 de junho	Festa de S. João, santo onomástico de D. João.	Tancredi, ópera de G. Rossini, apresentados no Real Theatro S. João.
20 de setembro		Don Giovanni, estreia nas Américas da ópera de W. A. Mozart.
29 de setembro	As Cortes decretam o regresso imediato do Príncipe D. Pedro a Portugal.	
9 de dezembro	D. Pedro recebe a notícia dos decretos das Cortes	

Portuguesas exigindo a sua volta à Europa e anulando quase todas as leis anteriores que igualavam o Brasil a Portugal.

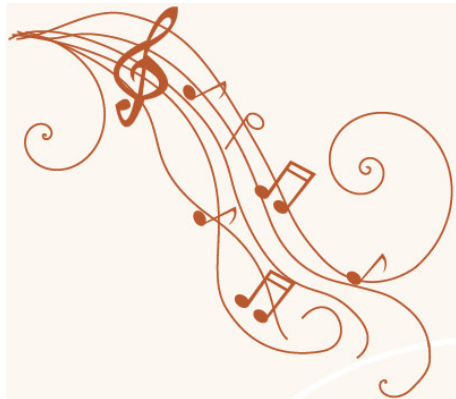
1822

9 de janeiro	Dia do Fico. O Príncipe D. Pedro, atendendo a requerimento com cerca de 8.000 assinaturas, não acata decreto para voltar a Portugal e permanece no Brasil.	
16 de janeiro	D. Pedro cria o primeiro gabinete ministerial formado por brasileiros.	
18 de janeiro	José Bonifácio assume o ministério do Reino e Negócios Estrangeiros.	
4 de maio	Decisão nº 40 do reino determina que não se execute nenhum decreto das Cortes Portuguesas sem que conste o "Cumpra-se" de D. Pedro.	
18 de junho		O Barbeiro de Sevilla, ópera de G. Rossini, apresentada no Real Teatro S. João.
19 de junho	Decisão assinada por José Bonifácio de Andrada e Silva, considerada a primeira lei eleitoral brasileira, estabelece instruções sobre o processo eleitoral para uma Assembleia Constituinte.	
1º de agosto	D. Pedro assina manifesto declarando inimigas todas as tropas portuguesas enviadas ao Brasil.	
13 de agosto	D. Pedro nomeia provisoriamente D. Leopoldina chefe do Conselho de Estado e Princesa Regente Interina do Brasil.	
14 de agosto	D. Pedro viaja para São Paulo.	
31 de agosto		Italiana em Argel, ópera de G. Rossini, apresentada no Real Teatro S. João.
2 de setembro	A Princesa Leopoldina e José Bonifácio enviam cartas a D. Pedro aconselhando-o a romper com Portugal.	

7 de setembro	D. Pedro, ao voltar de São Paulo, proclama a Independência do Brasil, às margens do riacho Ipiranga.	Hino à Independência, de autoria de Marcos Portugal, cantado no Teatro de Ópera de S. Paulo.
12 de outubro	Aclamação de D. Pedro como Imperador e “defensor perpétuo do Brasil”.	
1 de dezembro	D. Pedro é coroado imperador do Brasil.	
1823		
13 de novembro	D. Pedro I dissolveu a Assembleia Constituinte e criou o Conselho de Estado. As tropas leais ao imperador brasileiro vencem os portugueses nas guerras pela consolidação da independência.	
1824		
25 de março	D. Pedro I outorga a Primeira Constituição Brasileira.	
2 de julho	Eclode em Pernambuco o movimento revolucionário conhecido como Confederação do Equador, contra o autoritarismo de Dom Pedro I e em defesa do regime republicano no Brasil.	
dezembro		Missa Breve, última obra de Marcos Portugal, dedicada a D. Pedro em agradecimento pela nomeação como mestre das Princesas Reais.
1825		
13 de maio	A Independência do Brasil é reconhecida por Portugal.	
2 de dezembro	Nasce D. Pedro, o sétimo filho de D. Pedro I e D. Leopoldina, o futuro D. Pedro II.	
dezembro	Início da Guerra da Cisplatina, batalha entre a Argentina e o Brasil pelo domínio da Cisplatina (atual território do Uruguai).	

1826		
10 de março	D. João VI morre em Lisboa.	
26 de novembro		Missa de Santa Cecília, obra derradeira de José Maurício Nunes Garcia, por encomenda da Irmandade de Santa Cecília.
11 de dezembro	Falecimento de D. Leopoldina.	
1831		
13 de março	Noite das Garrafadas: conflitos de rua, no Rio de Janeiro, entre opositores e partidários de Dom Pedro I.	
7 de abril	Sofrendo pressões, D. Pedro I abdica do trono do Brasil.	
10 de junho	D. Pedro desembarca no porto de Cherbourg e é recebido com honras de Estado.	
26 de junho	D. Pedro chega a Londres.	
26 de julho	D. Pedro chega a Paris.	
29 de outubro		Ouverture de D. Pedro regida por Rossini em Paris.
1 de dezembro	Nasce em Paris D. Maria Amélia de Bragança, a única filha do casamento de D. Pedro e D. Amélia de Leuchtenberg.	
1832		
12 de fevereiro	D. Pedro parte de Belle Isle, com destino ao arquipélago dos Açores.	
22 de fevereiro	D. Pedro e tropas desembarcam na ilha de São Miguel (Açores).	
3 de março	D. Pedro chega à cidade de Angra do Heroísmo (Ilha Terceira dos Açores) e assume a regência em nome da filha, D. Maria II.	
27 de junho	D. Pedro e suas tropas partem dos Açores com destino a Portugal, à frente da expedição liberal.	
6 de julho	D. Pedro e suas tropas desembarcam no Mindelo (Porto).	

9 de julho	Entrada de D. Pedro e do exército libertador na cidade do Porto.	
1833		
março	Ocorre, na cidade de Ouro Preto (Minas Gerais) a Revolta do Ano da Fumaça. O movimento também ficou conhecido como Sedição Militar de 1833.	
28 de julho	Chegada de D. Pedro a Lisboa.	
1834		
7 de janeiro	Falecimento de D. Maria da Assunção, irmã de D. Pedro.	
26 de maio	Assinatura do Tratado de Évoramonte, no Alentejo, que põe fim à guerra civil e ao governo do rei D. Miguel.	
30 de agosto	Juramento da Carta Constitucional por D. Pedro, Regente, em nome de D., Maria II.	
4 de setembro	Falecimento de D. Maria Francisca de Assis, irmã de D. Pedro.	
10 de setembro	D. Pedro regressa a Queluz.	
18 de setembro	Decretada pelas Cortes a maioridade da rainha D. Maria II, com idade de 15 anos.	
20 de setembro	Em seu primeiro ato, D. Maria II condecora o pai com a Grã-Cruz da Torre e Espada.	
24 de setembro	Morre D. Pedro, no mesmo quarto onde nascera.	
11 de dezembro		Notícia publicada no Jornal do Commercio sobre a Marcha fúnebre composta em Lisboa na ocasião da morte de S.M.I. o Duque de Bragança, e reimpressa no Rio de Janeiro.



INTRODUÇÃO



Dom Pedro I era compositor e músico talentoso, aspectos pouco divulgados de sua personalidade. Embora haja inúmeras publicações dedicadas a ele, responsável pela Independência do Brasil e pela primeira Constituição do país, raras são as referências a suas atividades musicais.

Herdeiro de uma família apreciadora da música sobre todas as demais artes, D. Pedro é descendente de outro compositor, D. João IV (1604-1656) o primeiro Rei da dinastia, possuidor, em seu tempo, da maior coleção musical da Europa, lamentavelmente destruída pelo terremoto de Lisboa, em 1755.

O Príncipe e suas irmãs receberam educação musical esmerada, pois o pai, D. João, escolheu como seu professor Marcos Antônio da Fonseca Portugal (Lisboa, 1762-Rio de Janeiro, 1830), o maior compositor português daquele período.

O Príncipe D. Pedro tinha apenas 9 anos quando a Corte portuguesa se trasladou para o Brasil. A partir da chegada, em 1808, o Rio de Janeiro se tornou o maior centro de produção musical das Américas, em grande parte graças ao incentivo de D. João, que promoveu a importação de grandes artistas. Nesse ambiente cresceu D. Pedro, cercado por compositores de renome internacional, como o músico de origem austríaca Sigismund Neukomm (1778-1858), aluno preferido de Joseph Haydn.

Ao chegar ao Rio de Janeiro em 1816, Neukomm assumiu o encargo de professor de D. Pedro e, certamente, o estimulou a compor, pois as primeiras obras de autoria do Príncipe – as seis valsas compostas no mesmo ano, aparecem repertoriadas no catálogo do mestre. Infelizmente, perdidas.

Elevado a Reino Unido, junto a Portugal e Algarve, o Brasil mereceu os primeiros símbolos nacionais, entre eles os hinos. Em 1817, D. Pedro, Marcos Portugal e Sigismund Neukomm dedicaram hinos à vitória dos portugueses sobre os revoltosos de Pernambuco e à aclamação de D. João. O hino a D. João é a obra mais remota que se conhece de D. Pedro.

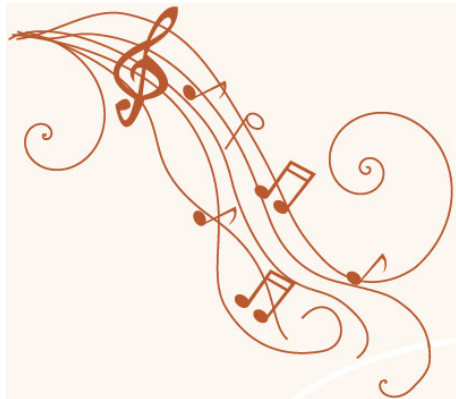
Em tempos de plena vigência do absolutismo, reanimado nas Cortes europeias pela derrota napoleônica, D. Pedro afirmou seu espírito liberal oferecendo à nação portuguesa o hino em homenagem à sua primeira Constituição, de 1821. Esse *Hino Constitucional*, igualmente conhecido como o *Hino da Carta*, cujo texto é também de sua lavra, foi adotado como hino nacional de Portugal desde 1834 até a proclamação da República, em 1910. Impresso e distribuído pelas principais editoras europeias, é certamente a obra de D. Pedro I mais tocada. Todavia, o hino de maior relevo é o *Hino da Independência do Brasil*, até hoje um dos símbolos do país.

À Capela Real, instituição criada por D. João para “maior louvor e decência do culto divino”, D. Pedro dedicou suas mais alentadas obras. Os quatro manuscritos de obras litúrgicas de sua autoria, abrigados no Arquivo da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, revelam uma escrita musical de notáveis qualidades retóricas, compatíveis com a técnica de composição de seu tempo.

A obra musical de D. Pedro I, bem como a de compositores de seu tempo, vinculam-se aos acontecimentos históricos em dimensão artística. As partituras de D. Pedro I revelam o músico inspirado, que emprestou o talento à valorização da nova nação brasileira.¹



¹ Para ilustrar cada capítulo, os repertórios musicais estarão disponíveis através de QR Code.



1.
PRIMEIROS
ANOS



Dom Pedro de Alcântara de Bragança e Bourbon, o quarto filho do Príncipe D. João e de D. Carlota Joaquina, nasceu em 12 de outubro de 1798, ou seja, no 21º dia do Vendemiário primeiro mês, no ano VII do calendário revolucionário francês. Veio ao mundo no Palácio de Queluz, no quarto D. Quixote, em cujas paredes e teto estão estampadas as aventuras do cavaleiro da triste figura; o mesmo aposento onde faleceria, em 24 de setembro de 1834. Não estava destinado ao trono, pois, quando nasceu, seu irmão mais velho, D. Francisco Antônio, ainda vivia.



Ferdinand le Feuvre (1815 – 1898) – Quarto de D. Pedro IV de Portugal (Imperador Dom Pedro I do Brasil), Palácio de Queluz

Embora fosse oficialmente a Rainha de Portugal, a avó de D. Pedro, D. Maria I, já não governava, e, à frente do reino, como Príncipe Regente, estava D. João, o pai de D. Pedro. Submetida a incontáveis

provações, D. Maria I assistira à destruição de Lisboa por um terremoto, em 1755, e perdera, em poucos anos, o marido e o filho primogênito, além de ter sido obrigada a assinar contra a sua vontade o decreto de esquartejamento de Tiradentes. Sua depressão e melancolia eram males que, à época, não se sabia tratar, o que levou ao afastamento do poder por motivos de doença mental.



D. Maria I, Rainha de Portugal – Giuseppe Troni, atribuído (Turim, 1739–Lisboa, 1810)

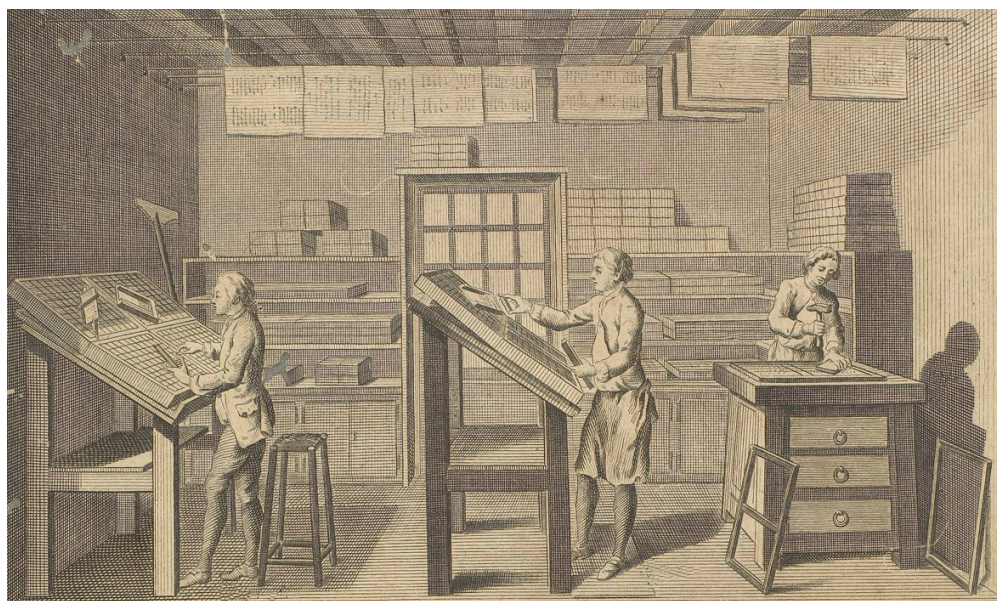
Ventos liberais sopravam por toda parte. A Revolução Francesa havia mostrado que os reis não eram seres divinos, sendo passíveis de, até mesmo, execução por meio da guilhotina. A França estendia o manto do poder por toda a Europa, mas se deparava com a resistência da Inglaterra, graças ao domínio dos mares por esse país.



António de Araújo e Azevedo – Giuseppe Troni, atribuído (Turim, 1739 – Lisboa, 1810)

Portugal buscava de todas as formas escapar à dominação francesa. Desde 1796, D. João havia encarregado o seu mais brilhante diplomata, António de Araújo e Azevedo (Ponte de Lima, 1754* Rio de Janeiro, 1817+), o futuro Conde da Barca, um dos fundadores do Brasil Nação, de costurar neutralidade com a França. Enquanto cumpria a missão, tendo assegurado o apoio dos franceses ao tratado de paz pago a peso de

ouro e brilhantes brasileiros , o Ministro dos Negócios Estrangeiros, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, convencia D. João a não o assinar, sob pena de desagradar aos ingleses. Tratado não assinado, Araújo foi encarcerado na Torre do Templo, em dezembro de 1797, acusado de traição. Abandonado pelos superiores portugueses, o diplomata precisou se defender sozinho. Logo que lhe foi permitido, em 11 de janeiro de 1798, escreveu aos Membros do Diretório expressando o seu protesto e sua incompreensão pelo sucedido. Repudiou as suspeitas e anunciou que se manteria na prisão enquanto não houvesse uma declaração pública de sua inocência, com publicidade idêntica à que ocorrera quando de sua detenção. Foi liberado, três meses após a prisão, graças à sua própria argúcia.



Verbete sobre Impressão – Enciclopédia de Diderot e D'Alembert (ed. 1751 a 1772)

O bom trânsito de que Araújo desfrutava em Paris era devido ao alinhamento com os ideais iluministas dos maçons, artífices da Revolução Francesa. Em sua cidade natal, em Portugal, havia fundado a sociedade Amigos do Bem Público, em cujo emblema figuravam três colunas em triângulo, de uma das quais pendia um compasso e um

esquadro.² A maçonaria estava em franca expansão, tanto em Portugal como no Brasil, seguindo o que havia ocorrido na Inglaterra e na França. Neste país nasceu, graças a Denis Diderot (1713 – 1784) e Jean le Rond D’Alembert (1717 – 1783), a primeira enciclopédia, uma das principais realizações de inspiração iluminista, organizada para democratizar o saber, antes privilégio dos nobres e clérigos.



François-Louis-Joseph Watteau – Battle of the Pyramids (1798-1799)

Quando nasceu Dom Pedro, Napoleão encontrava-se em plena campanha no Egito, destino que havia atraído, em outras eras, Alexandre, o Grande. A razão objetiva da missão era a de interromper a rota dos ingleses para a Índia, comércio lucrativo alimentado pela popularidade das especiarias. “Para destruir verdadeiramente a Inglaterra, é preciso dominar o Egito”, havia escrito Napoleão ao Diretório, que endossou a ideia. A missão era de natureza militar, mas Napoleão, maçom como os enciclopedistas e a maior parte dos homens

políticos de seu tempo, intencionou conquistar os egípcios pelo conhecimento. Com esse objetivo, foi acompanhado, ao todo, por 167 naturalistas, matemáticos, artistas, engenheiros, arquitetos, que estudaram a fundo a civilização do Egito. Em agosto de 1798, Bonaparte criou o Instituto do Egito, que incorporou todos os cientistas da expedição. Os franceses introduziram, ainda, a técnica da impressão e, pela primeira vez, foi possível produzir publicações em alfabeto árabe.

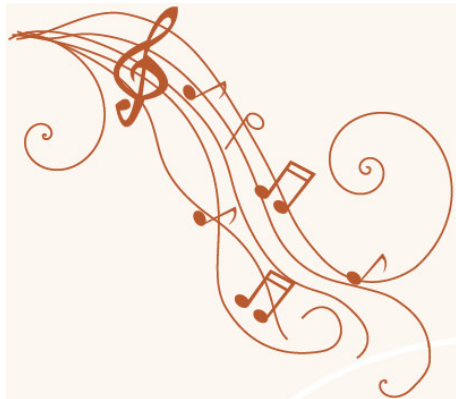
Napoleão deixou o Egito em 1799, após fragorosas derrotas militares como a infligida pelo Almirante Nelson, na baía de Aboukir, que ceifou a vida de mil e setecentos marinheiros e pôs a pique quase toda a esquadra francesa. Derrota militar, mas vitória do saber, pois a Pedra de Roseta – o maior de todos os troféus – possibilitou a decodificação dos hieróglifos, descortinando os saberes do antigo mundo egípcio ao Ocidente. Assim, mesmo com a derrota, a campanha do Egito consagrou Napoleão como um dos grandes conquistadores da História. Seria para sempre um modelo para o Príncipe D. Pedro.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Olhar o mapa da Europa, localizar Portugal e Queluz;
- Pesquisar sobre D. Pedro d’Alcântara de Bragança e Bourbon, o príncipe D. João e D. Carlota Joaquina, observar as imagens;
- Pesquisar sobre o Palácio de Queluz e o quarto em que nasceu Dom Pedro, em cujas paredes e teto estão estampadas as aventuras do personagem do livro *Dom Quixote*;
- Observar a figura do quarto de D. Pedro IV de Portugal, no Palácio de Queluz, pintado por Ferdinand le Feubure, e imaginar os sons do interior do ambiente e os sons que vinham do exterior: pássaros? Cavalos? Vozes? Água? Música?

- Assistir a um trecho da ópera *Dom Quichotte*, de Jules Massenet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uYi63psjaZ4>.
- Ouvir áudios e gravações; e assistir a vídeos, filmes e séries que retratam o final do século XVIII e início do século XIX, período de nascimento de D. Pedro;
- Pesquisar sobre o militar Napoleão Bonaparte;
- Observar o quadro de François-Louis-Joseph Watteau sobre a Batalha das Pirâmides (1798-1799). Listar todos os sons que poderiam fazer parte desta cena, como relinchos de cavalos, tiros de canhões, vozes, gritos e espadas;
- Criar a trilha sonora para o quadro acima;
- Pesquisar sobre composições orquestrais ou jogos interativos que simulem batalhas e guerras

² OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. *História da Maçonaria em Portugal*. Vol. I. Das Origens ao Triunfo. Editorial Presença. Lisboa, 1989. P. 307.



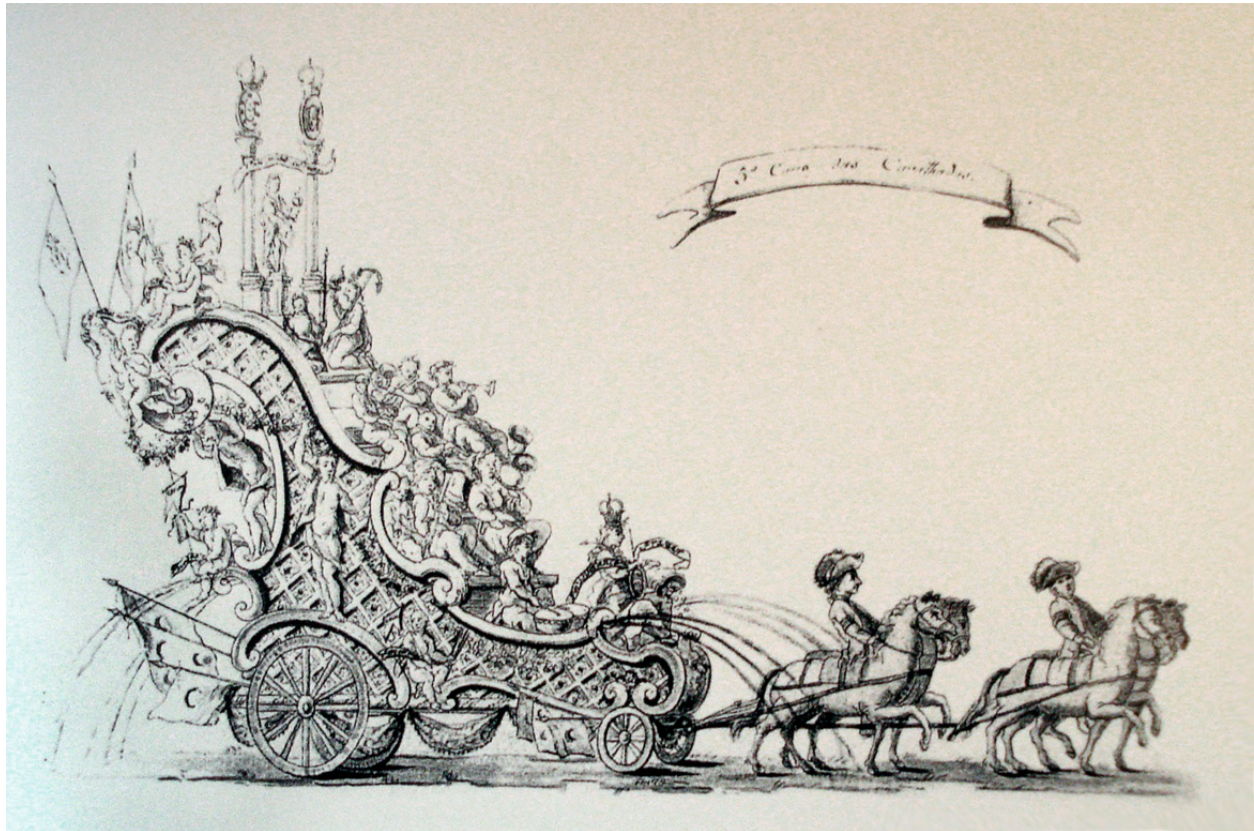
2.
O OURO
COMPRA A PAZ



Durante a primeira infância de D. Pedro, os conflitos entre os países europeus se agravaram. A expedição de Napoleão ao Egito havia sido considerada pelo Império Otomano como uma intrusão, motivando a coalisão deste com a Rússia, contra a França, formalizada em 23 de dezembro de 1798. Seis dias depois, a aliança se estendeu à Inglaterra e às Duas Sicílias, com o propósito de intervir na Itália, então sob dominação francesa. A Áustria buscava manter-se neutra, porém, ao franquear o território à passagem das tropas russas, viu-se confrontada com a guerra, declarada pela França em 12 de março de 1799.³



Manuel Dias de Oliveira (1764-1837) – Retrato de D. João VI e D. Carlota Joaquina (entre 1810 e 1820)



Antônio Francisco Soares – Carro das Cavalhadas, o quinto de seis construídos para as comemorações, no Rio de Janeiro, em 1786, do casamento de D. João e D. Carlota Joaquina. Nota-se a presença de diversos instrumentos musicais.⁴

O confronto com a Espanha, conhecido como a Guerra das Laranjas, deu-se no Alentejo, região famosa pelas suculentas frutas, colhidas pelos soldados a pedido do ministro espanhol. Graças às habilidades dos negociadores, o conflito não teve maiores consequências. Em 14 de junho foi assinado um primeiro Tratado de Paz, o de Badajós, por D. João e, em seguida, por D. Carlos IV, não ratificado por Napoleão. Este exigia a entrega de navios portugueses que haviam participado de operações navais contra a França e a ocupação de parte do território português. Como forma de pressão, Napoleão enviou à Espanha mais tropas francesas, cujo efetivo chegou a atingir o número de 30 mil homens. Tudo apontava para o reinício das hostilidades, mas, apesar da coação francesa, a Espanha manteve-se fiel ao tratado assinado, e D. Carlos IV

fez saber a Napoleão que não empreenderia uma nova guerra contra Portugal.

Foram reiniciadas as negociações com a França e, em 29 de setembro de 1801, foi assinado o Tratado de Madrid, que pôs fim à Guerra. D. João concordou em ceder Olivença à Espanha e parte das terras do Amapá à Guiana Francesa, e comprometeu-se a fechar os portos aos navios ingleses, promessa “para francês ver”.



D. Pedro de Alcântara, Príncipe da Beira – pastel pintado em 1804 por sua tia-avó, a Princesa D. Maria Francisca Benedita de Bragança

Paz estabelecida, Azevedo foi designado Ministro Plenipotenciário em São Petersburgo, na Rússia, cargo que ocupou de 1802 a 1803, quando foi outra vez chamado a Lisboa, pois havia novas ameaças no horizonte. Os franceses exigiam o sequestro dos bens e a detenção dos ingleses que viviam em território português. No Conselho de Estado, reunido em 18

de agosto de 1803, D. Rodrigo de Sousa Coutinho defendeu o confronto e a retirada estratégica para as Américas no caso de uma eventual derrota: “... depois de devastado por uma longa e sanguinolenta guerra, ainda resta ao seu soberano, e aos seus povos o irem criar um poderoso ”império no Brasil”.⁵ Foi vencido por Azevedo, que continuou a insistir na neutralidade: Portugal unia-se ao Bloqueio Continental, fechando os portos aos navios britânicos, mas não aceitava as demais condições. E assim ia sendo protelada a guerra com os franceses.

Durante esses momentos de grande turbulência, o pequeno D. Pedro pouco convivia com o pai, que, para se distanciar ao máximo de D. Carlota Joaquina, passava grandes períodos no palácio de Mafra, a quarenta quilômetros de Lisboa. Construído por ordem de D. João V (1689 – 1750), avô de D. João VI, no princípio do século XVIII, era um símbolo da afirmação da Corte lisboeta, naquele momento uma das mais ricas da Europa, graças ao ouro proveniente do Brasil. A Basílica do Complexo é a única no mundo a possuir seis órgãos, encomendados ao mais conceituado organeiro português da época – António Xavier Machado de Cerveira – por D. João, tão logo se tornou Príncipe regente em 1792. Na preciosa biblioteca de Mafra, estão guardados inúmeros volumes de partituras dedicadas a esse inusitado conjunto de instrumentos. Como seu antepassado, D. João apreciava sobremaneira as cerimônias de igreja, em particular a música que as acompanhava, e durante toda a sua existência, sempre zelou para que fosse executada com a maior perfeição. A propósito de sua predileção pela música litúrgica, falava um dito de época: “Que fazes João?! Faço o que me dizem/ Como o que me dão/ E vou para Mafra/ Cantar Cantochão”.⁶



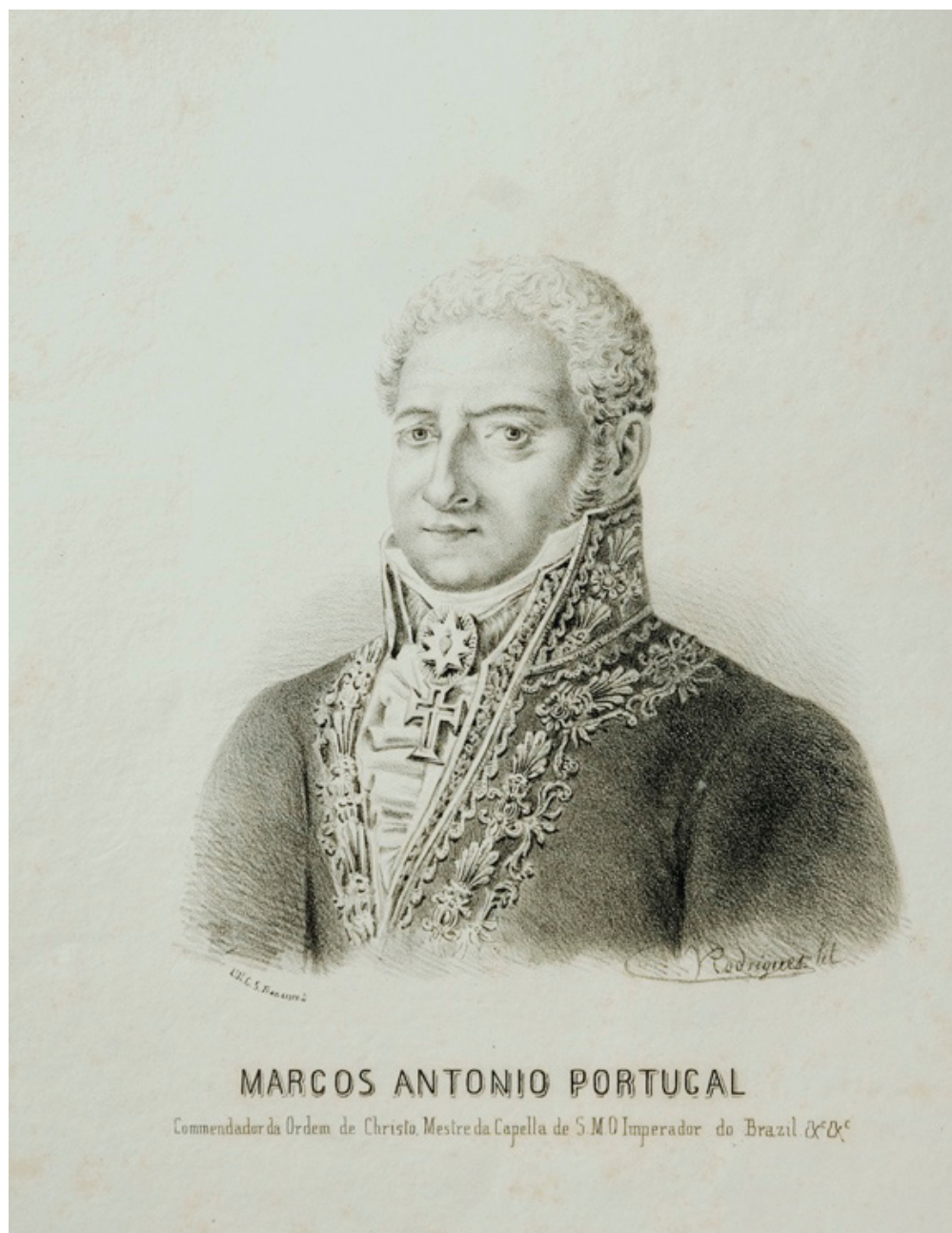
Convento de Mafra antes de 1755 – autor desconhecido.

A comunicação com D. Carlota se dava por cartas, como aponta o fragmento datado de 18 de agosto de 1805:

*... A festa esteve boa, cantou-se a missa de Marcos e agora mesmo que são 3 1/2 da tarde que faço esta, se acabou o refeitório. [...]*⁷

Em Mafra, D. João desfrutava do convívio com seu compositor favorito, considerado quase um irmão: Marcos Antônio da Fonseca Portugal (1762 – 1830), aplaudido nas principais metrópoles europeias pela qualidade de suas óperas. Dentre suas obras sacras mais difundidas

estão as 25 que escreveu para os seis órgãos de Mafra, no período de 1804 a 1807.⁸



Nesse mesmo período, em 1804, Marcos “Portogallo”, como era conhecido na Itália, estreava sua ópera *O Ouro não compra amor* no Teatro São Carlos, em Lisboa. Durante quinze anos, a obra foi montada em cerca de trinta teatros italianos, com mais de quatrocentas

apresentações, o maior sucesso de toda a sua carreira. A trama se assemelha à de D. Giovanni, de Mozart. Um grande senhor, Dom Alberto, tenta seduzir com dinheiro a criada Lisetta, apaixonada por Giorgio. Ao contrário da Zerlina, do libreto de Lorenzo da Ponte, que só cede quando sequestrada, Lisetta mostra-se disposta a satisfazer os desejos de Dom Alberto e convence Giorgio de suas “boas” intenções.⁹ Além de maestro do Teatro de São Carlos, Marcos Portugal era também o professor de música do Príncipe D. Pedro e de suas irmãs, D. Maria Isabel, D. Maria Francisca e D. Isabel Maria, para cujas aulas transcrevia árias de suas óperas.

Se o ouro não compra amor, pode comprar a paz e, ao fim de três meses de tergiversações, em março de 1804, finalmente é assinada em Lisboa a convenção de neutralidade, segundo a qual a Corte Portuguesa pagaria aos franceses 16 milhões de libras para evitar a guerra.

Dois meses depois, em maio de 1804, Napoleão se declara Imperador, fato celebrado em Lisboa com um *Te Deum* de autoria de Marcos Portugal, encomendado pelo General Lannes, representante francês junto a Lisboa. Seguiu-se um sarau em que o próprio Marcos acompanhou os cantores ao piano.

Arestas mais uma vez aparadas, Napoleão coroado, um novo representante francês junto ao reino de Portugal foi designado em 1805: Jean-Andoche Junot (1771 – 1813). Para a apresentação à Corte, no Palácio de Queluz, o novo embaixador e sua esposa se paramentaram na melhor tradição da Corte do Rei Sol, com grande luxo e ostentação. Junot portava uniforme militar de gala, de cor azul, ricamente bordado em ouro, jaqueta adornada com pele de raposa. Caindo sobre o ombro esquerdo, um manto branco com debruns vermelhos e, nas mangas, as divisas douradas de sua categoria de general comandante dos hussardos. Um penacho de garça, presente da Imperatriz Josefina, adornava o

barrete o shako que não tirou da cabeça nem em presença dos Príncipes.¹⁰ A aparição causou tal efeito no Príncipe D. Pedro, então com 6 anos, que D. João foi obrigado a encomendar-lhe uma imitação da farda, com a qual queria sempre estar vestido. Nasce no jovem Príncipe a admiração que nunca cessaria pelo Imperador inimigo de seu país.

A cada movimento de Napoleão definia-se o futuro das nações e delineava-se o de D. Pedro e o do Brasil. A ambição do Imperador francês se estendeu à Áustria, Prússia e Rússia, sucessivamente derrotadas nos anos seguintes. Só a Inglaterra ainda criava obstáculos aos planos de ampliar o seu grande império, enquanto Napoleão planejava asfixiar comercialmente o adversário. O golpe mais duro foi o Bloqueio Continental, decretado em 21 de novembro de 1806, que obrigava todos os portos dos países aliados – Espanha incluída – serem fechados aos navios ingleses. Mais uma vez, Portugal estava ameaçado...

Para saber mais: propostas de atividades!

- Observar o mapa mundial; localizar Portugal, Espanha e Brasil;
- Observar o desenho de Um dos seis “magníficos carros” construídos para o desfile no Passeio Público (Rio de Janeiro), em 2 de fevereiro de 1786, em comemoração ao casamento de D. João e D. Carlota Joaquina. Note-se a presença de diversos instrumentos musicais. Quais instrumentos podem ser identificados? Quais músicas estariam tocando?;
- Pesquisar sobre as músicas tocadas nas cerimônias de casamento no século XVIII;
- Pesquisar a localização do palácio de Mafra;
- Observar os sinos na figura que apresenta a fachada principal do Convento de Mafra;

- Visitar o site <https://musicabrazilis.org.br/instrumentos/orgao>, ler sobre o órgão, ver as imagens e assistir ao vídeo do órgão da Matriz de Santo Antônio, em Tiradentes (MG): <https://youtu.be/qCiknP33Q2k>
- Desenhar um órgão. Quantos tubos poderia ter o seu órgão?;
- Pesquisar sobre as músicas das cerimônias de igreja. Será que todas as religiões cantam e tocam em suas cerimônias ou em seus cultos (nascimentos, casamentos e funerais)?;
- Observar a figura de Marcos Antônio Portugal e estudar sobre ele na página <https://musicabrazilis.org.br/compositores/marcos-portugal>;
- Marcos Portugal era maestro do Teatro de São Carlos. Pesquisar qual a função de um maestro em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maestro>;
- Observar no vídeo os gestos da maestrina Ligia Amadio na composição de Marcos Portugal <https://www.youtube.com/watch?v=YiKG7uiodjo&t=23s>;
- Ouvir uma música e brincar de Maestro;
- Conversar e refletir sobre a função de um professor de música;
- Pesquisar sobre o significado de uma ária em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ria>;
- Ver a partitura e assistir ao vídeo da ária *O lingua Benedicta*, de José Rodrigues Domingues de Meireles em <https://musicabrazilis.org.br/partituras/jose-rodrigues-domingues-de-meireles-o-lingua-benedicta>;
- Pesquisar sobre ópera em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pera>;

- Ver a partitura completa da ópera *Il Guarany*, de Antônio Carlos Gomes, e assistir ao vídeo em <https://musicabrasilis.org.br/partituras/carlos-gomes-il-guarany>;
- Pesquisar sobre o significado de *Te Deum* em https://pt.wikipedia.org/wiki/Te_Deum;
- Organizar um sarau no qual cada pessoa possa se apresentar artisticamente, cantando, recitando ou dramatizando (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarau>);
- Pesquisar sobre o instrumento musical piano. Ver a imagem dele e assistir ao vídeo em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/piano>.

³ Guerre de la deuxième coalition. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Guerre_de_la_deuxi%C3%A8me_coalition>. Acesso em 27 fev. 2023.

⁴ Antônio Francisco Soares – Carros alegóricos. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ant%C3%B4nio_Francisco_Soares_-_Carros_aleg%C3%B3ricos_-_1786.jpg>. Acesso em 27 fev. 2023.

⁵ *Memória sobre a mudança da sede da Monarquia* (1803). *Coleção Linhares*. Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. I-34, 29, 22. Apud Maria de Lourdes Viana Lyra. *A Utopia do Poderoso império*. Ed. Sette Letras. 1994, p. 110.

⁶ VASCONCELOS, Joaquim de. Os músicos portugueses. Port: Imprensa portuguesa. 1870. V. 1, p. 127. Apud. Cardoso, p. 181.

⁷ Museu Imperial de Petrópolis, Arquivo da Casa Imperial do Brasil, I-17-08-1805-JVI. P. c 1-3, apud António Jorge Marques. *D. João VI and Marcos Portugal: the Brazilian period. 2005*. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llil/epa/springo5/missa/marques.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2023.

⁸ António Jorge Marques. *A obra religiosa: generalidades, perspectivas, indagações*. In David Cranmer. *Marcos Portugal: uma reavaliação*. Edições Colibri, Lisboa, 2012. P. 335.

⁹ Marco Beghelli. *L'oro non compra amore; de Veneza a Lisboa*. In David Cranmer. *Marcos Portugal: uma reavaliação*. Edições Colibri, Lisboa, 2012. pp. 257-276.

¹⁰ Neill Macaulay. *Dom Pedro I – A luta pela liberdade no Brasil e em Portugal 1798 – 1834*, Ed. Record, 1993, pp. 18-19.



3. IÇAR VELAS



Meu senhor irmão e primo,

Observo a paz do Continente, sobre a qual recebo com prazer as felicitações de Vossa Alteza Real, como um caminho para se obter a paz marítima.

Todas as medidas que tomei tendem a restabelecê-la; estão sendo adotadas por cada País que tem, como Portugal, um interesse direto a fazer respeitar pela Inglaterra sua independência e seus direitos.

Nenhuma meia-medida teria o mesmo sucesso e o mesmo caráter de adesão à causa comum, e Vossa Alteza Real vê-se obrigado pelos acontecimentos a escolher entre o Continente e os Insulares. [...]

(carta de Napoleão a D. João, 8/9/1807)¹¹

Como o ultimato de Napoleão não admitia evasivas, D. João respondeu de pronto: abraçaria a causa do Continente e fecharia os portos aos navios ingleses no intuito de contribuir à paz marítima. Entretanto, D. João não sabia que o cetro português já tinha destinatário. Dois meses antes, havia sido assinado, entre a França e a Rússia, o secreto Tratado de Tilsit, cujo artigo 2º decretava o fim da Dinastia de Bragança. Para reinar Portugal, Napoleão nomearia um membro de sua família.¹²

Frente à ameaça, D. João passou a considerar a ideia do deslocamento da Corte portuguesa para o Brasil, decisão já aventada em outras ocasiões em que Portugal estivera ameaçado. Mais de um conselheiro do Príncipe regente havia defendido a ideia:

V.A.R. tem um grande Império no Brasil, e o mesmo inimigo que ataca agora com tanta vantagem, talvez que trema, e mude de projeto, se

V.A.R. o ameaçar de que se dispõe a ser imperador naquele vasto território, de onde pode facilmente conquistar as colônias espanholas e aterrar em pouco tempo as de todas as potências da Europa. Portanto, é preciso que V.A.R. mande armar com toda a pressa os seus navios de guerra, e todos os de transporte, que se acharem na Praça de Lisboa – que meta neles a Princesa, os seus Filhos, e os seus tesouros, e que ponha tudo isto pronto a partir... e a Nação Portuguesa sempre ficará sendo Nação Portuguesa... Dizem que é malvisto todo o homem que aconselha isto a V.A.R. mas como assento que é a melhor coisa que lhe posso dizer, digo-lhe. [...]

(Marquês de Alorna a D. João, 30 de maio de 1801)¹³

Na condição de aliados, os ingleses tinham grande interesse na transferência da Corte portuguesa, pois já haviam negociado a abertura dos portos da colônia aos seus produtos, como contrapartida pela escolta à esquadra. A Inglaterra seria largamente recompensada pelos prejuízos advindos das restrições impostas por Napoleão: o Bloqueio Continental.

Muitos meses antes da partida, já estavam em curso preparativos para uma possível transmigração da Corte para o Brasil, mantidos em segredo para não alertar os franceses e evitar o pânico entre os súditos portugueses. Quando a notícia das providências veio a público, tratou-se de fazer crer que as naus transportariam à colônia o Príncipe D. Pedro, então com 8 anos, e duas de suas irmãs. Tudo não passava, mais uma vez, de simulacro. D. João teria comentado com D. Maria I sobre a partida antecipada do filho e dela ouviu: “... ou vamos todos ou não vai nenhum; como se escreveu ultimamente para a França, espera-se a resposta, e segundo o que vier, disporás a jornada.”¹⁴



Embarque da Família Real para o Brasil (1807) – Nicolas-Louis Albert Delerive, attrib. (Museu Nacional dos Coches)

A aparente indecisão de D. João, na verdade, dissimulava sua perspicácia, pois costurava acordos secretos com os ingleses, enquanto forjava acatar as ordens do Imperador francês. Assim, em 22 de outubro de 1807, assinou o decreto relativo ao fechamento dos portos portugueses aos navios ingleses.

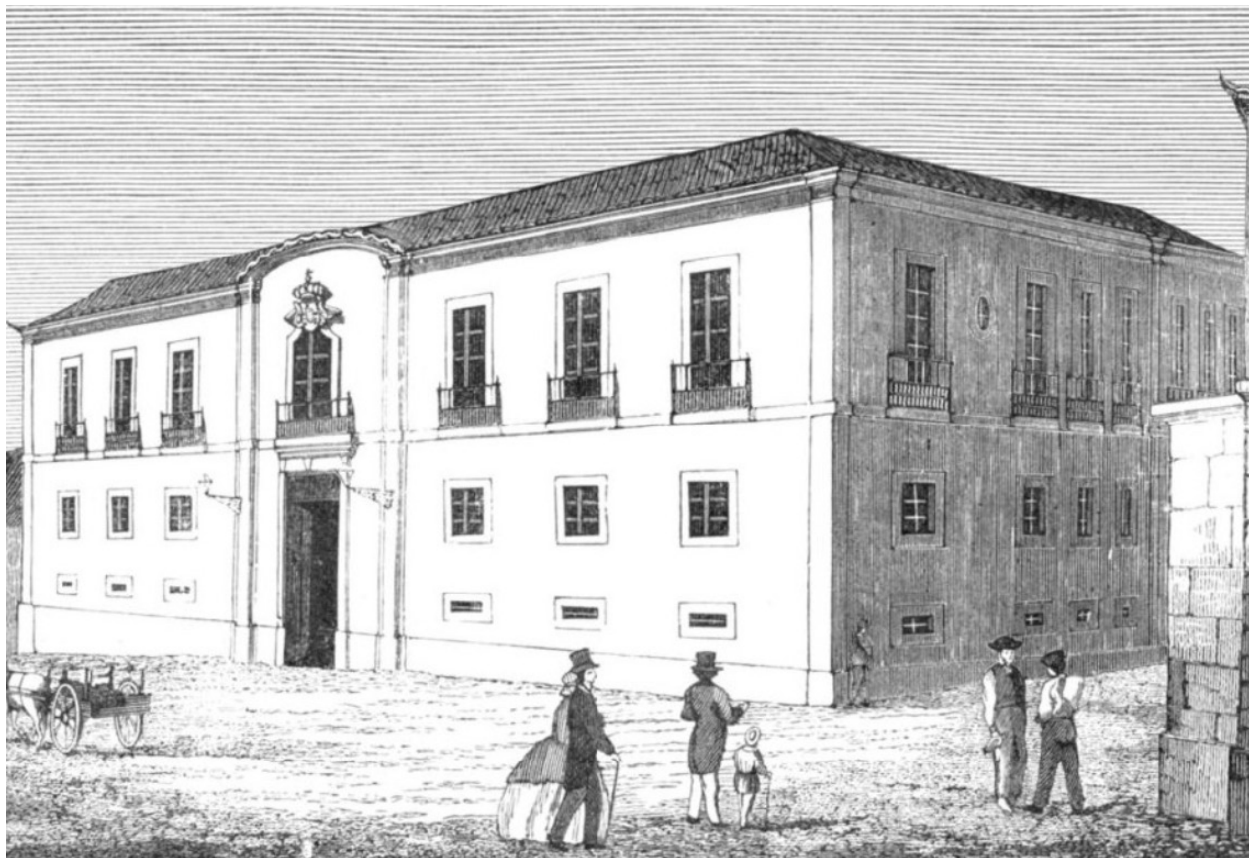
A partida estava decidida, mas havia divergências quanto à ação frente às tropas francesas, cada vez mais próximas de Lisboa. O Ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho o Conde de Linhares propunha a guerra, a resistência pelas tropas portuguesas e a partida somente após a inevitável derrota. O secretário António de Araújo de Azevedo advertia, todavia, sobre o risco de Portugal ser dizimado pelo exército napoleônico, e, por esse motivo, defendia a transladação da Corte antes

do embate, o que lhe custou o apelido de “o afrancesado”. Mais uma vez se opunham os dois mais brilhantes conselheiros de D. João. Não sabia Linhares que Araújo de Azevedo havia aconselhado o Príncipe a tentar um acordo com Junot, o comandante das tropas francesas invasoras: um acordo de não agressão.

Inclinado à não confrontação, D. João estabelece, mais uma vez, correspondência secreta com Araújo de Azevedo. Apenas ele, o Visconde de Anadia e o secretário particular do regente, o futuro Marquês de Santo Amaro, dividiam o segredo de Estado. A verdade só foi conhecida, até mesmo pela família real, apenas dez dias antes do embarque.¹⁵ Em 26 de novembro de 1807, o decreto do Príncipe tornou pública a decisão:

*Tendo procurado por todos os meios possíveis conservar a neutralidade [...] vejo que pelo interior do meu Reino marcham tropas do imperador dos franceses [...] querendo eu evitar as funestas consequências [...] contra minha real pessoa e [crendo] que meus leais vassallos serão menos inquietados, ausentando-me eu deste Reino.*¹⁶

Os acelerados preparativos não impediram D. João de pensar na bagagem, sendo a Real Livraria a origem da coleção da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a carga de maior valor. Por sua vez, Araújo de Azevedo, além de sua própria coleção de livros, embarcou a prensa, tipos e prelos encomendados a Londres. Esse material possibilitaria a fundação, no Brasil, da Impressão Régia nos porões de sua futura casa na rua do Passeio. Esses homens letrados traziam seus mais preciosos legados com a intenção de fundar uma civilização neste lado do Atlântico, onde almejavam, quiçá, permanecer para sempre.



Solar do Conde da Barca na Rua do Passeio (Rio de Janeiro), sede da Impressão Régia

No dia seguinte ao decreto de partida, em 27 de novembro de 1807, estimadas quinze mil pessoas embarcaram na Esquadra de oito naus, três fragatas, dois brigues, uma escuna de guerra, uma charrua de mantimentos e mais de vinte navios mercantes da Marinha Nacional. O pequeno D. Pedro e seu irmão D. Miguel viajaram na mesma fragata que o pai, D. João. A frota esperou por ventos favoráveis durante dois dias, tendo partido em 29 de novembro de 1807, quando as tropas de Junot já se encontravam às portas de Lisboa.

Araújo de Azevedo perdeu o cargo de secretário, mas nunca a confiança de D. João, a quem sempre apoiou e aconselhou. Deve-se aos dois o sucesso da empresa que conservou a Coroa portuguesa em mãos bragantinas.

Anos depois, Napoleão assim se referiu a D. João: “Foi o único que me enganou”.¹⁷

Para saber mais: propostas de atividades!

- Localizar em um o Cais de Belém, no Rio Tejo, em Lisboa;
- Observar o quadro *Embarque da Família Real para o Brasil*, de Nicolas-Louis Albert Delerive (Museu Nacional dos Coches);
- Listar todos os sons que podemos “ouvir” no quadro, como água, vozes de adultos, cordas, madeiras, remos, choro de crianças e adultos, animais, latidos de cachorro, objetos caindo no chão, baús caindo na água etc.;
- Criar uma sequência de sons e dramatizar sonoramente o quadro;
- Pensar em uma trilha sonora de despedida; cantar e tocar o repertório escolhido;
- Observar o quadro *Solar do Conde da Barca*, na Rua do Passeio (Rio de Janeiro), sede da Imprensa Régia;
- Listar os sons que podemos “ouvir” nesa figura do século XIX, como carroça, pessoas falando, portas batendo, vento, janelas abrindo, vozes infantis, vozes de adultos conversando, passos etc.;
- Comparar com uma cena no Rio de Janeiro no século XXI. Quais sons seriam incorporados? Quais sons seriam retirados?

¹¹ Carta de Napoleão a D. João, 8 set. 1807, apud MALAFAIA, opus cit., p. 355.

¹² Tratados de Tilsit. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratados_de_Tilsit#O_Tratado_secreto_de_Tilsit_e_Portugal>. Acesso em 28 fev. 2023.

¹³ NORTON, Luiz. 1938. *A Corte de Portugal no Brasil*. pp. 15-16

¹⁴ MALAFAIA, opus cit., p. 383.

¹⁵ Malafaia, opus cit. pp. 382-383.

¹⁶ NORTON, opus cit. pp. 28-29

¹⁷ "Merci Napoléon", disent les Brésiliens, par Jean-Pierre Langellier". Disponível em: <https://www.lemonde.fr/idees/article/2008/03/05/merci-napoleon-disent-les-bresiliens-par-jean-pierre-langellier_1019050_3232.html>. Acesso em 02 mar. 2023.



4. MISSAS FESTIVAS



Travessia épica a do Atlântico, oceano a ser vencido apesar dos perigos para além da força que as águas profundas guardam; além da escassez dos alimentos, e das temíveis doenças a bordo. Para a Coroa portuguesa, aquela seria uma viagem inédita, cuja aventura semelhante fora descrita em “Eneida”, poema do romano Virgílio – século I A.C. –, a mais antiga narrativa literária da cultura latina, cujos versos retratam feitos grandiosos do herói mítico Enéas.

D. Pedro, seu filho ainda menino, teria o imaginário para sempre fecundado pela obra a ele apresentada por Frei Antônio de Arrábida, seu mestre desde Lisboa até o Rio de Janeiro. Embarcado na mesma fragata com D. João e seus filhos, imagina-se que o frei tenha aproveitado todas as oportunidades para se debruçar sobre a “Eneida” a fim de nutrir o imaginário de seu pupilo. Para D. Pedro, o pai representava o próprio Enéas, herói mítico que atravessou o oceano em direção ao Ocidente para fundar uma nova civilização com a união de dois povos. Laços entre D. João e o filho certamente se estreitaram ao longo da viagem.

A frota portuguesa foi escoltada durante todo o trajeto pelos navios britânicos, que dominavam os mares à época. Logo nos primeiros dias, face às tempestades, os ingleses socorreram as naus portuguesas mais sobrecarregadas, e também providenciaram víveres. O almirante, Sir Sidney Smith, convidou D. João a se transferir para um navio inglês, que oferecia maior segurança à travessia. Contrariando a proposta do almirante britânico, D. Pedro afirmou: “Pai, se a desgraça nos forçou a abandonar os portugueses, por amor a eles mesmos e a fim de evitar que corresse sangue tão precioso numa luta desigual, nosso dever e nossa honra exigem que não nos separemos dos restos de Portugal no meio dos perigos do oceano; nosso destino está vinculado ao navio que nos

transporta e deixá-lo seria tornar-nos culpados de uma injúria nacional”.¹

8

A chegada ocorreu em Salvador, Bahia, em 22 de janeiro de 1808, e a família foi saudada com regozijo e missas festivas, multiplicando a admiração do pequeno D. Pedro pelo pai, recebido como herói. Ato contínuo, D. João assina o decreto de abertura dos portos às nações amigas, pagando, assim, o tributo aos ingleses pela escolta durante a travessia. Por influência do médico da Corte, dr. Manoel Luiz Álvares de Carvalho (1751 – 1825), soteropolitano de origem e formado em Coimbra, em 18 de fevereiro de 1808, é criada a Escola de Cirurgia, embrião da Faculdade de Medicina da Bahia, a primeira instituição de ensino superior no Brasil. Durante a estadia em Salvador, D. João teve a oportunidade de apreciar diversas performances do principal compositor local, Damião Barbosa de Araújo (1778 – 1856), imediatamente convidado a se transferir para o Rio de Janeiro. Em 24 de fevereiro, pouco mais de um mês após a chegada, D. João e sua comitiva embarcaram novamente, dessa vez rumo ao Rio de Janeiro.



Baía de Botafogo (1822) – Henry Chamberlain

Em 7 de março do ano de 1808, a esquadra adentrou a Baía de Guanabara, que brindou os recém-chegados com uma paisagem de beleza incomparável, coroada pelo maciço de montanhas. Como de hábito, o sucesso da transladação deveria ser comemorado com uma Missa de Ação de Graças na Sé, Catedral da cidade, na ocasião sediada na Igreja do Rosário, distante do cais, à qual se chegava por ruas sujas e não pavimentadas. O Vice-Rei deslocou a cerimônia para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, bem mais próxima do local do desembarque. Em vão, pois, respeitador do protocolo, o Príncipe real exigiu que a Ação de Graças acontecesse na sede da igreja. Houve um alvoroço e trabalhou-se durante toda a noite de 7 a 8 de março para transferir novamente para a Igreja do Rosário tudo o que havia sido preparado para a Igreja do Carmo.



Largo do Paço no Rio de Janeiro (1834) – Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848) – ao fundo, se vê a Igreja do Carmo

Apesar do calor e do desconforto do trajeto, há testemunhos da fisionomia sorridente de D. João, ao contrário da carranca que ostentava D. Carlota Joaquina. O povo manifestou sua alegria lançando flores pelas janelas, aos sons de repiques de sinos e disparos de canhões. O que se passou na Sé nos é contado por Luís Gonçalves dos Santos, por sua feiura apelidado de “Padre Perereca”, em suas *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil*, primeira publicação em 1825, em Lisboa:¹⁹

O templo se achava decentemente ornado e esclarecido com profusão de luzes; uma grande orquestra rompeu em melodiosos cânticos, logo que entrou S.A.R. com a sua augusta família; e ao som dos instrumentos e vozes que ressoavam pelo santuário, caminhou o Príncipe Regente Nosso Senhor com muito vagar, e custo, por causa do imenso concurso, que dentro da igreja se achava, até ao altar do Santíssimo Sacramento, e ali, saindo de baixo do pátio juntamente com as mais pessoas reais, se prostrou com a real consorte, e os augustos filhos, e filhas, ante o trono da Majestade Divina; entretanto cantavam os músicos o hino “Te Deum Laudamus”, e incluído o verso “Te ergo” etc., se levantou Sua Alteza com a real família, e se dirigiu para a o altar-mor igualmente debaixo do pátio, onde pondo-se Suas Altezas outra vez de joelhos sobre almofadas, que também naquele lugar estavam colocadas, renderam as

suas homenagens à Santíssima Virgem Nossa Senhora, e ao glorioso mártir São Sebastião, padroeiro da cidade. Concluído o hino de graças e cantadas as antífonas “Sub tuum praesidium”, “O Beate Sebastiane”, entoou o revmo. chantre o verso “Domine, salvum fac Principem” etc., e cantou as orações respectivas a este ato, como prescreve o cerimonial. Concluída esta sagrada cerimônia, levantaram-se Suas Altezas, e benignamente deram a mão a beijar a todos quantos se aproximavam às suas reais pessoas, sem preferência, nem exclusão de alguém.²⁰



José Mauricio Nunes Garcia – retrato de autoria de seu filho

O *Te Deum* e as outras peças musicais de caráter festivo tocadas durante a Missa de Ação de Graças eram de autoria de José Mauricio Nunes Garcia (1767 – 1830), que dirigia os músicos e o coro. O Príncipe regente, apreciador da música sobre todas as artes, ficou agradavelmente surpreso com a qualidade do que ouviu. Na colônia tropical, tão distante das metrópoles europeias, residia um músico de grande valor, cuja música deslumbrou todos os que assistiram à cerimônia.

D. João rendeu-se às evidências e decidiu transferir a Sé para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo – mais próxima do Paço, onde passou a residir com a família –, além de elevá-la à dignidade de “Capela Real”, conforme o alvará de 15 de junho de 1808:

... não querendo perder nunca o antiquíssimo costume de manter junto ao meu Real Palácio uma Capela Real, não só para maior comodidade e edificação de minha real família, mas sobretudo para maior decência e esplendor do culto divino e glória de Deus...; fui servido adotar o plano que nas presentes circunstâncias mais conviesse, ordenando a este respeito o seguinte:

Que o Cabido da Catedral seja logo com a possível brevidade transferido com todas as pessoas, cantores e ministros de que se compõe no estado atual em que se acha na Igreja da Confraria do Rosário para a igreja que foi dos religiosos do Carmo, contígua ao Real Palácio.²¹

A Capela Real incorporou todos os músicos locais e os portugueses vindos com a Corte e que haviam servido à instituição congênere da metrópole. À frente, como mestre de capela e organista, o Príncipe regente nomeou José Maurício, que ocuparia aquela posição até a morte. Reconhecendo o valor do músico, D. João lhe destinou o generoso soldo de 600 mil réis, valor idêntico ao que remunerava Marcos Portugal como Mestre do Seminário e Compositor da Sé da Patriarcal em Lisboa.²² A tarefa, entretanto, era exaustiva, frente ao grande número de funções litúrgicas diárias, cerca de uma centena de comemorações ao longo do ano, aniversários e falecimentos da família real e acontecimentos políticos marcantes. A música participava do ato religioso em maior ou menor proporção, conforme a ordem hierárquica em que se enquadrava a solenidade.

A Corte portuguesa se rebelou contra a escolha de José Maurício, pois o padre padecia do “defeito de cor”, expressão que, à época, designava aqueles cuja tez não era branca. Em resposta, D. João outorgou-lhe, no ano seguinte, o hábito da Ordem de Cristo, reafirmando a importância daquele que foi o principal músico brasileiro do período.

Estima-se que, ao longo dos treze anos em que residiu no Rio de Janeiro, D. João tenha contratado pelo menos 137 músicos europeus compositores, cantores, instrumentistas, sempre com o propósito de enriquecer e aperfeiçoar as práticas musicais.²³ Utilizava seus próprios recursos – os do “real bolsinho” – para complementar os salários dos músicos ou financiar a compra de papel pautado. Os primeiros a chegar ao Rio, em 1809, foram os tenores portugueses António Pedro Gonçalves e os três irmãos Mazziotti: João, Carlos e Fortunato, este último alçado posteriormente à posição de segundo Mestre da Capela Real.

Grande alvoroço causou no Rio de Janeiro a chegada, em 1810, dos cantores italianos *castrati*: Giuseppe Capranica, Antonio Cicconi e Giuseppe Gori. Até então, como as mulheres eram proibidas de cantar em igrejas – *mulier tacet in ecclesia* –, os solos das vozes agudas eram realizados por meninos, cuja extensão vocal era restrita. A primeira obra de José Maurício – *Tota Pulchra es Maria* –, escrita quando tinha apenas 16 anos, ilustra esta limitação: a parte solo de soprano reduzida a uma extensão de quinta. Emasculados ainda crianças, antes que suas vozes mudassem de registro, os *castrati* eram capazes de alcançar uma extensão de três oitavas, seis vezes maior que a atingida por meninos não submetidos à castração. Além de exímios improvisadores, eram capazes de ornamentar as melodias com rebuscados floreios.

Eu admirava... a decoração dessa igrejinha toda forrada de panos de seda bordada a ouro, e muito bem iluminada por um número infinito de

*velas e círios, quando encantadoras vozes se fizeram ouvir. Tinham qualquer coisa de singular e de celestial que eu não podia descrever. Essas vozes, doces e melodiosas demais para pertencerem a homens, tinham, entretanto, uma potência masculina e um vigor que não se encontram em nenhuma mulher...*²⁴

Marcos Portugal demorava-se em Lisboa, pois sua música era também apreciada pelos franceses invasores que, instalados na cidade, encomendaram-lhe uma nova versão da ópera *Demofonte*, para celebrar o natalício de Napoleão em 15 de agosto 1808. Anteriormente estreada em Milão em 1794, a ópera, sobre libreto de Metastasio, trata de temática heroica. Porém, o compositor era súdito de dois senhores e, após a primeira expulsão dos franceses, escreveu a cantata *La speranza o sia l'augurio felice*, por ocasião do aniversário de D. João, em 13 de maio de 1809, em que saudava o retorno do Príncipe a Lisboa.²⁵ Todavia, a espera foi em vão, pois D. João não retornaria tão cedo a Lisboa. Por encomenda do Príncipe regente, Marcos Portugal escreveu a “Missa Festiva que deve ser executada com bastante número de vozes, e com toda a orquestra”, como o compositor estabeleceu no frontispício. Tocada em 16 de julho de 1810 na Capela Real, sob a regência de José Maurício, a missa servia ao propósito de reforçar os ânimos dos súditos, ameaçados mais uma vez pelas tropas de Napoleão.

Os instrumentos musicais disponíveis no Rio de Janeiro antes da chegada da Corte foram os utilizados nas obras escritas por José Maurício: cordas (às vezes sem viola), flauta, clarinetes, trompas e, eventualmente, fagotes. Com a instauração da Capela Real, a orquestra foi bastante ampliada, com a contratação de novos músicos europeus. O oboé foi introduzido e o naipe dos metais fortalecido, pelo acréscimo de trombones. O aparato musical das cerimônias religiosas ganhou

qualidade e brilho, e passou a contar com a pompa a que estava afeita a Corte portuguesa.

Ainda em 1810, D. João ordenou a transferência para o Rio de Janeiro da coleção pertencente à Real Biblioteca da Ajuda, situada no palácio de mesmo nome, onde se concentrou o que restou da Biblioteca Régia após o terremoto em Lisboa, em 1755. O repertório musical desta coleção incluía obras dos compositores italianos mais apreciados pelos portugueses: David Perez, Giovanni Battista Pergolesi, Niccolò Jommelli e, naturalmente, Marcos Portugal. Para além das atividades de Mestre de Capela, José Maurício recebeu a incumbência de ser o arquivista dessas partituras. A presença de cantores experientes no Rio de Janeiro e o contato com as obras da Biblioteca da Ajuda revolucionaram o seu estilo composicional e o de outros músicos brasileiros. As árias solo, até então de grande simplicidade e pequena extensão, passaram a incluir ornamentos e vocalises exigentes, à maneira do Bel Canto italiano, tão ao gosto da Corte portuguesa. Alemães e austríacos ficavam surpresos com a música festiva que se praticava na Capela Real, para eles não condizente com a austeridade própria da Igreja. Em um dos principais periódicos de música da época, o *Allgemeine Musicalische Zeitung*, um correspondente afirmou:

Em Portugal toca-se frequentemente música nas igrejas: mas não música de igreja; porque aquilo que tem esse nome é totalmente indigno da igreja; poder-se-ia mesmo, juntando-se lhe um texto profano, introduzi-lo na ópera cômica, sem que fosse rejeitado ou desse nas vistas.²⁶

Essa dura crítica não considerava o fato de que, para a Corte portuguesa, o templo, muito mais do que local de contrição, era onde se celebrava o convívio social. Na Real Capela os cortesãos se encontravam, não apenas para orar, mas para se divertir e festejar. As damas, às quais

não era permitido frequentar as poucas recepções festivas, vestiam-se para a igreja como para um grande baile.

O pequeno D. Pedro tinha a música nos genes e o gosto formado por idas frequentes à Capela Real, em companhia do pai. Não se dispõe de informação detalhada sobre a relação que teve com José Maurício, porém este lhe dedicou duas missas intituladas São Pedro de Alcântara, santo onomástico do Príncipe, respectivamente para as comemorações do dia do santo, em 19 de outubro de 1808 e 1809. Na primeira delas, “Composta e oferecida a S. A. Serenissima o Príncipe Senhor D. Pedro de Alcântara em 1808”, pratica o estilo de sempre, em que cabe ao coro a primazia das partes vocais. Na segunda, escrita um ano depois, o compositor apresenta alinhamento ao gosto da Corte, com solos de grande virtuosidade para as vozes masculinas tenor e baixo – ainda não haviam chegado os *castrati* – e um estilo concertante. *Missas Festivas* foram também cantadas nos aniversários de 10 e 11 anos de D. Pedro, os primeiros comemorados nos trópicos.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Listar e reproduzir todos os sons do mar, como chuvas, tempestades, ondas, peixes mergulhando, pássaros, sons de animais etc.;
- Listar e reproduzir todos os sons da fragata de D. Pedro;
- Dramatizar sonoramente os tiros de canhão, as badaladas dos sinos das igrejas e os gritos do povo na chegada da Família Real em Salvador, na Bahia;
- Pesquisar músicas, danças e celebrações populares que a comitiva real ouviu durante a permanência na cidade de Salvador;

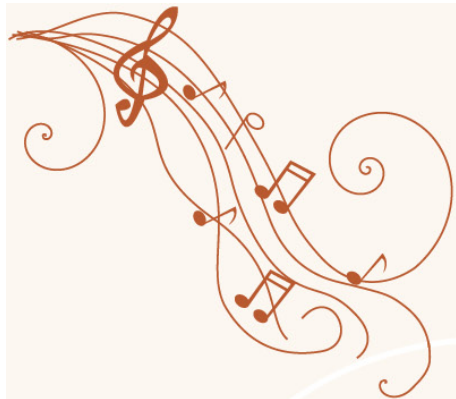
- Pesquisar sobre o compositor Damião Barbosa de Araújo (1778-1856) em https://pt.wikipedia.org/wiki/Dami%C3%A3o_Barbosa_de_Ara%C3%BAjo;
- Observar o quadro da *Baía de Botafogo* (1822), de Henry Chamberlain;
- Criar a paisagem sonora desse quadro do século XIX;
- Comparar com a paisagem sonora dessa mesma imagem no século XXI;
- Ler sobre o Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830) em <http://musicabrasilis.org.br/compositores/jose-mauricio-nunes-garcia>;
- Pesquisar sobre “coro” em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Coro_\(m%C3%BAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coro_(m%C3%BAsica));
- Assistir ao vídeo do Coro de Câmara Pro Arte, com Regência de Carlos Alberto Figueiredo em <https://www.youtube.com/watch?v=hoQzwjldrCc>;
- Pesquisar como é formada uma orquestra em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orquestra>;
- Assistir ao vídeo da Orquestra Sinfônica de Sergipe em <https://www.youtube.com/watch?v=gPRzeYGoQGw>;
- Criar com material reciclado sua própria orquestra;
- Pesquisar sobre os instrumentos de corda, e assistir a um vídeo em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/familia/cordas>;
- Perceber as características da viola em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/viola>;
- Listar quais os instrumentos de sopro você conhece;
- Assistir a um vídeo sobre a flauta transversa em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/flauta-transversa>;

- Assistir e observar como é o som da clarineta em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/familia/sopros>;
- Ouvir o som de uma trompa em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/trompa>;
- Perceber as características do fagote em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/fagote>;
- Observar a partitura da missa a quatro vozes e órgão, intitulada São Pedro de Alcântara, de José Maurício Nunes Garcia, e acompanhar o vídeo em <https://musicabrasilis.org.br/partituras/jos-e-mauricio-nunes-garcia-missa-de-sao-pedro-de-alcantara-o>.

-
- ¹⁸ Monglave, Eugene de. Correspondance de Don Pedro Premier. Ed. Tenon, Paris, 1827. pp. 12-13. Apud SOUSA, Otávio Tarquínio de. A vida de D. Pedro I – Tomo I, p. 39.
- ¹⁹ SANTOS, Luís Gonçalves dos (Padre Perereca). *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil*. Edições do Senado Federal. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/539477>>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ²⁰ SANTOS, Luís Gonçalves dos (Padre Perereca). op. cit.
- ²¹ Alvará de 15 de junho de 1808 – Condecora a Sé Cathedral do Ríó de Janeiro com o título de Capella Real. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/alv/1808/alv-15-6-1808.html>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ²² Marques, A.J.: *D. João VI and Marcos Portugal: the Brazilian period*, 2005, p. 10. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/cpa/springo5/missa/marques.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ²³ HAZAN, Marcelo Campos. 1999. *The sacred works of Francisco Manuel da Silva (1795 – 1865)*, Ph.D. Department of Musicology – The Catholic University of America. United States, District of Columbia. p. 60.
- ²⁴ FREYCINET, R. *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet – d’après l’édition de 1927*. Ed. du Gerfaut, Paris, 2003. p. 35.
- ²⁵ CRANMER, David. *Peças de um Mosaico. Temas da História da Música referentes a Portugal e ao Brasil*. Edições Colibri. CESEM / Universidade Nova de Lisboa. Lisboa,

2017, p. 202.

²⁶ Allgemeine Musicalische Zeitung, 26 de junho de 1816 (in BRITO; CRANMER, 1990, p. 41).



5. O MESTRE DE MÚSICA



S. A. R. O Príncipe Regente Nosso Senhor Foi Servido Ordenar que o mestre do Seminário Marcos Portugal fosse para o Rio de Janeiro servir o Mesmo Senhor naquela Corte...²⁷

D. João estava impaciente devido à ausência, na Corte, de seu compositor favorito e grande amigo, Marcos Portugal, que relutava em se distanciar do sucesso de que gozava na Europa, onde suas óperas eram aplaudidas nos principais teatros daquele continente. Então, em janeiro de 1811, o músico recebeu a intimação incontornável para se transferir para o Rio de Janeiro, onde sua principal missão seria a de se ocupar com as aulas de música de suas altezas D. Pedro e irmãs, ocupação exercida desde os tempos da Corte em Lisboa.

Os preparativos para a viagem começaram muitos meses antes, com a confecção de cópias, feitas às pressas, de obras do eminente músico a serem trazidas para o Rio. Em março de 1811, embarcaram na mesma fragata sua mulher Maria Joana, a cantora Mariana Scaramelli e o marido, o bailarino e coreógrafo Luís Lacombe. Veio também um grande número de caixotes de livros provenientes da Biblioteca Real da Ajuda, acompanhados pelo bibliotecário Joaquim Luís dos Santos Marrocos (Lisboa, 1781 – Rio de Janeiro, 1838). Desde a chegada, em 1811, até a partida de D. João, em 1821, Marrocos escreveu 165 cartas ao pai, 23 à irmã e uma ao tio, material dos mais preciosos como testemunho do que acontecia na Corte do Rio de Janeiro. Pelo que diz de Marcos Portugal, percebe-se os ciúmes despertados pelo tratamento privilegiado que lhe tributava o Príncipe regente.

Não tenho falado ao Marcos, porque se me vai fazendo fofo, e afidalgado.

(3 de abril de 1812)²⁸

O tempo só acentuou a animosidade.

*... Marcos, ou o Barão de Almiré, tem ganhado a aversão de todos pela sua fanfarronice ainda maior que a do pão de ló: é tão grande a sua impostura e soberba por estar acolhido à graça de Sua Alteza Real, que se tem levantado contra si a maior parte dos mesmos que o obsequiavam...
É riso vê-lo à janela, e em público, todo empoado e empoado, como quem está governando o Mundo: mas, enfim, tem um grande padrinho, e por este o ser, é afagado por outros.*

(28 de setembro de 1813)²⁹

É possível imaginar o humor que se apoderava de Marcos Portugal por estar tão distante de seu público preferido.

Ao chegar, Marcos Portugal foi imediatamente nomeado Diretor de Música, responsável pela seleção dos repertórios e todas as providências para que as atuações transcorressem com a maior perfeição em todas as ocasiões em que D. João estivesse presente. O salário de seiscentos mil réis anuais com que era remunerado em Lisboa foi acrescido de 480 mil réis, à guisa de mestre dos príncipes reais, 200 mil réis de pensão vitalícia para sua mulher e 240 mil réis para alugar uma residência, todas essas quantias pagas pelo “real bolsinho”.

Durante a travessia para o Rio, preparou-se para as lições de música de suas altezas reais, dedicando-se à escrita de um método de solfejo. Para o mesmo fim, transcreveu também 71 árias de óperas de sua autoria, dedicadas ao Príncipe D. Pedro e suas irmãs D. Maria Isabel, D. Isabel Maria e D. Maria Francisca de Assis. Essas transcrições sobrevivem em quatro álbuns manuscritos: dois pertencentes à Biblioteca Nacional de Portugal; um sob a guarda da biblioteca do Palácio Real em Madri, e outro recentemente localizado no Museu Imperial, em Petrópolis. A primeira peça deste último é a transcrição da ária da ópera *Artaxerxes*, dedicada a D. Pedro.



Marcos Portugal – Aria da ópera Artaxerxes – Para S.A.R. o Príncipe D. Pedro d'Alcantara

D. João frequentava assiduamente a Capela Real, onde eram realizadas as funções que ocupavam a maior parte do tempo de Marcos Portugal. Diversas obras escritas no Convento de Mafra foram adaptadas para as cerimônias cariocas. Além disso, os principais acontecimentos históricos mereceram obras de sua autoria: as *Matinas de Defuntos* (1812), quando faleceu D. Pedro Carlos, o marido da Princesa Maria Teresa; a *Missa de Requiem* (1816), pelo falecimento da Rainha D. Maria I; o *Hino para a Aclamação de D. João VI* (1817); a *Missa Festiva e L'Augurio di Felicità*, para a chegada de D. Leopoldina, em 1817 e o *Te Deum* (1818), novamente para a aclamação de D. João VI.

Marcos Portugal era também homem de teatro. Quando chegou ao Rio, o único teatro disponível era o Teatro Régio, construído em 1776, em prédio vizinho ao do Paço Real. Para a estreia, o compositor escolheu

uma de suas óperas mais aplaudidas *L'oro non compra amore* apresentada em 17 de dezembro de 1811, em homenagem à Rainha Maria I pelo seu aniversário. Foi a primeira performance da soprano italiana Scaramelli no Novo Mundo. Outra protagonista foi a soprano brasileira mestiça Joaquina Maria da Conceição da Lapa conhecida como Lapinha, de retorno ao Rio após bem-sucedida turnê na Europa, onde, para brilhar, foi obrigada a disfarçar a cor da tez com pó de arroz.³⁰ No ano seguinte, em 17 de dezembro de 1812, também em homenagem ao natalício de D. Maria I, o público carioca assistiu à apresentação da ópera *Artaxerxes*.



Real Teatro São João – Thomas Ender

O Teatro Régio não estava à altura das performances operísticas tão apreciadas pela Corte, e dois anos após a instalação no Rio, em 1810, D. João aprovou a construção do Real Teatro de São João, erguido nos moldes do Teatro São Carlos, de Lisboa. Inaugurado em 1813, o novo teatro seria o palco de duas outras óperas de Marcos Portugal: *Il muto per*

astuzia (1814) e *Merope* (1817). Nos trópicos, Marcos Portugal só produziu uma nova ópera, *A Saloia Enamorada*, estreada em 1812,³¹ mas que se perdeu.

Muito se especulou, sem fundamento, sobre a suposta animosidade entre Marcos Portugal e José Maurício. No artigo *Uma Glória Desapreciada: o Padre José Maurício*, o Visconde de Taunay (1843–1899) relatou uma história mantida durante décadas na tradição oral de sua família.³² Assim que Marcos Portugal chegou ao Rio, a Princesa D. Carlota teria solicitado a ele informações sobre o talento de José Maurício. Promovido o encontro, o compositor português apresentou ao Padre uma difícil sonata de Joseph Haydn, por ele desconhecida, que, após alguma hesitação, foi tocada com maestria. O episódio, coroado pelo abraço entre os dois músicos, poderia ter sido o tema da tela de Henrique Bernardelli (1857–1936). A obra retrataria D. João ouvindo José Maurício ao cravo, em que se observa um ouvinte à direita do Padre seria Marcos Portugal? , e a figura feminina em destaque, à esquerda de D. João, seria D. Carlota Joaquina. A tela poderia ter sido encomendada a Bernardelli por seu amigo Taunay, fato que, no entanto, não está documentado.



Henrique Bernardelli – D. João ouvindo José Maurício ao cravo (ca. 1880)

Apesar dos rumores, nada se provou a respeito da rivalidade, sendo provável que os dois compositores tenham colaborado com seus trabalhos em diversas ocasiões. No Natal de 1811, ambos empregaram a mesma inusitada instrumentação – orquestra sem violinos – tanto para a Missa Pastoril (José Maurício) quanto para as Matinas de Natal (Marcos Portugal), um indício do entendimento musical entre eles. Alguns pesquisadores referem-se ao declínio da produção musical de José Maurício devido à presença de Marcos Portugal. Entretanto, a função de Mestre de Capela não pressupunha a atividade de compositor. José Maurício bem pode ter ficado aliviado com as contribuições de outros músicos para as celebrações quase que diárias da Capela Real.

Apesar do reconhecimento que a música de Marcos Portugal encontrou no público da época, a necessidade de afirmação de valores nacionais em fins do século XIX no Brasil transformou-o no símbolo do alienígena indesejável. Esse sentimento se cristalizou durante a Semana de Arte Moderna em 1922, quando se considerou Marcos Portugal como responsável pela sombra que se projetou na carreira de José Maurício. Enquanto a música do português era tachada de “vazia” e “insignificante”, a Missa de Réquiem, do mestiço José Maurício, foi considerada “genial” por Mário de Andrade.

A biógrafa de José Maurício, a ilustre musicóloga Cleofe Person de Mattos, muito contribuiu para sedimentar o equívoco. Segundo ela, a chegada da Corte teria deturpado o estilo religioso de José Maurício, que mesmo mantendo grande parte de sua qualidade musical, teria se tornado um tanto artificial, opulento e extremamente influenciado pela música teatral. O pesquisador Ayres de Andrade também aderiu a esse mote:

O próprio José Maurício, que até então havia conservado na sua música uma ambivalência de inatacável religiosidade, não teve outro remédio senão modificar o seu estilo para poder ser aceito por aquele público, que transportava para o vice-reino do Brasil o gosto pela música de igreja maculada pela artificiosidade da música de teatro. Era, de resto, de um modo geral, o gosto da época.³³

Se a igreja no Brasil e em Portugal era lugar de festa, de encontro social, por que deixaria a música de ser alegre e festiva?

Há visões menos maniqueístas entre os cronistas que escreveram sobre a produção dos dois compositores. Manuel de Araújo Porto-Alegre, diplomata, publicou em 1859 uma valiosa relação dos autógrafos dos dois músicos.³⁴ O musicólogo Francisco Curt Lange soube também

valorizar o talento de Marcos Portugal. Renato de Almeida escreveu, em 1942:

A desinteligência entre Portugal e o Padre José Maurício, que sempre me pareceu mais intrigalhada de corte, onde os brasileiros – mais a mais os de cor – eram malvistas e hostilizados, deveria ser funesta ao reconhecimento dos serviços que aquele maestro prestou à nossa cultura musical. Continuou-se a tomar partido na briga, apesar de se terem reconciliado os dois músicos no fim da vida, e é quase falta de patriotismo não falar mal de Marcos Portugal.

Não se sabe por que Marcos Portugal não retornou com D. João VI a Lisboa, em 1821, dada a estreita ligação entre os dois. Por um lado, ele sabia que D. João não teria em Lisboa a autonomia de outros tempos; por outro lado, havia sua afeição por D. Pedro, seu discípulo.

A essa altura, a economia do Brasil havia sido bastante abalada pelo esvaziamento dos cofres pela partida de D. João VI, e o compositor teve seu salário reduzido à metade. Tal contratempo foi amenizado por sua nomeação como mestre de música da família imperial, graças ao que ele retoma a nobre missão de preceptor dos filhos de D. Pedro e D. Leopoldina. Como agradecimento, dedicou a D. Pedro a *Missa Breve*, datada de 1824, a sua derradeira obra. Faleceu no Rio de Janeiro em 17 de fevereiro de 1830, como cidadão brasileiro, por ter aderido à Independência, apesar de nunca ter recebido de seus “conterrâneos” a devida homenagem.

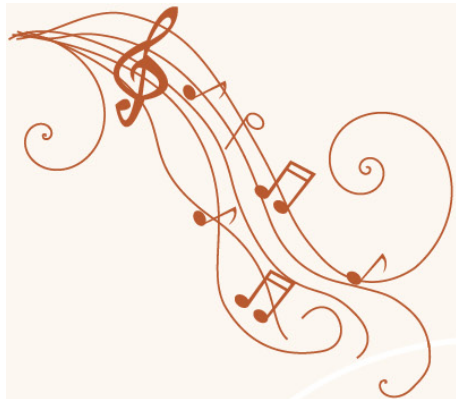
A quase inexistência de gravações dificulta até hoje a apreciação de sua arte. Seu nome, fadado ao ostracismo pela intelectualidade brasileira antropofágica, nem ao menos mereceu a honraria de batizar uma das cadeiras da Academia Brasileira de Música, fundada em 1945 por Villa-Lobos, ao contrário de Sigismund Neukomm, que chegaria em 1816 e ficaria apenas cinco anos em terras brasileiras.

Mesmo em sua pátria-mãe ficou esquecido durante quase 130 anos. Após a apresentação de sua ópera mais famosa *L'oro non compra amore*, em 1825, no Teatro São Carlos, só em 1953 teve novamente uma obra exibida,³⁵ uma injustiça que a iniciativa de reedição de suas obras pretende reparar.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Observar o manuscrito da partitura da ária da ópera *Artaxerxes*, de Marcos Portugal;
 - Pesquisar quantos teatros ou salas de concerto existem na sua cidade. Será que se assemelham ao Real Teatro São João?;
 - Observar a imagem do Real Teatro São João, feita por Thomas Ender; imaginar como seria o palco, a plateia e a música que era tocada nele no século XIX;
 - Pesquisar o significado da palavra sonata em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sonata>;
 - Pesquisar sobre o compositor Joseph Haydn em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Haydn;
 - Observar a pintura *D. João ouvindo José Maurício ao cravo*, feita pelo artista Henrique Bernardelli;
 - Qual será a música que José Maurício estava tocando?;
 - Como será o som do cravo? Pesquisar e assistir ao vídeo sobre o assunto em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/cravo>;
 - Ouvir a *Missa Pastoril*, composição de José Maurício em <https://youtu.be/wam2Q1Gbvuc>;
 - Ouvir a composição *Matinas de Natal*, de Marcos Portugal em <https://youtu.be/WEOVZxvhQ2s>.
-

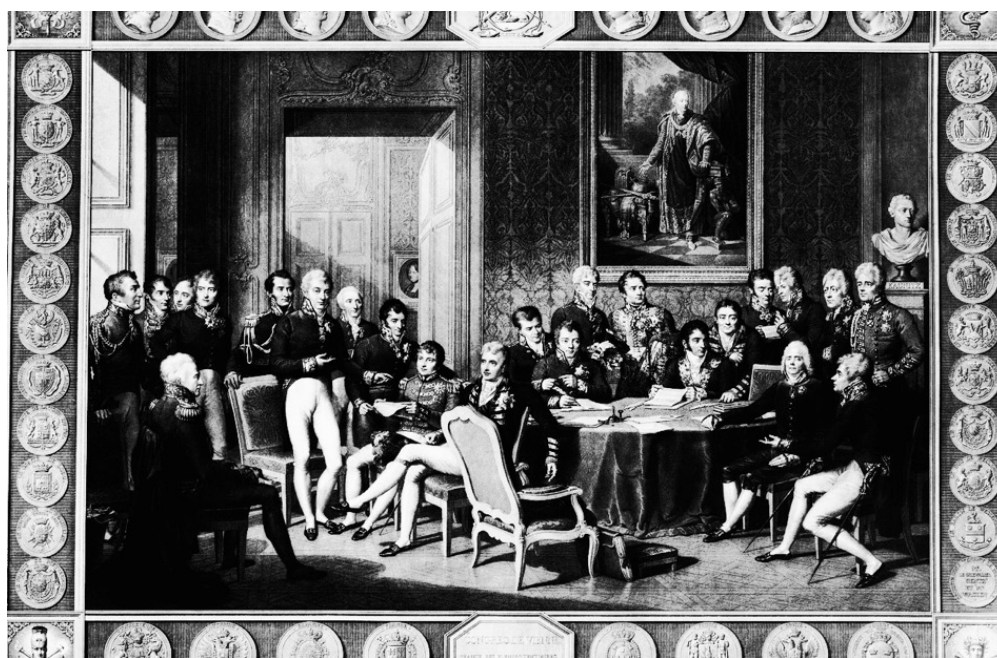
- ²⁷ MARQUES, A. J, op. cit., p. 8.
- ²⁸ MARROCOS, L. J. S. *Cartas do Rio de Janeiro – 1811 – 1821*, Ed. Biblioteca Nacional de Portugal, 2008. p. 122.
- ²⁹ Ibid., p. 218.
- ³⁰ PACHECO, A. J. V. 2006. *A Cantora Lapinha e a presença musical feminina no Brasil colonial e imperial*. Anais SIMPEMUS3. Disponível em: <https://www.academia.edu/4531060/A_Cantora_Lapinha_e_a_presenca_musical_feminina_no_Brasil_colonial_e_imperial>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ³¹ KÜHL, Paulo Mugayar. *Cronologia da Ópera no Brasil – século XIX (Rio de Janeiro)*. Disponível em: <https://academia.edu/3066922/Cronologia_da_ópera_no_Brasil_século_XIX_Rio_de_Janeiro_>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ³² TAUNAY, Afonso d’E. *Uma grande glória brasileira: José Maurício Nunes Garcia*. Ed. Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1930. pp. 5-6.
- ³³ ANDRADE, Ayres de, opus cit., vol. I, p. 24.
- ³⁴ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo: “Marcos e José Mauricio. Catalogo de suas composições musicas”, Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil, Vol.XXII, 1859, págs. 487-506.
- ³⁵ BEGHELLI, Marco. *L’oro non compra amore: de Veneza a Lisboa*. In opus cit. p. 260.



6. UM REINO UNIDO



Napoleão havia sido finalmente derrotado após desastrosa investida contra a Rússia durante rigoroso inverno. A rendição da França ocorreu na cidade de Fontainebleau, perto de Paris, em abril de 1814. Fez-se necessário, desde então, reorganizar as fronteiras, o que aconteceu no Congresso de Viena, realizado entre 18 de setembro de 1814 e 9 de junho de 1815, com representação de todas as grandes potências europeias.



Congresso de Viena (1814-1815) – autor anônimo.

Na ocasião, também foi discutida a livre circulação de navios e a abolição do tráfico de escravos. Ao lado de França, Áustria, Rússia, Prússia, Inglaterra, Suécia e Espanha, Portugal estava representado pelo Conde de Palmela, António de Saldanha da Gama e Joaquim Lobo da Silveira, ministros plenipotenciários junto às Cortes de Londres, São Petersburgo e Estocolmo.

A despeito da desvantajosa posição do representante da França, por sua derrota, o brilhante Príncipe de Talleyrand se transformou no principal articulador, para grande contrariedade do Príncipe de Metternich, o anfitrião vienense, à frente do Congresso. Com o intuito de impressionar as autoridades presentes, Talleyrand concebeu a grande homenagem ao Rei Luís XVI, elevado ao status de mártir por ter sido executado na guilhotina vinte e dois anos antes. Cuidou pessoalmente para que a cerimônia tivesse o maior fausto e fosse do agrado do Rei Luís XVIII da França, a quem dava notícias dos preparativos através de correspondência diária.



O autor da partitura e regente da Missa de Réquiem foi o compositor austríaco Sigismund von Neukomm (*1778 – 1858+), pianista a serviço do Príncipe de Talleyrand desde 1812. Neukomm escreveu uma obra monumental, na tonalidade de dó menor, evocativa do sentimento de tristeza. Eram mais de trezentos cantores, divididos em dois coros, além de uma imensa orquestra com maioria dos instrumentos em metal,

considerados as “trombetas” da morte. Para a execução da extraordinária obra, o compositor contou com o auxílio de Antonio Salieri. A Catedral de Santo Estevão ficou repleta, com todos os soberanos presentes ao Congresso e demais ministros plenipotenciários, presentes à cerimônia, que despertou grande comoção. O Imperador da Áustria, Francisco I, tendo ao seu lado a Imperatriz e as filhas arquiduquesas, entre as quais D. Leopoldina, eram os únicos vestidos de preto, em homenagem à memória do Rei Luís XVI e da Rainha Maria Antonieta, tia do Imperador austríaco, também guilhotinada em 1793. Os demais nobres e presentes vestiam uniforme de gala, contraste que ampliava a emoção do Réquiem. Dez dias depois, o Rei Luís XVIII concedeu aos músicos Neukomm e a Salieri a honraria de Cavaleiros da Legião de Honra, condecoração criada por Napoleão em 1802.

Além de Neukomm, Talleyrand também se fez acompanhar por Antonin Carême, seu chefe de cozinha, e de toda a criadagem, de forma a causar grande impressão durante o desenrolar do Congresso. As reuniões secretas no gabinete de Talleyrand eram acompanhadas pela música de Neukomm, que tocava ininterruptamente na antessala, de forma que o som do piano confundisse eventuais ouvidos indiscretos que se esgueiravam pelos corredores, o que lhe valeu a fama de espião.

Tantos foram os bailes durante o Congresso, abrilhantados pela valsa, dança da moda em Viena, que houve quem dissesse: “*O congresso muito dança, mas não anda*”³⁶.



Thomas Wilson's Correct Method of German and French Waltzing (1816)

Portugal era o país de menor expressão territorial presente ao Congresso e, por esse motivo, as primeiras deliberações foram consideradas desvantajosas. Em razão disso, pensou-se em constituir o Reino Unido de Portugal e Brasil, fato que mudaria para sempre os destinos do Brasil. A ideia havia sido transmitida em carta de Antônio de Saldanha da Gama a Antônio de Araújo e Azevedo, então promovido a ministro dos negócios estrangeiros:

Mr. de Talleyrand propõe que S.A.R. deva elevar o Brasil a Reino, ficando com o título de Reino Unido de Portugal e Brasil, fixando o monarca a sua residência definitiva no Brasil e enviando o seu filho como Vice-Rei para Portugal. Sugere que S. M. se declare sem perda de tempo Príncipe regente do Reino Unido de Portugal e do Brasil, pois seria reconhecido por todas as nações e defenderia por mais algum

*tempo a união destas duas partes da monarquia e fortificando as relações comerciais de ambos, o que é desejado por todas as potências da Europa.*³⁷

A proposta estava alinhada ao desejo de D. João permanecer no Rio de Janeiro, onde a família real era enaltecida pelos súditos. Entretanto, o Príncipe regente não enviou o filho, D. Pedro, então com 17 anos, a Lisboa como Vice-Rei.

A ideia poderia ter sido ventilada pelo próprio Araújo de Azevedo, que, na mudança para o Brasil, se fez acompanhar de sua “livraria” – sua maior riqueza –, em gesto que não deixa dúvidas quanto ao projeto de permanência no Novo Reino. Para ele, a presença de D. João contribuiria para manter a unidade do território brasileiro, ao contrário do que havia acontecido na América de Espanha. O conceito foi mencionado igualmente pelo Conde de Palmela:

*Eu consideraria como uma fortuna que se estreitasse, por todos os meios possíveis, o nexó entre Portugal e o Brasil; devendo este país, para lisonjear os seus povos e para destruir a ideia de colônia que tanto lhe desagrada, receber o título de Reino e o vosso soberano ser Rei do Reino unido de Portugal e do Brasil.*³⁸

A criação do Reino Unido, promulgada em 16 de dezembro de 1815, provocou enorme insatisfação em Portugal, desprovido da Corte e, mais ainda, ameaçado de perder a colônia. No dia seguinte, em 17 de dezembro de 1815, o ministro Antônio de Araújo de Azevedo recebeu do Príncipe regente o título de Conde da Barca, com 300 mil réis de proventos, sinal inequívoco de sua atuação em prol da medida.

O Conde da Barca se comprometeu de corpo e alma com o projeto civilizatório do Novo Reino, e deu a notícia, transcrita em sua

autobiografia, a Sigismund Neukomm:

*Temos a esperança de fundar um novo império neste Novo Mundo, e você terá grande interesse em ser testemunha deste período de desenvolvimento*³⁹.

O Conde da Barca buscou artistas para fundar uma Academia de Belas Artes e Ciências – os integrantes da Missão Artística Francesa –, entre os quais estaria Neukomm. O Conde também influenciou a escolha da noiva de D. Pedro, a fim de amalgamar a aliança com uma grande potência europeia. Descartada a hipótese de uma princesa russa, o interesse dirigiu-se à prestigiosa casa de Habsburgo, de onde viria a futura imperatriz, D. Leopoldina.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Ler sobre o pianista e compositor austríaco Sigismund von Neukomm em <https://musicabrasilis.org.br/temas/neukomm-no-brasil>;
- Ler o artigo sobre Neukomm no Brasil e assistir ao vídeo em <https://musicabrasilis.org.br/temas/neukomm-no-brasil>;
- Quais instrumentos de metal você conhece?
- Observar a gravura *O método correto de Thomas Wilson para a valsa alemã e francesa*. Será que conseguiria dançar os passos sugeridos? Você gosta de dançar? Conhece a valsa? Consulte a página <https://pt.wikipedia.org/wiki/Valsa>;
- Escutar a *Valsa*, de Sigismund Neukomm, com Rosana Lanzelotte ao pianoforte em <https://youtu.be/HJvtBdhPJkM>;
- Criar uma dança para essa valsa;

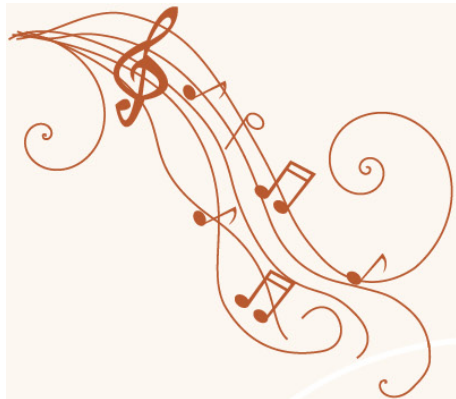
- Desenhar o seu método de dança.

³⁶ “*Le congrès danse beaucoup, mais il ne marche pas.*” Disponível em: https://en.wikiquote.org/wiki/Charles-Joseph,_7th_Prince_of_Ligne.

³⁷ Carta de António de Saldanha da Gama a António de Araújo e Azevedo, 26 jan. 1815. Disponível em: <<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1410589>>. Acesso em 04 mar. 2023.

³⁸ Cit. In Luiz Edmundo, *A Corte de D. João no Rio de Janeiro*, 328, referindo ofício n.º 12, reservado, datado de 25 jan. 1815, com a rubrica do Conde de Palmela, Arquivo da Secretaria das Relações Exteriores do Brasil, apud Malafaia, p. 410.

³⁹ *L'autobiographie de Sigismund Neukomm (1878 – 1758)*, La Maîtrise, 1859. Disponível em: <https://www.musicologie.org/theses/neukomm_01.html>. Acesso em 04 mar. 2023.



7.
RÉQUIEM
AETERNAM



Depois de longa enfermidade, D. Maria I a “Piedosa” para os portugueses e a “Louca” para os brasileiros faleceu em 20 de março de 1816, aos 81 anos de idade. Após vinte e cinco anos de regência, D. João seria finalmente aclamado Rei. A morte da Rainha impôs luto de um ano: seis meses com rigor e seis meses com luto aliviado. Segundo o Padre Perereca, o decreto nem seria necessário, “pois o povo enlutado não ousaria se vestir senão de preto”.

Inconsolável, o Rei solicitou a seu compositor preferido Marcos Portugal a música para os ofícios fúnebres do trigésimo dia a *Missa de Réquiem*, executada em 23 de abril de 1816 sob a regência do próprio compositor.

... começou a missa pontifical, cuja música era também composição do insigne Marcos, que dizem os professores que em toda ela pareceu exceder-se a si mesmo, e que na sequência igualou ao grande David Perez⁴⁰.

A obra-prima contou com instrumentação primorosa do exímio compositor, que tinha consciência de haver se superado, pois a obra foi por ele apontada para o concurso à vaga de membro correspondente no Instituto de França, em 1824. Ao final da monumental peça – uma hora e um quarto de duração –, o *Requiescant in Pace* sussurrado pelo coro, acompanhado apenas pelos instrumentos de cordas, aludia ao silêncio definitivo da Rainha após uma vida de realizações, como a fundação da Real Academia de Ciências.

Todos desejavam homenagear a Rainha falecida, e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo encomendou a *Missa de Mortos* a José Maurício Nunes Garcia, ele também em luto pelo falecimento de sua mãe, ocorrido na

mesma data. Em seu Réquiem, o compositor citou as linhas melódicas do célebre *Réquiem* de Mozart, escrito na mesma tonalidade de ré menor.

Seis dias após o óbito de D. Maria I, em 26 de março de 1816, aportou no Rio o grupo de artistas franceses trazidos por Joachim Le Breton: o pintor Jean-Baptiste Debret, os irmãos Nicolas-Antoine Taunay (pintor) e Auguste-Marie Taunay (escultor), o arquiteto Grandjean de Montigny e o gravador Simon Pradier. Eram artistas associados à maçonaria, partidários de ideias iluministas, não condizentes com os anseios da restauração monárquica, posteriores à derrota de Napoleão. O líder, Joachim Le Breton, era venerável da Loja da Grande Esfinge, e havia integrado a expedição de Napoleão ao Egito. Era também membro do Instituto de França, criado em 1795 para congregar as diversas academias extintas pela Revolução Francesa.

A iniciativa de contratar o grupo, posteriormente conhecido como “Missão Artística Francesa”, havia sido engendrada pelo Conde da Barca, que contou com o auxílio de seu antigo secretário e grande amigo, Francisco José Maria de Brito e do Marquês de Marialva. Os artistas vieram para fundar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, com o objetivo de dar prosseguimento ao processo civilizatório do Novo Reino.



Jean-Baptiste Debret – O Calpe

A *Gazeta do Rio de Janeiro* de 6 de abril de 1816 noticiou a chegada do grupo:

*No navio americano **Calpe**, chegaram do Havre de Grace a este porto as pessoas abaixo nomeadas (a maior parte das quais são artistas de profissão) e que vem residir nesta capital:*

***Joaquim Le Breton**, secretário perpétuo da classe de Belas Artes do Instituto Real de França, cavaleiro da Legião de Honra.*

***Taunay**, pintor, membro do mesmo Instituto, trazendo sua mulher e cinco filhos.*

***Taunay**, escultor, e traz consigo um aprendiz.*

***Debret**, pintor de história e decoração.*

***Grandjean de Montigny**, arquiteto, traz sua mulher, quatro filhas, dois discípulos e uma criada.*

***Pradier**, gravador em pintura e miniatura, trazendo sua mulher, uma criança e uma criada.*

Ovide, maquinista, trazendo em sua companhia um serralheiro com seu filho e um carpinteiro de carros.

*Neukomm, compositor de música, excelente organista e pianista, e o mais distinto discípulo do célebre Haydn...*⁴¹

Apesar de seu nome impresso na lista, Sigismund Neukomm não estava entre os viajantes. Preferiu adiar a vinda, para evitar o desembarque de uma fragata de bandeira norte-americana. Juntou-se à prestigiosa comitiva do Duque de Luxemburgo, Embaixador extraordinário enviado pelo Rei Luís XVIII ao Brasil.

Em 1816, aproveitei-me da vantajosa oferta que me fez o Duque de Luxemburgo, para acompanhá-lo ao Rio de Janeiro, onde iria como Embaixador extraordinário encarregado de felicitar João VI por sua subida ao trono, vago após a morte de sua mãe [...]

*O Príncipe de Talleyrand havia me concedido uma carta de recomendação para o Conde da Barca, que, anteriormente Embaixador de Portugal em Paris, havia estado intimamente ligado ao Príncipe. Esta recomendação me foi bastante útil depois. O Conde da Barca era um homem de mente esclarecida e tinha grandes conhecimentos. Recebeu-me com notável benevolência, e quando, algumas semanas após nossa chegada, o Duque de Luxemburgo decidiu retornar à França, o Conde me propôs permanecer no Rio de Janeiro, oferecendo-me casa e comida...*⁴²



A comitiva do Embaixador, da qual também fazia parte o naturalista Nicolas de Saint-Hilaire, desembarcou em 31 de maio de 1816. Neukomm trazia pronta a *Missa Sancti Johannis*, na tonalidade maçônica de mi bemol maior, a trindade também sugerida pelo ritmo ternário do Kyrie. Certamente, pretendeu homenagear o Rei a quem serviria, mas também invocar o santo padroeiro da maçonaria, São João.

Atendendo ao pedido do Conde da Barca, o Rei concedeu-me honorários mais do que suficientes para minhas despesas, sem encarregar-me de função alguma. Mas fiquei feliz por oferecer aulas de música à infanta Dona Maria Teresa, assim como ao Príncipe herdeiro, S. A. R. Dom Pedro, e à sua futura esposa Leopoldina, arquiduquesa da Áustria; além disso, propus-me a compor música com eles, e ao mesmo tempo, proporcionar-lhes a ocasião de se exercitarem na língua francesa.⁴³

A primeira obra escrita em terras tropicais foi a *Marcha Triunfal para grande orquestra militar*, dedicada ao discípulo D. Pedro. Mais uma vez, Neukomm escolheu a tonalidade maçônica de mi bemol maior, e, como era de hábito, transcreveu-a para piano a quatro mãos.

A carta a um de seus editores, datada de 18/3/1817, enfatiza a boa acolhida:

Como ficarei aqui alguns anos, talvez para sempre, venho pedir-lhe que me envie os trabalhos que estão preparados para mim, há uns três anos, mas que não quis trazer porque minha permanência aqui não era coisa certa. [...] Não será nem um pouco desagradável para você saber que eu estou bem e que minha situação nesta Corte é tão confortável como gloriosa. O rei e toda a sua família são extremamente magnânimos para comigo.⁴⁴

Neukomm e o Conde da Barca estabeleceram uma amizade fraternal, interrompida pela morte abrupta do referido Conde, em junho de 1817, nos braços do compositor.⁴⁵ No dia seguinte ao falecimento, o músico já havia preparado a pungente *Marcha Fúnebre* em homenagem ao amigo.

Estava no Rio de Janeiro há pouco mais de um ano, quando tive a infelicidade de perder o meu protetor, o Conde da Barca. O desgosto

provocado pela previsão dos acontecimentos políticos que obrigaram o Rei, mais tarde, a sair do Brasil para sempre, bem como os esforços que fizera para conjurar a revolução,⁴⁶ acabaram por destruir sua frágil saúde.⁴⁷

A partir de então, Neukomm passou a residir na casa do Marquês de Santo Amaro, onde era hábito reunirem-se os músicos para tocar as partituras recém chegadas da Europa. Frequentava também a residência do Barão Georg Heinrich von Langsdorff, médico alemão destacado como cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro. Neukomm havia conhecido o casal durante sua estadia em São Petersburgo, entre 1804 e 1807, período durante o qual a Baronesa von Langsdoff fora sua discípula.⁴⁸

Pouco tempo depois, Neukomm perderia outro grande amigo: Joachim Le Breton. Juntos, haviam elaborado o discurso de elogio póstumo a Joseph Haydn, proferido no Instituto de França. Traduzido para a língua portuguesa, seria a primeira obra sobre música publicada no Brasil. Mas Le Breton morreu em 9 de julho de 1819, antes da publicação do elogio, e da instalação da Academia, só inaugurada muito mais tarde, em 1826.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Procurar neste capítulo a gravura de Jean-Baptiste Debret intitulada *O calpe*, navio americano que trouxe os artistas da Missão Artística Francesa;
- Observar a capa da partitura da composição *Marcha Triunfal para grande orquestra militar*. Quais informações ela traz? Está escrito em português? Quem é o compositor?;

- Assistir ao vídeo da execução da *Marcha Triunfal* de Neukomm, apresentada por Rosana Lanzelotte e Jacques Ogg em <https://www.youtube.com/watch?v=ajYS->;
- Pesquisar outras composições existentes para piano a quatro mãos.

⁴⁰ SANTOS, Luís Gonçalves dos (Padre Perereca). *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil*. Edições do Senado Federal. Vol. II. p. 505. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/539477>>. Acesso em 04 mar. 2023.

⁴¹ *Gazeta do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1816/gazeta_rj_1816_028.pdf>. Acesso em 04 mar. 2023.

⁴² NEUKOMM, S.: “L'autobiographie de Sigismund Neukomm (1878 – 1758)”, La Maîtrise, 1859. Disponível em: <https://www.musicologie.org/theses/neukomm_01.html>. Acesso em 04 mar. 2023.

⁴³ NEUKOMM, op. cit.

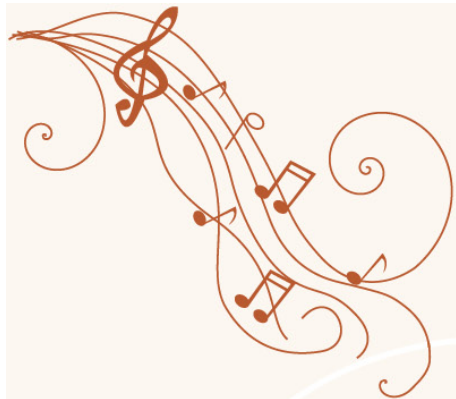
⁴⁴ AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. *Esplendor da vida musical fluminense no tempo de D. João VI. Sigismundo Neukomm no Rio de Janeiro*. Actas do III colóquio Internacional de estudos luso-brasileiros, Lisboa. pp. 77 – 88.

⁴⁵ BRUM, J. Z.M. 1877. *Do Conde da Barca, de seus escritos e livreria*. Anais da Biblioteca Nacional, vol. II, fasc. 1. pp. 1-33.

⁴⁶ Trata-se da revolução separatista de Pernambuco.

⁴⁷ NEUKOMM, op. cit.

⁴⁸ Cf. Carta, de 12-8-1817, ANGERMÜLLER, 1977, p. 39 nota. 38.



8.

VALSAS PARA
UMA PRINCESA
VIENENSE



Apartir de dezembro de 1815, o Brasil havia sido elevado a Reino, junto a Portugal e Algarves, solução encontrada para possibilitar a permanência de D. João no Rio de Janeiro. A fim de consolidar o Novo Reino frente às potências europeias, era preciso encontrar uma noiva à altura para D. Pedro. Os Habsburgo, da Áustria, uma das dinastias de maior importância e poder, tinha, entre as descendentes, a Arquiduquesa Carolina Josefa Leopoldina.



Maria Leopoldina da Áustria (1815) – Joseph Kreutzinger (1757-1829)

Nascida em Viena, em 22 de janeiro de 1797, a pretendente era filha do Imperador Francisco I da Áustria e de sua segunda esposa, D. Maria Teresa. À época, Viena era o epicentro do classicismo musical. Ao redor do celebrado Joseph Haydn, gravitavam os discípulos Ludwig van

Beethoven e Sigismund Neukomm. Encarregado da música de teatro, o compositor italiano Antonio Salieri estreava uma nova ópera a cada ano.

Desde sua infância, D. Leopoldina, como passou a ser chamada, recebera educação esmerada, que incluía o estudo do francês, do italiano e, posteriormente, do inglês. Era apaixonada por botânica e mineralogia, e dedicava-se à música, disciplina obrigatória para uma Habsburgo. A mãe, D. Maria Teresa, era pianista e cantora, e frequentemente reunia o marido e os filhos em uma pequena orquestra. D. Leopoldina teve, como professor de piano, o músico Leopold Kozeluch, sucessor de Mozart no posto de “Compositor da Câmara Imperial”, e, como tal, encarregado da educação musical dos príncipes. O rigor desse mestre foi assunto de carta de 27 de novembro de 1810, endereçada à predileta irmã Maria Luísa:

... é extremamente severo, apertando fortemente o meu pequeno dedo, e quando faço uma cara triste responde: “Assim o fazia com a Imperatriz da França”... É verdade?⁴⁹

A filha primogênita do Imperador Francisco I Maria Luísa , estava casada, a contragosto, com Napoleão, aliança que teve como objetivo assegurar a paz com a França. Era mais uma a seguir o destino das Arquiduquesas austríacas desde o século XIII: educadas para abrir mão de seus anseios pessoais por interesses políticos do país.

D. Leopoldina teve mais sorte, ao poder optar entre D. Pedro e o Rei da Saxônia. Certamente compreendeu que o pai preferia que sua escolha recaísse sobre o primeiro. Então, em agosto de 1816, o futuro casamento estava decidido. Ela sabia do gosto dos Bragança pela arte da música:

Agora estou mais empenhada na música, que é muito apreciada no Brasil, e quero aproveitar todas as oportunidades para me tornar

*popular em meu futuro país.*⁵⁰

Preocupada com o otimismo da irmã, Maria Luísa envia-lhe, em 9 de outubro de 1816, uma advertência:

*... não imaginar o futuro lindo demais. Nós (arquiduquesas), que não podemos escolher, não devemos olhar as qualidades do corpo nem do espírito. Quando as encontramos, é sorte (não se deve acreditar em tudo que dizem as pessoas). Quando não as encontramos, também podemos ser felizes. A consciência de ter cumprido o dever, múltiplas e variadas ocupações, a educação dos próprios filhos dão certo sossego à alma, ânimo sereno, que é a única felicidade verdadeira no mundo*⁵¹.

Mas D. Leopoldina tinha plena consciência dos deveres de uma Arquiduquesa austríaca, e responde à irmã, em 7 de novembro de 1816:

*Quanto a mim, podes ficar certa de que estou feliz, porque tenho a consciência de ter obedecido a meu pai e de talvez ser útil à minha amada pátria; além disso diz-se que todo o lado masculino da família é digno de estima e como esposa certamente cumprirei com prazer todas as minhas obrigações, para honrar-te, minha caríssima, que me conduziste até hoje tão adequadamente com teus bons conselhos e ensinamentos, só tenho que seguir teu sublime exemplo para ser seguramente amada e respeitada por todos.*⁵²

Durante os meses que precederam a partida de D. Leopoldina, seu pai esclareceu-a quanto ao seu futuro destino, dizendo-lhe o que a Áustria dela esperava no campo político. Aconselhou-a a comportar-se no seio de sua nova família e recomendou-lhe que procurasse conquistar a confiança do Rei, e que evitasse a sogra. Em carta de 26 de novembro de 1816, D. Leopoldina escreve à irmã:

*A única coisa de que tenho medo é a minha futura sogra que, segundo o que diz o querido papai, deve ser “desregrada” e “intrigante”; diz-se, porém, que o Rei é um caráter excelente que a refreia, afastando dela tanto quanto possível as crianças.*⁵³

Enquanto D. Leopoldina incluía a língua portuguesa em seus estudos, D. Pedro se dedicava às primeiras composições. As valsas até hoje não foram localizadas, porém foram mencionadas por Neukomm em seu catálogo de obras:

Fantaisie à grand orchestre sur une petite Valse de S. A. R. le

Prince Royal Don Pedro I° (par ordre)

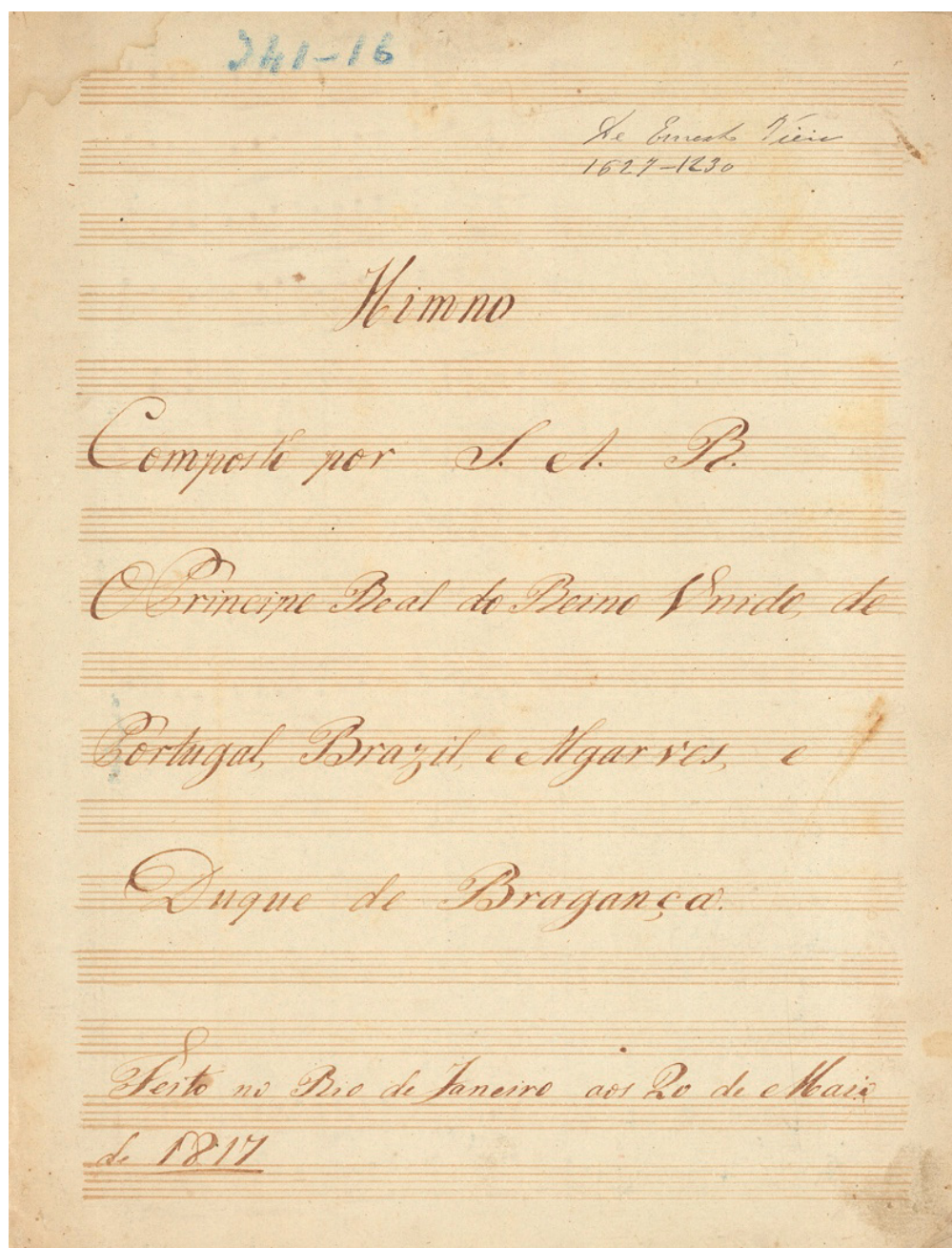
(Rio de Janeiro, 6 nov. 1816)

6 Valses composées par S. A. R. le P[rin]ce Don Pedro, arrangées pour

l’orchestre, et ajouté des Trios

(Rio de Janeiro, 16 nov. 1816).⁵⁴

Sigismund Neukomm ministrou aulas de composição a D. Pedro desde a chegada ao Rio de Janeiro, em maio de 1816. À maneira de seu professor Haydn, escreveu uma autobiografia, além de repertoriar suas obras em um catálogo, graças ao qual sabemos acerca das valsas compostas por D. Pedro.



O músico austríaco se refere a D. Pedro em uma carta escrita a uma amiga, em 12 de agosto de 1817: “... tenho dois alunos (não conto entre eles o Príncipe real, que se ocupa de música como um Príncipe)”.⁵⁵

Cada vez mais envolvido com a vida pública, quando já passava dos 18 anos, é provável que D. Pedro não dispusesse do tempo necessário para se dedicar aos difíceis exercícios de contraponto. Iniciou, então, a

carreira de compositor por gêneros em que seu professor austríaco era notável: as valsas e os hinos. As primeiras se perderam, mas os hinos sobreviveram, alguns impressos por diversas editoras. Das peças conhecidas hoje, a mais remota é o hino dedicado a D. João VI, certamente para celebrar a Aclamação. O manuscrito é datado de 20 de maio de 1817, e o texto exalta a vitória dos portugueses sobre os revoltosos pernambucanos, rendidos na mesma data.

*Aceitai Rei excelso
Os votos sagrados
Que os Luzos honrados
Vêm livres fazer*

*[Refrão]
Por vós, pela Pátria
O Sangue daremos
Por glória só temos
Vencer ou morrer*

Curiosamente, Neukomm havia escrito, pouco antes, em 25 de abril de 1817, o hino marcial *Valerosos Lusitanos*.

*Valerosos lusitanos
a vitória por vós chama
a Trombeta já da Fama
vossos nomes vai cantar*

*Vamos todos inspirados
Pelo Marte tutelar
resgatar um povo aflito,
O melhor dos reis vingar.⁵⁶*

Para saber mais: propostas de atividades!

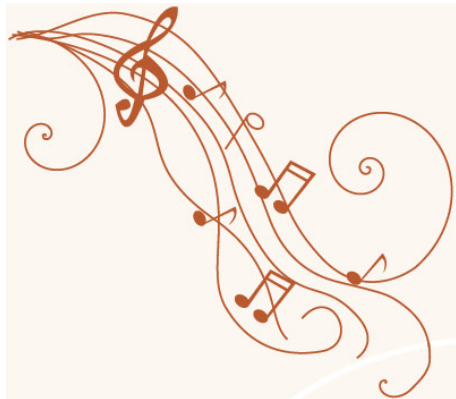
- Pesquisar sobre o termo “música clássica” em https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica_cl%C3%A1ssica;
- Listar os gêneros musicais que você conhece (https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnero_musical);
- Já ouviu falar de Ludwig van Beethoven? Leia sobre ele em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_van_Beethoven;
- Listar as músicas que conhece compostas por Beethoven;
- Tocar ou cantar alguma peça do século XIX;
- Pesquisar sobre um catálogo de obras, como o catálogo de obras de Sigismund Neukomm, de 19 jun. 2017, organizado por Rosana Lanzelotte: <https://musicabrasilis.org.br/temas/catalogo-de-obras-de-sigismund-neukomm>;
- Listar as músicas de um compositor, compositora ou banda da qual você goste;
- Fazer uma pesquisa com sobre hinos. Qual é o significado deles?;
- Escutar o hino dedicado a D. João VI, composto por D. Pedro I, em versão para orquestra e coro, pela Orquestra Jovem do Rio, regida pelo Maestro Leonardo Bruno em <https://youtu.be/xJxkvpqZnz8>;
- Essa composição que acaba de ouvir é executada apenas por vozes, por uma orquestra ou pelos dois?

⁴⁹ OBERACKER Jr., Carlos. 1973. *A Imperatriz Leopoldina. Sua vida e sua época*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. p. 18.

⁵⁰ KANN, Bettina (org.). 2006. *Cartas de uma Imperatriz*. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade. p. 250.

⁵¹ CASSOTTI, Marsilio. 2015. *A biografia íntima de Leopoldina*. Ed. Planeta. São Paulo.

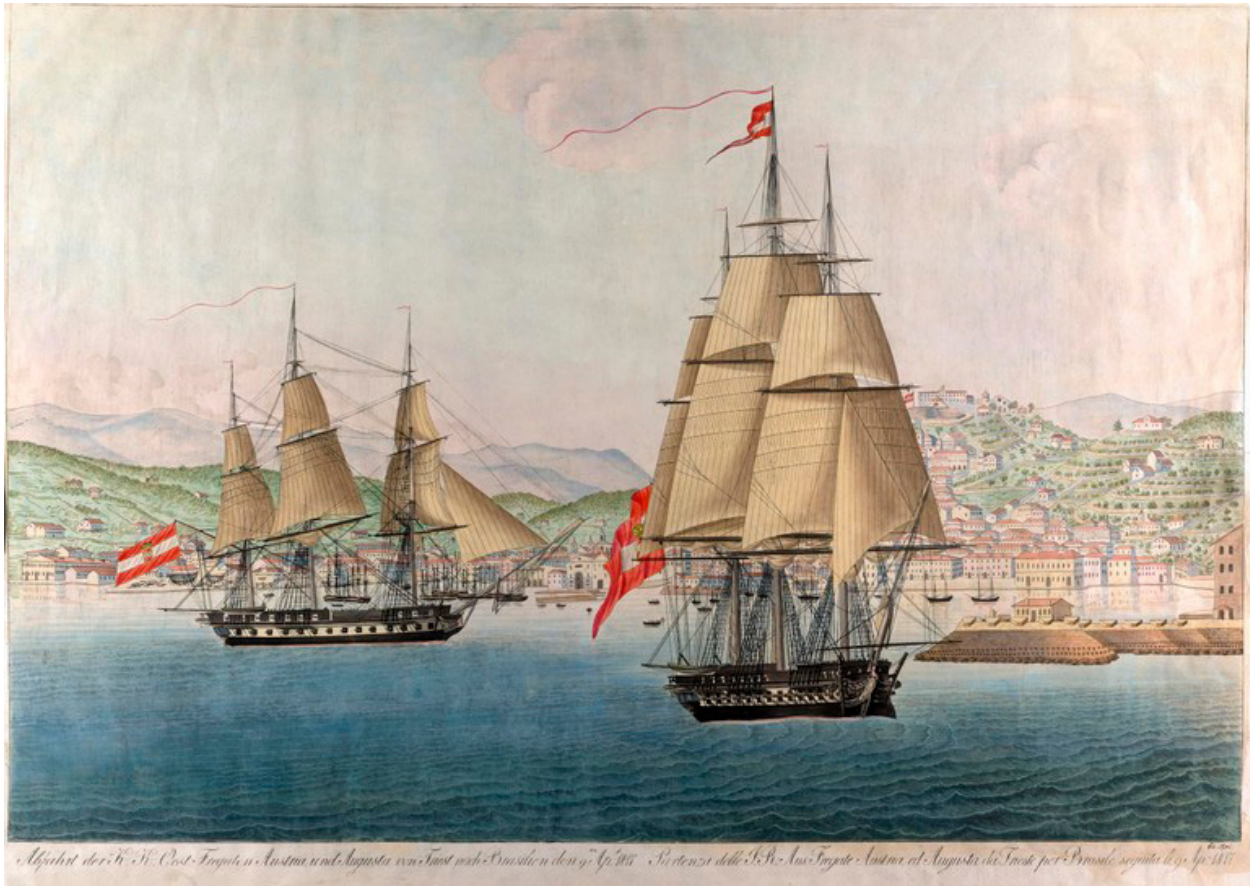
- ⁵² KANN, opus cit.. Pag. 255.
- ⁵³ OBERACKER JR., Carlos. opus cit. Pag. 65.
- ⁵⁴ ANGERMÜLLER, Rudolph. 1977. *Sigismund Neukomm – Werkverzeichnis – Autobiographie – Beziehung zu seinen Zeitgenossen*. Munique – Salzburgo: Musikverlag Emil Katzwichler. p. 79.
- ⁵⁵ “... j’ai deux élèves (je n’y compte pas le Prince royal, que s’occupe de la musique en Prince)”.
- ⁵⁶ TARGINI, F.B.M. Texto anotado a partir do manuscrito de autoria de S. Neukomm, Biblioteca Nacional da França, Ms. 7676 (2).



9.
AUGÚRIO DE
FELICIDADE



D. Leopoldina saiu de Viena em 2 de junho de 1817, atravessou os Alpes até Livorno, porto italiano no mar Mediterrâneo, onde se encontrou com a irmã Maria Luísa. Durante o trajeto terrestre, a Princesa soube que uma revolução estourara em seu novo país: a Revolução Pernambucana, de cunho republicano e separatista. Em consequência, a frota destinada a trazê-la ao Brasil ainda não havia chegado ao porto de Livorno. Esse contratempo a deixou “irritada” e “desconsolada”. As más notícias “quase me causaram um ataque de nervos”, escreveu a Luísa. A comitiva contava com quatro fragatas, duas das quais a *Áustria* e a *Augusta* zarparam de Trieste (Itália) em 6 de julho de 1817, com os móveis e decorações para a embaixada da Áustria, recém-instalada no Rio.



As fragatas Austria e Augusta no porto de Trieste, em 9 de abril de 1817, preparando a partida para o Rio

Somente em 15 de agosto de 1817, dois meses após a data prevista, D. Leopoldina embarcou, em Livorno, na nau *D. João VI*, acompanhada por cerca de 1200 pessoas. Para distraí-la durante a viagem, havia a bordo seiscentos pássaros do Brasil, um piano⁵⁷ e uma *banda de harmonia*, formação instrumental muito popular na Áustria e cada vez mais disseminada no Brasil. A comitiva era tão descomunal que o chanceler Metternich teria dito que a Arca de Noé “era um brinquedo de criança comparado ao navio de carreira João VI”.⁵⁸ Uma outra banda liderada pelo clarinetista saxão Erdmann Neuparth, radicado em Lisboa desde 1814 veio a bordo da fragata Áustria. Havia ainda um grupo de notáveis cientistas, que se tornaram autores de importantes obras sobre o Brasil: os naturalistas Johann von Spix e Karl Friedrich von Martius,⁵⁹ Johann

Emanuel Pohl⁶⁰ e Johann Natterer. Quanto à banda, esta contava com um curioso instrumento que caiu em desuso, o serpentão, e foi ilustrada em duas aquarelas pelo artista Thomas Ender.



Thomas Ender – Música na fragata Áustria, desenhado durante a viagem (1817)

Na bagagem de D. Leopoldina havia uma coleção de partituras, com volumes de sofisticada encadernação, lombadas gravadas e bordas das páginas em ouro.⁶¹ Esse precioso conjunto integra hoje a Coleção Thereza Cristina Maria da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e inclui as primeiras edições das Sonatas de Mozart, Haydn e Beethoven, além de peças dos compositores mais apreciados à época, como Muzio Clementi, Johann Baptist Cramer, Jan Ladislav Dussek e Ignaz Joseph Pleyel. Havia também dois valiosos manuscritos de concertos dedicados a D. Leopoldina por seu mestre Kozeluch, obras que sobrevivem apenas no Brasil.⁶²

O fausto com que D. Leopoldina foi recebida, em 5 de novembro de 1817, está documentado em desenhos de Jean-Baptiste Debret e gravuras de Charles-Simon Pradier (1783 – 1847), artistas da Missão Francesa no Brasil. Como era de hábito, após o desembarque, a Princesa foi conduzida em cortejo à Capela Real, onde ouviu os primeiros acordes em terras brasileiras: o *Te Deum Laudamus*, de Marcos Portugal, principal compositor da Corte, e sob sua regência.

Alguns dias depois, Neukomm descreve, em carta ao colega Joseph Leopold Eybler (1765 – 1846) a chegada de D. Leopoldina:

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1817

Caro amigo,

Finalmente, temos a alegria de ter aqui nossa Princesa, ansiosamente esperada. Sua entrada [na Baía] foi por demais solene para que todos os jornais não dessem um relato detalhado. Não preciso lhe dizer, caro amigo, que nada foi poupado para receber como se deve à venerada filha do Imperador. Quanto ao que se pode escrever sobre o entusiasmo manifestado pelo povo, acredite que as descrições permanecerão sempre aquém da realidade. No trajeto para a igreja, a carruagem em que ela estava com o marido e Suas Majestades o Rei e a Rainha foi submersa em rosas, lançadas pelas janelas, tão abundantes como os flocos de neve durante nosso inverno, e ressoava no ar mil “Viva Carolina, Viva o Príncipe, Viva toda a família Real!” O Rei, cujos olhos mostravam o encantamento, disse à Princesa: “Tudo isto é para vós – todos já vos amam”. Por um acaso afortunado, a carruagem do rei parou em baixo da janela de onde eu admirava o cortejo. O Rei me viu e deu-me a graça de me cumprimentar com as manifestações de amizade que lhe são próprias, ele conduziu a mim os olhares de seu filho e sua esposa, e eles também se dignaram me recompensar com um olhar.⁶³

Em sua carta, Neukomm não escondeu o entusiasmo pela chegada da Princesa.

Como eu cuidadosamente evitei comparecer à apresentação de gala para a Corte, apenas ontem pude apresentar meus respeitos à nossa honorável Princesa. O Príncipe herdeiro me fez a honra de me apresentar ele mesmo a ela, e ela me recebeu com a condescendência e a bondade típicas de sua família. Deu-me gentilmente notícias suas, caro amigo, e pude com emoção constatar que sua Alteza Imperial e Real sabia exatamente quem você era e vos fez justiça como homem honrado e como um de nossos maiores compositores. Sua Alteza me fez a honra de tocar uma sonata de Mozart, depois eu improvisei, após o que ela tocou comigo uma sonata a quatro mãos, novamente de Mozart. Eu passei em companhia desse simpático casal real duas horas das mais felizes, eles me permitiram desfrutar da cultura e vivacidade da nossa benemérita Princesa.

Eu soube com que sinceros sentimentos de amizade você calorosamente me recomendou à Sua Alteza Imperial e Real, e sou-lhe profundamente grato [...]⁶⁴

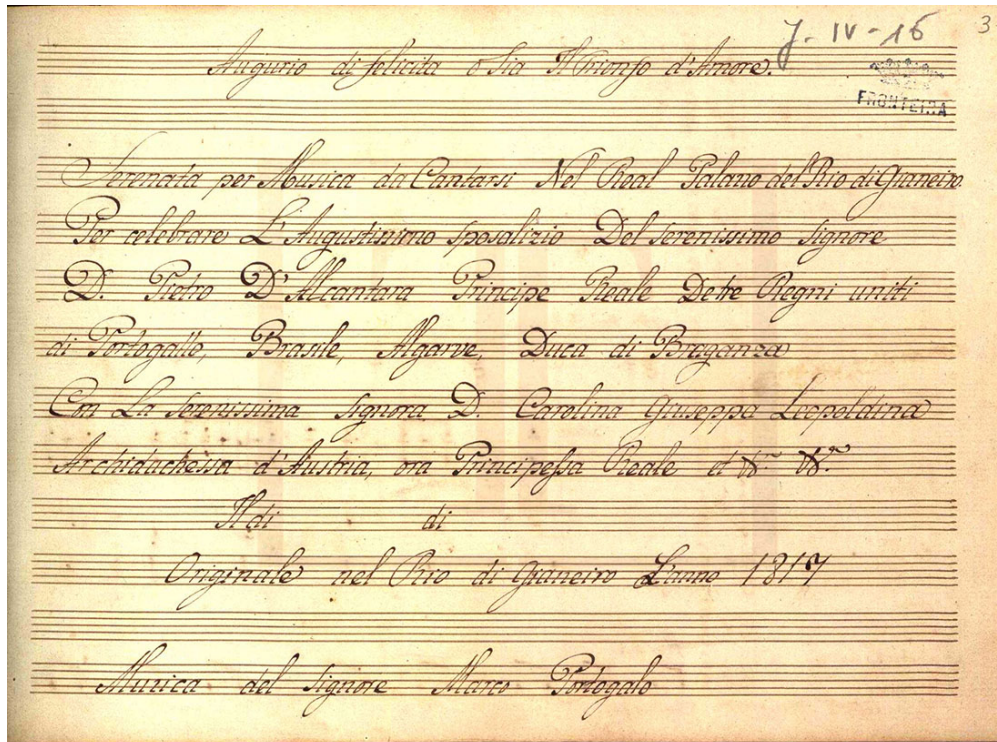
A apresentação de gala mencionada por Neukomm ocorreu na Quinta da Boa Vista, dois dias após o desembarque de D. Leopoldina. Empenhado em causar impressão favorável a respeito da música praticada em sua Corte, D. João encomendou uma variada serenata, descrita em detalhes na *Gazeta do Rio de Janeiro*:

Nesta noite, houve por bem El REI Nosso Senhor receber no paço da Real Quinta da Boa Vista o corpo diplomático; e em presença assim deste Respeitável Corpo, como dos grandes do Reino, oficiais mores da Casa, camareiras mores, damas etc. começou uma magnífica serenata

*na Casa da Audiência. Deu princípio a esta pomposa solenidade uma sinfonia composta por Ignácio de Freitas. Dignou-se então o Sereníssimo Senhor Príncipe Real de cantar uma ária com as formalidades seguidas em semelhantes circunstâncias, repetindo este mesmo obsequio as Sereníssimas Senhoras Princesas D. Maria Thereza e Infanta D. Izabel Maria. Depois destas reais demonstrações de júbilo, seguiu-se a execução do Drama intitulado Augurio di Felicità, arranjado pelo célebre Marcos Portugal, compositor da excelente música, desempenhada perfeitamente pelos músicos da Real Câmara; terminando este mesmo Drama com um Elogio também em italiano, recitado por um dos mais insignes músicos da Real Câmara.*⁶⁵

Oportunamente, os Príncipes portugueses exibiram seus dotes a D. Leopoldina, em prenúncio dos momentos musicais ditosos de que desfrutaria ao lado de D. Pedro. Os oito papéis do *Augurio di Felicità* foram distribuídos aos melhores cantores da Corte: os *castrati* italianos Giovanni Francesco Fasciotti, Pasquale e Marcello Tani, Antonio Cicconi e Giuseppe Capranica; o baixo brasileiro João dos Reis e os tenores Giovanni Mazziotti e Antônio Pedro [Gonçalves].⁶⁶

D. Leopoldina manifestou-se feliz e profundamente emocionada pela recepção a ela oferecida: “Todos são anjos de bondade, especialmente meu querido Pedro... Embora eu esteja casada com ele há apenas dois dias, Pedro merece todo o meu respeito e atenção, pois seu comportamento é admirável”.



Música para celebrar o matrimónio de D. Pedro e D. Carolina Josefa Leopoldina, no Real Palácio do Rio de Janeiro

O sábado após o desembarque 8 de novembro de 1817 estava destinado à estreia brasileira de *Mélope*, ópera de Marcos Portugal, apresentada com sucesso em Florença e outras capitais europeias desde 1804.

À noite observou-se um espetáculo, que pela sua novidade e grandeza, atraiu a geral atenção. O Coronel Fernando José de Almeida, proprietário do Real Teatro de S. João, ofereceu ao público uma ópera gratuita. Estava o Teatro iluminado com profusão e gosto, fazendo uma vista agradável e soberba a combinação das muitas luzes e vidros. Sua Majestade e toda a Sua Augusta Família Se dignaram de honrar aquele espetáculo com as Suas Reais Presenças. Para este fim se transportaram em grande Estado ao sobredito Teatro, e ao chegar à Real Tribuna, que estava ricamente iluminada, romperam os Espectadores em frequentes

*Vivas à Sua Majestade, à Sereníssima Senhora Princesa Real, a toda a Real Família, e à Casa de Bragança. Começou então a representação da ópera séria ainda não vista nesta Corte, intitulada Mérope, música da composição do insigne Marcos Portugal. O cenário e vestuário eram não só majestosos, mas inteiramente novos.*⁶⁷

D. João VI aproveitou a oportunidade para convidar os músicos da banda liderada por Erdmann Neuparth a permanecerem no Rio de Janeiro, conforme testemunho do próprio:

*... mandaram desembarcar a banda [...] e levaram-nos a São Cristóvão para tocar diante do Rei D. João VI. Agradou muito a nossa música à Sua Majestade. E mandou-nos perguntar pelo Conde de Paraty se queríamos ficar no Rio. A princípio ninguém quis ficar porque todos queriam ir outra vez para Portugal. Mas eu entrei a pensar que tanto estrangeiro era eu em Portugal como no Brasil, e resolvi-me a ficar, como os outros viram que eu ficava, foram ficando também, fora um que não quis ficar.*⁶⁸

Neukomm dedicou-se de imediato a homenagear D. Leopoldina com uma série de obras, a começar pela *Missa Sancti Leopoldi*, em louvor ao dia de São Leopoldo – 15 de novembro –, santo patrono da Áustria e onomástico da Princesa. Em 23 de novembro, escreveu a primeira das obras para piano a ela dedicada: as *6 Variações com acompanhamento de violoncelo*, sobre um tema de Kozeluch, professor da Princesa em Viena.

Desde os primeiros momentos no Rio de Janeiro, D. Leopoldina escreveu amiúde à irmã Maria Luísa, ao pai, ao irmão e a outros destinatários. Suas cartas constituem preciosas crônicas da vida nos trópicos. Permitem também avaliar o quão importante era a música para

D. Pedro e para a vida de ambos. Em 10 de dezembro de 1817, pouco mais de um mês após a chegada, escreveu à irmã Maria Luísa:

Tenho me ocupado muito com a música, pela qual meu esposo é apaixonado; tudo para ele acontece com intensidade, pois é muito cheio de vida; compor é o que mais lhe agrada fazer e logo que dizer algo novo e logo que fizer algo novo mandar-to-ei, pois é para piano, talvez até mesmo por este portador.⁶⁹

A Princesa se queixou das poucas oportunidades de convívio social em carta a Maria Luísa, datada de 11 de dezembro de 1817.

Embora esteja muito feliz, o estilo de vida em que nunca se vai ao teatro, nunca a uma festa em que as pessoas não sejam as mesmas de todos os dias, vai se tornando mortal para alguém acostumado a um pouco de distração, e até meu esposo reclama disso. [...] Pelas manhãs tenho aula de canto, português e latim, à tarde só passeio e à noite vou dormir às oito horas, porque infelizmente é mais fácil a pedra virar leito do que se receber permissão para ir ao querido teatro.⁷⁰

Ao irmão Francisco, em primeiro de janeiro de 1818, menciona a descoberta da guitarra, instrumento de origem portuguesa, muito popular no Brasil, e comenta sobre D. Pedro:

À uma hora estudo guitarra e, com o meu esposo, piano; ele toca viola e violoncelo, pois toca todos os instrumentos tanto os de corda como os de sopro; talento igual para a música e todos os estudos, como ele possui, ainda não tenho visto.⁷¹

À tia Maria Amélia, escreve em 24 de janeiro de 1818:

Durante o dia, estou sempre ocupada a escrever, ler e tocar música; como meu esposo toca muito bem quase todos os instrumentos, costumo acompanhá-lo no piano e, desta maneira, tenho a satisfação de estar sempre perto da pessoa querida.⁷²

Para comemorar o primeiro aniversário de D. Leopoldina em terras brasileiras, em 22 de janeiro de 1818, Neukomm compôs a *Marcha para grande orquestra militar*. Como de hábito, transcreveu essa peça para pianoforte a quatro mãos, talvez para proporcionar aos Príncipes consortes momentos de prática musical em conjunto.

D. Leopoldina noticiou frequentemente seu excelente relacionamento com D. João, que a tratava como filha, e com a irmã mais velha de D. Pedro – D. Maria Teresa –, também pianista, com quem estabeleceu uma relação de amizade. As apreciadas estadias na fazenda de Santa Cruz, onde D. Leopoldina praticava a caça, um de seus esportes favoritos, foram, por diversas vezes, mencionadas.

As desilusões com atitudes de D. Pedro ficaram evidentes em carta a Maria Luísa, em 2 de janeiro de 1819:

... estou sozinha aqui, pois vejo tantas atitudes contraditórias que não consigo dormir direito, e não sei se tenho um amigo em meu esposo e se sou realmente amada.⁷³

Apesar de cumprir seus deveres de Princesa, D. Leopoldina evidenciou, em reunião com o representante austríaco Neveu, seu desejo de retornar à Europa, ressaltando que tal desejo era compartilhado por seu esposo.⁷⁴ Nessa ocasião, já estava grávida da primeira filha. A maternidade modificaria suas disposições.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Observar o desenho *As fragatas Áustria e Augusta no porto de Trieste, em 9 de abril de 1817, preparando a partida para o Rio*, de Thomas Ender. Listar os sons que podem fazer parte desta paisagem sonora;
- Sabe-se que havia a bordo seiscentos pássaros do Brasil para distrair a Princesa Leopoldina durante a viagem. Listar os cantos de pássaros que você conhece;
- Imitar sons de pássaros;
- Pesquisar sons de aves do Brasil em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_aves_do_Brasil;
- Pesquisar sobre o instrumento serpentão em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Serpent%C3%A3o>;
- Observar o desenho de Thomas Ender, *Música na fragata Áustria*; criar uma dramatização sonora com os sons da gravura;
- Construir um instrumento de sopro com uma mangueira de jardim ou um tubo de plástico flexível;
- Na bagagem de D. Leopoldina havia uma coleção de partituras, pesquisar o que é uma partitura em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Partitura>;
- Assistir ao vídeo do drama musical *L'augurio di felicità* (excertos) em <https://www.youtube.com/watch?v=VgBBbIywnm8>;
- Ler sobre a voz humana em https://pt.wikipedia.org/wiki/Voz_humana;
- O que é castrato? Leia no link <https://pt.wikipedia.org/wiki/Castrato>;
- Ouvir o áudio da composição de Neukomm, *Variações Kozeluch para Violoncelo e Piano*; perceber os dois instrumentos piano e violoncelo em <https://www.youtube.com/watch?v=NMEoQA553-s>;

- Ver na página do Musica Brasilis o texto, a foto e o vídeo sobre o violoncelo: <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/violoncelo>;
- Perceber os dois instrumentos (piano e violoncelo) na composição;
- Observar a figura da primeira página da “Música para celebrar o matrimônio de D. Pedro e D. Carolina Josefa Leopoldina, no Real Palácio do Rio de Janeiro”. Listar as músicas de casamento que você conhece;
- “Desde os primeiros momentos no Rio de Janeiro, D. Leopoldina escreveu amiúde à irmã Maria Luísa, ao pai, ao irmão e a outros destinatários. Suas cartas constituem preciosas crônicas da vida nos trópicos.” Cartas Leopoldinas, espetáculo em homenagem à Princesa Leopoldina, pode ser visto no canal do Musica Brasilis em <https://www.youtube.com/watch?v=mVgdj98sQrc>;
- “Ao irmão Francisco, em primeiro de janeiro de 1818, menciona a descoberta da guitarra, instrumento de origem portuguesa, muito popular no Brasil, e comenta sobre D. Pedro.” Guitarra aqui significa violão, pesquisar sobre o instrumento em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/violao>;
- Se você mora no Rio de Janeiro, pode conhecer o bairro de Santa Cruz. Pesquisar sobre a “fazenda de Santa Cruz” para compreender sua importância, em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Imperial_de_Santa_Cruz.

⁵⁷ OBERACKER JR., Carlos. 1973. *A Imperatriz Leopoldina. Sua vida e sua época*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. p. 101.

⁵⁸ WAGNER, Robert & BANDEIRA, Júlio, 2000. *A Noiva do Príncipe Herdeiro de Portugal Arquiduquesa Leopoldina*. In *Viagens ao Brasil nas Aquarelas de Tomas Ender: 1817 – 1818*, Petrópolis, Kapa, vol. 1, p. 39.

- ⁵⁹ SPIX, Johann von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. 1817-1820. *Viagem pelo Brasil*. EDUSP, São Paulo 1981.
- ⁶⁰ POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. EDUSP, 1976.
- ⁶¹ PERSONE, Pedro. 2014. *O piano era, então, ainda uma novidade: a coleção Thereza Christina e sua performance*. Curitiba: Editora Prismas. p. 25.
- ⁶² AUBIN, Cristiana. 2016. *Acervo musical da Coleção Thereza Christina Maria da Biblioteca Nacional: é possível falar em completude?*. Belo Horizonte: Anais do XXVI Congresso da ANPPOM. Disponível em: <https://www.academia.edu/30085255/Acervo_musical_da_Colecao_Thereza_Christina_Maria_da_Biblioteca_Nacional:_e_possivel_falar_em_completude?>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ⁶³ Biba, Otto (2002): Sigismund Neukomm, ein österreichischer Komponist am brasilianischen Hof in Rio de Janeiro. *Musikblätter der Wiener Philharmoniker*, 56. Jg., volume 9, Viena 2002: 321-330. Tradução para o francês por Marc Vignal, tradução para o português por Rosana Lanzelotte.
- ⁶⁴ BIBA, op. cit.
- ⁶⁵ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 12/11/1817. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1817/gazeta_rj_1817_091.pdf>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ⁶⁶ CARVALHAES, Manoel Pereira Peixoto d'Almeida. *Marcos Portugal na sua música dramática*. Lisboa: Typographia Castro Irmão, 1910, pp. 38-39.
- ⁶⁷ *Ibidem*.
- ⁶⁸ BINDER, Fernando P. 2021. *Ordem na festa: bandas militares no Brasil entre 1808 e 1889*. São Paulo: Pimenta Cultural. p. 68. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=swpZEAAAQBAJ&newbks=1&newbks_redir=0&lpg=PP1&dq=fernando%20binder%20ordem%20na%20festa&pg=PA4#v=onepage&q=fernando%20binder%20ordem%20na%20festa>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ⁶⁹ KANN, Bettina (org.). 2006. *Cartas de uma Imperatriz*. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade. p. 319.
- ⁷⁰ *Ibidem*. p. 320.
- ⁷¹ OBERACKER, op. cit. p. 144.
- ⁷² KANN, op. cit. p. 327.

⁷³ KANN, op. cit. p. 350.

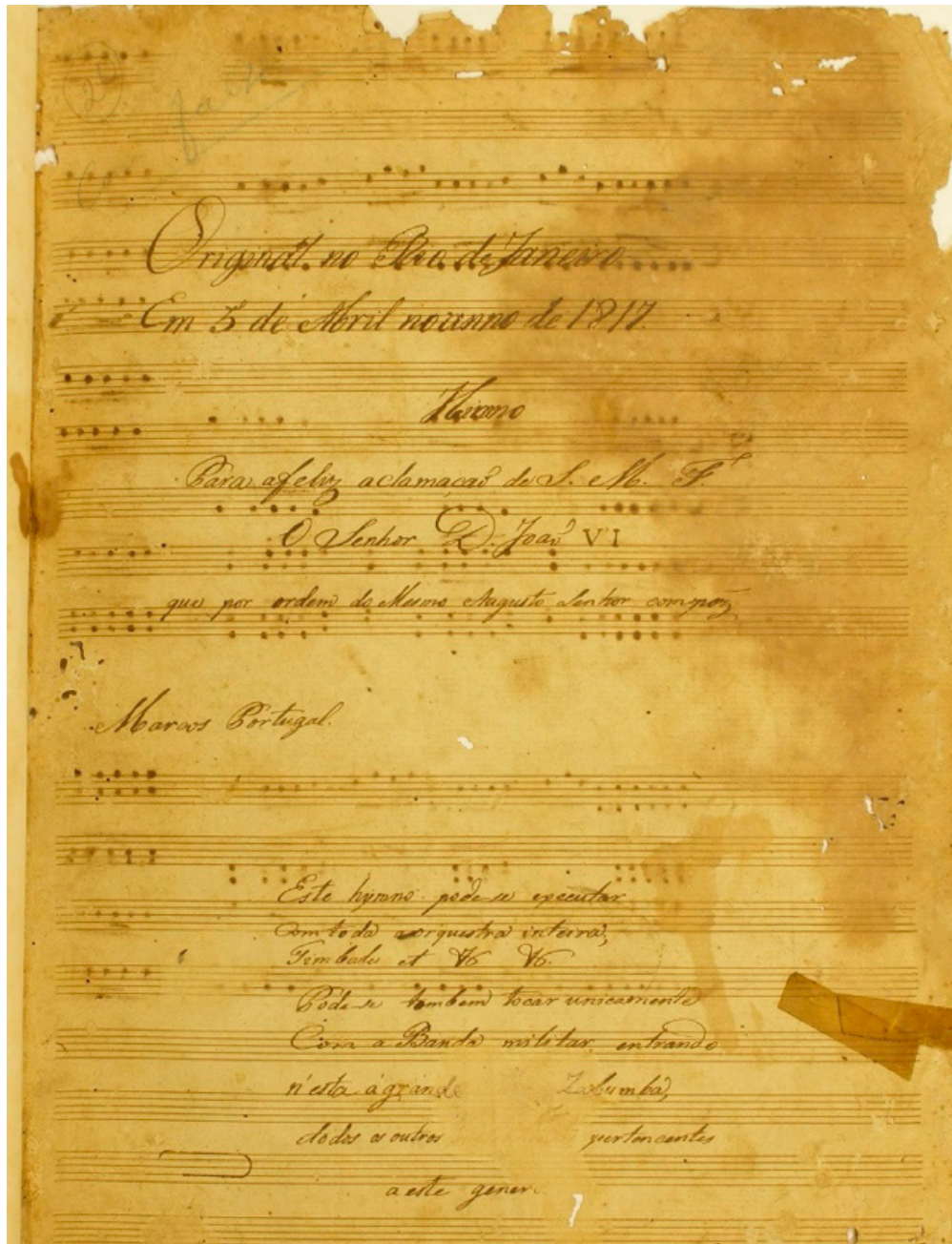
⁷⁴ CASSOTTI, Marsilio. 2015. *A biografia íntima de Leopoldina*. Ed. Planeta. São Paulo. p. 277.



10. ALEGRIA PÚBLICA



Decorrido um ano de luto pelo falecimento de D. Maria I, a aclamação de D. João VI foi marcada para o mês de abril de 1817. A aclamação pelos súditos, em praça pública, endossava a subida dos reis portugueses ao trono, obliterando a coroação. Tratava-se de uma tradição desde os tempos de D. João IV, que, ao se tornar Rei, em 1640, depositou a coroa aos pés da estátua de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, por considerá-la “a verdadeira Rainha de Portugal”.



Os súditos lisboetas esperavam que D. João retornasse a Lisboa para a Aclamação, mas, para grande decepção, o Rei se propusera a permanecer no Brasil. Após a criação do Reino Unido e o casamento do Príncipe D. Pedro com uma Habsburgo, a aclamação em terras brasileiras fortaleceria o poderoso império imaginado pelo Rei e pelo Conde da Barca.

D. João se envolveu, desde o primeiro momento, com os preparativos, ao encomendar a seu compositor predileto Marcos Portugal o *Hino para a Feliz Aclamação* – partitura pronta desde 5 de abril de 1817.⁷⁵ A obra poderia ser apresentada “com toda a orquestra inteira” ou “com a banda militar, entrando nesta a grande Zabumba”, instrumento de percussão de som grave. Esta última pareceu-lhes perfeita para as comemorações em praça pública.

Empenhado em agradar ao Rei, Sigismund Neukomm compôs duas obras para a cerimônia. Em março de 1817 concluiu a marcha para grande orquestra militar: *Alegria Pública (Allegresse publique pour l’acclamation de S. M. Joas [sic] VI)*, acompanhada de banda, adequada às comemorações ao ar livre. No mês seguinte, Neukomm concluía a monumental *Missa Solemnis pro die acclamationis S. M. Johannis VI*, na tonalidade de Ré maior, própria para as celebrações festivas.

*Ao arranjar essa missa para a Capela Real, no Rio de Janeiro, tive que compor um outro Gloria, que, só ele, é muito mais longo – dura uma hora – que todo o restante da missa; tive que me conformar, nesse aspecto, ao gosto do Rei.*⁷⁶

O *Gloria in Excelsis Deo* é o ápice, o momento de júbilo de uma missa. A estrondosa introdução, iniciada por um rufar de tímpanos, é seguida por árias de grande virtuosidade, destinadas aos *castrati*. Os tímpanos retornam no último trecho do *Gloria Cum Sancto Spiritu*, seguido pela magistral fuga, escrita no melhor estilo alemão, tão ao gosto e competência do compositor. Pela extensão e grande instrumental, depreende-se que o compositor se empenhara em escrever uma obra de espetacular efeito.

Porém, a tão esperada aclamação teve de ser subitamente adiada, em decorrência da eclosão da Rebelião Pernambucana em 6 de março de

1817, engendrada pelos maçons e insuflada pelos liberais da América do Norte, independentes desde 1776. O movimento dava sequência às rupturas ocorridas nas colônias da América de Espanha.

Embora a revolta tivesse sido debelada em maio de 1817, a aclamação só ocorreria em 6 de fevereiro de 1818, com a presença da aguardada Princesa Leopoldina. O adiamento contribuiu, no entanto, para que as cerimônias tivessem sido ainda mais esplendorosas.

E sendo justo que, conforme o uso antigo, costumes destes Reinos, se me faça o juramento, preito e homenagem, pelos grandes títulos, seculares e eclesiásticos, vassallos e mais pessoas de nobreza: fui servido nomear o dia 6 do mês próximo futuro para esta solenidade, que se há de celebrar na varanda que para este efeito se mandou levantar no terreiro do Paço.

Coube ao arquiteto Grandjean de Montigny e a seus colegas Jean Baptiste Debret e Auguste Taunay a concepção da “varanda” pensada ao Paço Real para receber D. João VI e sua família. Foram também projetados um templo em estilo grego, um arco de triunfo em estilo romano, e um grande obelisco, todos iluminados por lampiões de folha de flandres. Taunay concebeu uma enorme estátua de Minerva, além de outras representando a história, a poesia e deuses mitológicos.



J.B. Debret – Vista exterior da galeria de aclamação de D. João VI

A gravura de Debret mostra a multidão reunida para aclamar a família Real. Talvez cantassem o *Hino à Aclamação*, de Marcos Portugal, acompanhado por “*Ministreis, Charamelas, Trombetas e Atabales*”, conforme publicado pela *Gazeta do Rio de Janeiro*.⁷⁷

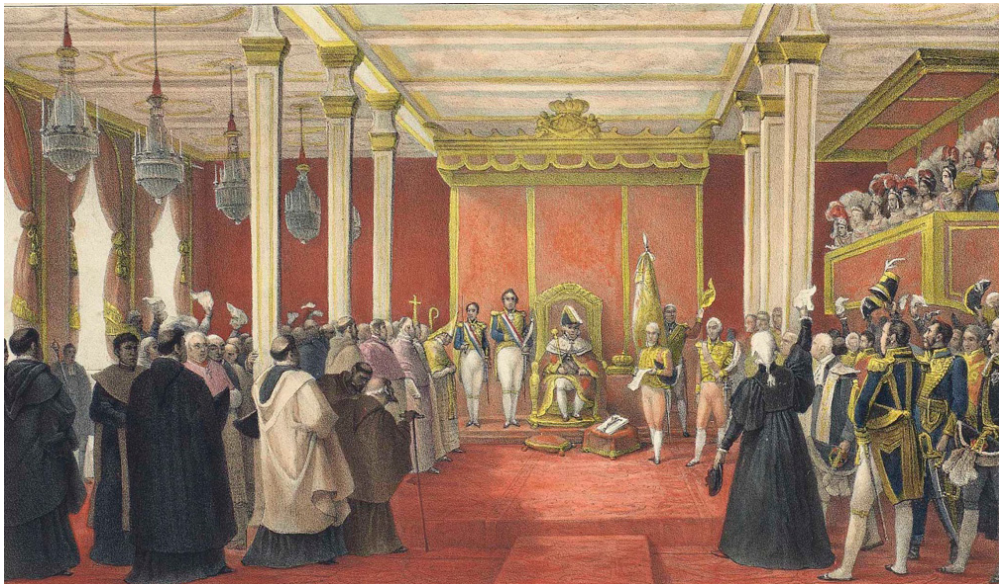
[1] Salve, salve, ó Povo Luso
Que aclamaste nosso Rei
Sustentar promete a lei
Sem do tempo ter o abuso.
Longo seja o seu reinado
Quem d’um povo é tão amado.

[2] É dos povos da nação
Protetor tão singular
Pois, que a lei quer respeitar,
Não precisa aclamação

Longo seja o seu reinado
Quem d'um povo é tão amado.

[3] No Brasil foi o primeiro
Que empunhou o triple cetro
E que achou em nossos peitos
Um amor tão verdadeiro.

Longo seja o seu reinado
Quem d'um povo é tão amado.



Aclamação de D. João VI (1818) - Jean-Baptiste Debret

Enquanto os artistas construíaam as edificações efêmeras, o compositor Marcos Portugal se debruçava sobre outra obra, o *Te Deum*, a ser tocado na Capela Real, em seguida à aclamação em praça pública. A obra teve o concurso dos cinco *castrati* italianos recém-chegados, contratados por D. João para abrilhantar a performance.

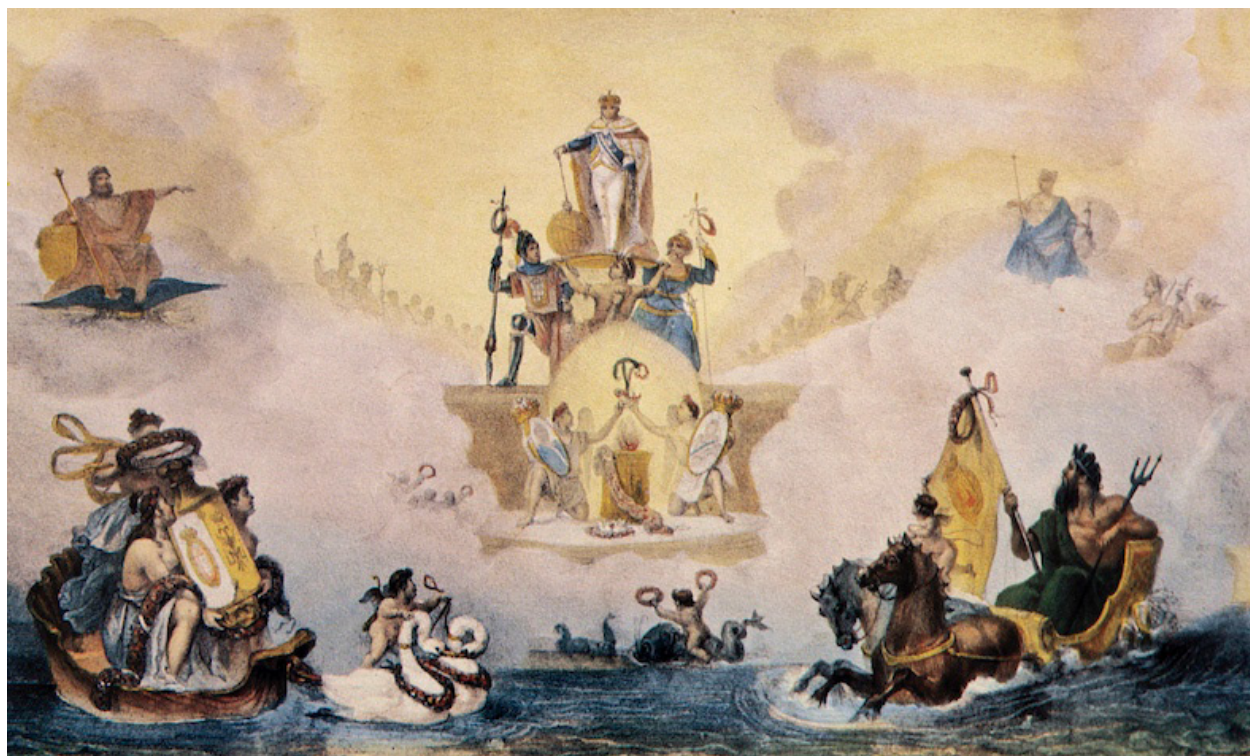
[...] *O Excelentíssimo Capelão Mor pôs no Troneto cercado de imensas luzes a Sagrada Relíquia, e subindo ao Sólido, entoou o Te Deum, que cantaram os Músicos da Real Câmara e Capela, dirigidos pelo célebre Marcos Portugal, Mestre de SS. AA. RR., Compositor daquela excelente Música. Apesar da sua grande extensão, a Piedade de Sua Majestade superou todos os obstáculos, que opunha o incômodo, que sofre há tanto, assistindo em pé quase todo o tempo, que durou o Hino [...]*⁷⁸

Os festejos da aclamação culminaram com a grande celebração de 13 de maio de 1818, data do aniversário de D. João VI. A *Gazeta do Rio de Janeiro* publicou um número extra dedicado ao acontecimento:

À noite Se transportou Sua Majestade, acompanhado de SS. AA. RR. e Real Família ao Real Teatro de S. João, onde se ofereceu gratuitamente um agradável espetáculo. À chegada de Sua Majestade se deram repetidos e unânimes Vivas, aos quais se seguiu um elogio alegórico, em que entravam Mercúrio, Amalthea, Portugal e o Brasil, alusivo, assim, ao Faustíssimo Dia, que se celebrava, como a Gloriosa Aclamação de Sua Majestade. Seguiu-se o Drama por Música intitulado Coriolano com elegante cenário e rico vestuário. No intervalo do 1º ao 2º Ato se executou um Baile sério Pantomino com um Ato, intitulado o Prodígio da Harmonia, ou o Triunfo do Brasil, inventado e dirigido pelo Compositor do mesmo Teatro Luiz Lacombe, acompanhado de nova Música, composta por Pedro Teixeira de Seixas.

No fim deste excelente Baile, se mostrou um elegantíssimo quadro desempenhado por Mr. Debret, pensionado de S.M., alusivo aos três faustíssimos sucessos, que há seis meses tem desafiado as mais sinceras demonstrações, a saber, os Felicíssimos Desposórios de S.A.R. o Príncipe Real, com a Sereníssima Senhora Arquiduquesa Carolina Josefa

*Leopoldina, a Gloriosa Coroação de S.M., e o Seu Faustíssimo Natalício.*⁷⁹



Cenário para o Bailado Histórico – Jean-Baptiste Debret

A magnífica tela *Cenário para o Bailado Histórico*, de Debret, foi o primeiro de muitos de seus trabalhos destinados ao teatro.

A fim de não perder, na medida do possível, o meu caráter de pintor de história, vali-me do antigo cerimonial dos reis de Portugal para representar D. João VI em uniforme real, de pé sobre um pavês suportado pelas figuras características das três nações que compõem o Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves. Logo abaixo desse grupo principal coloquei as figuras ajoelhadas do Hímen e do Amor, com os retratos do Príncipe e da Princesa real. Ambos entrelaçavam as iniciais dos jovens esposos formando um monograma por cima do altar ardente do Himeneu.

De acordo com o programa, a cena se passava sob a abóbada etérea onde a reunião dos deuses outorgava honras de apoteoses a esse episódio histórico. O mar formava o horizonte, justificando assim a chegada de Netuno com o pavilhão do Reino Unido; do outro lado Vênus, na sua concha marinha puxada por dois cisnes guiados por Cupido, conduzia as Graças, sustentando os escudos unidos e coroados das duas nações recém-aliadas.⁸⁰

Debret ambientou a cena sobre os mares singrados pelo monarca a caminho do Novo Reino. Na representação das três nações do Reino Unido, coube ao Brasil a figura de um indígena.

A tela de Debret, que hoje se encontra desaparecida, foi exibida no teatro em novo espetáculo, em 24 de junho, onomástico do Rei, quando se ouviu a ópera *A Vestal*, de Pucitta,⁸¹ e em diversas outras ocasiões. Porém não se tem registro da execução da magnífica *Missa Solemnis pro die acclamationis S. M. Johannis VI*, uma das obras-primas de Sigismund Neukomm. Talvez Marcos Portugal, o diretor de música, tenha considerado inoportuna a execução, na Real Capela, de uma peça de outro compositor na emblemática aclamação. Tal consideração aparece sugerida na “correspondência do Rio de Janeiro”, publicada, em 7 de junho de 1820, pelo jornal *Allgemeine musikalische Zeitung*, o principal periódico de música da época.

Embora o primeiro Regente da orquestra daqui, Marco Portogallo, não veja com bons olhos outra música tomar lugar ao lado da sua, temos boas razões para crer que, muito breve, graças aos esforços do Senhor Neukomm e do Padre Maurício, ouviremos A Criação, de Haydn. Já se trabalha na distribuição das partes vocais.⁸²

A coluna é anônima — uma prática do periódico para proteger suas fontes —, porém há indícios de que Neukomm teria sido o autor, pois assinou correspondência anterior.

Mesmo sem o devido aplauso, Neukomm continuou a aperfeiçoar a *Missa Solene* nos meses que se seguiram. Acrescentou ao *Gloria* mais dois trechos — *Laudamus Te* e *Quoniam* —, de maneira a ampliar a duração, de acordo com o gosto do Rei. O difícil solo de violoncelo do início do *Quoniam* mostra o quanto o compositor estava familiarizado com as possibilidades da orquestra.

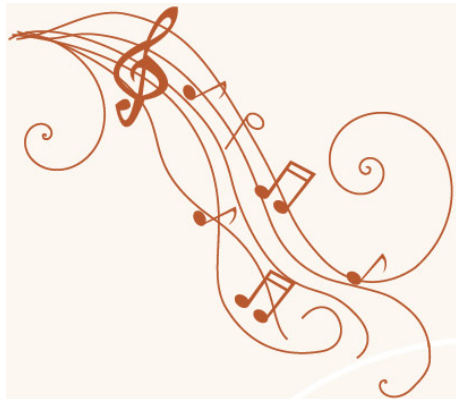
Sigismund Neukomm e Marcos Portugal, os dois mestres, ambos dedicados à música litúrgica à época da aclamação, talvez tenham inspirado o Príncipe D. Pedro a compor as primeiras peças para a Real Capela.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Marcos Portugal compôs, a pedido de D. João, o *Hino para a Feliz Aclamação*; Ver a partitura e ouvir o hino na página <https://musica-brasilis.org.br/partituras/marcos-portugal-hino-da-aclamacao>;
- A obra poderia ser apresentada com a banda militar. Leia sobre a banda militar em https://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_militar;
- Quais tipos de banda você conhece?
- O instrumento de percussão de som grave chamado Zabumba deve ter participado; leia sobre a Zabumba em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zabumba>;
- Listar os instrumentos de percussão que você conhece. Ver a página sobre percussão em <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/familia/percussao>;

- Neukomm compôs duas obras para a cerimônia da aclamação, a primeira foi a *Marcha para grande orquestra militar: Alegria Pública – Allegresse publique pour l’acclamation de S. M. Joas [sic] VI*; Assistir ao vídeo do espetáculo gravado ao vivo na Sala Cecília Meireles, em 4 de junho de 2016: <https://www.youtube.com/watch?v=uFHJrl4G4Bg&t=9s>;
- A segunda obra composta por Neukomm foi a *Missa Solemnis pro die acclamationis S. M. Johannis VI*; ouvir o áudio na página https://www.youtube.com/results?search_query=Missa+Solemnis+pro+die+acclamationis+S.+M.+Johannis+VI+neukomm;
- Perceber no áudio se, além dos instrumentos da orquestra, ouve-se alguma voz Voz feminina, masculina em solos ou cantando juntos? Tem coro?;
- O *Gloria in Excelsis Deo* é o ápice, o momento de júbilo de uma missa. A tonitruante introdução, iniciada por um rufar de tímpanos; assistir ao vídeo com a apresentação do tímpano em <https://musicabrazilis.org.br/instrumentos/familia/percussao>;
- Imaginar a coroação de um rei ou de uma rainha. Como seria a cerimônia? Quais músicas fariam parte desta trilha sonora?;
- Sabemos o que é uma fuga, mas, musicalmente, como deve ser? Ler sobre o assunto em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuga>;
- Observar a gravura Jean-Baptiste Debret que descreve a vista exterior da galeria de aclamação de D. João VI. Imaginar quantos músicos deveriam participar para que todos escutassem. Você já tentou cantar num ambiente fechado e depois num ambiente ao ar livre?;
- Observar a tela *Bailado histórico*, de Debret, e descrever seus significados. O rei, os soldados, a água... Musicalmente, como essa tela inspira você?

-
- ⁷⁵ *Hino para a Feliz Aclamação*. Disponível em: <<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReaderMobile.aspx?bib=BibDigENM3&pasta=Colecao%20de%20Partituras%20Manuscritas&pesq=Aclamacao%20>>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ⁷⁶ “En arrangeant cette messe pour la chapelle Royale, à Rio de Janeiro, il m'a fallu faire un autre Gloria, qui, à lui seul, est beaucoup plus long - il dure une heure - que tout le reste de la messe : j'ai dû me conformer en cela au goût du Roi ”, Neukomm, S. Carta a Pehr Frigel, datada de 1 dez. 1822. Acervo do Internationale Stiftung Mozarteum, Salzburgo. Tradução de Rosana Lanzelotte.
- ⁷⁷ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 10 de fevereiro de 1818, extra. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1818/gazeta_rj_extra_1818_002.pdf>. Acesso em 05 mar. 2023.
- ⁷⁸ Ibidem.
- ⁷⁹ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 15 de maio de 1818. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1818/gazeta_rj_extra_1818_007.pdf>. Acesso em 05 mar. 2023.
- ⁸⁰ DEBRET, Jean-Baptiste. 2015. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Organização e ensaio: Jacques Leenhardt. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo. Imprensa Oficial. p. 543.
- ⁸¹ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 27 de junho de 1818. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/749664/5035>>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- ⁸² Tradução de Luiz Heitor Correa de Azevedo, in AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. 1960. *Esplendor da vida musical fluminense no tempo de D. João VI. Sigismundo Neukomm no Rio de Janeiro*. Actas do III colóquio Internacional de estudos luso-brasileiros, Lisboa. pp. 77-88. Disponível em: <https://digipress.digitale-sammlungen.de/view/bsbio527970_00211_u001/1>. Acesso em 05 mar. 2023.



11.
MISSA, SINFONIA
E TE DEUM



O repertório musical de autoria de D. Pedro se ampliava. Quatro anos após as primeiras valsas e hinos, o Príncipe enveredava pela composição de obras de maior fôlego, destinadas à Capela Real, sede das principais manifestações musicais da Corte no Rio de Janeiro.

Em 17 de fevereiro de 1821, D. Leopoldina decidiu, pela primeira vez, enviar ao pai, o Imperador Francisco I, obras de autoria de D. Pedro, como expresso na carta abaixo:

Querido papai,

Envio-vos nesta ocasião uma Missa solene composta por Neukomm que, como súdito austríaco e discípulo de Haydn, merecerá, sem dúvida, o vosso bom acolhimento; além disso, contém duas fugas, que muito aprecia, como sabemos.

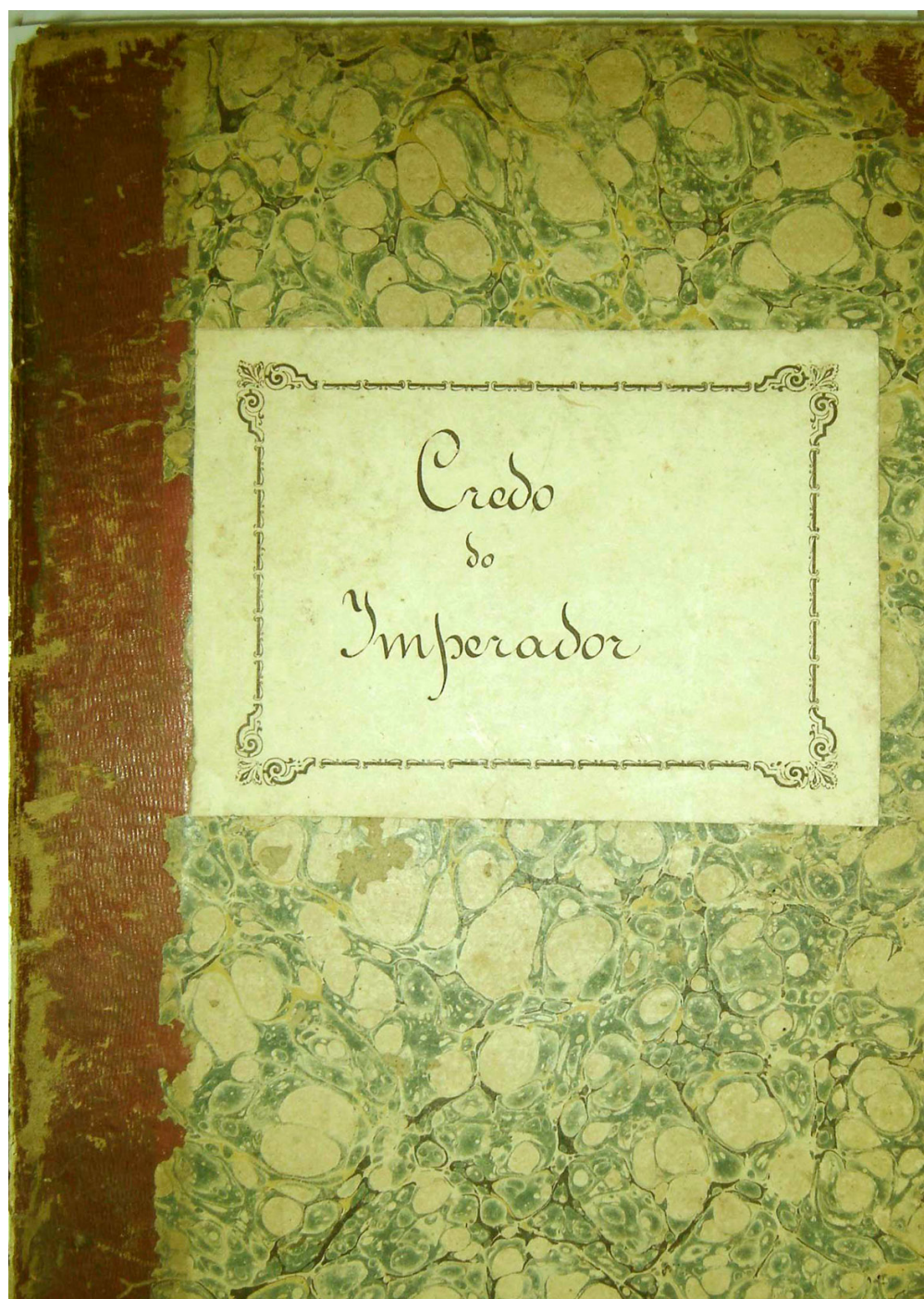
Meu Marido, que também é compositor, envia ao senhor uma Missa Solene, Sinfonia e Te Deum compostos por ele; falando sinceramente, são um tanto teatrais, o que é culpa do seu mestre; posso, no entanto, garantir que foram compostos por ele mesmo, sem auxílio.

... de sua mais obediente filha Leopoldine.⁸³

D. Leopoldina havia expressamente encomendado a Neukomm a *Missa Solemnis Sancti Francisci*, de cuja dedicatória consta: “pour S. M. l’Empereur François II par ordre de son auguste fille Me. la P[rince]sse Royale”. A Princesa buscava, antes de mais nada, agradar ao pai, ao enviar-lhe uma *Missa* tipicamente germânica, contendo duas fugas.

Em contraposição ao estilo daquela missa, as peças de D. Pedro são caracterizadas como sendo “de estilo teatral”. Essa crítica faz coro com as impressões de outros visitantes da Europa setentrional, oriundos de países onde o caráter da música de igreja era, necessariamente, grave e

solene. Ao contrário, nos países do sul a música litúrgica podia ser tão exuberante quanto a praticada nos teatros. Para além disso, o mestre Marcos Portugal era excepcional compositor de óperas, cuja retórica se fazia presente em suas obras de igreja e, conseqüentemente, podia ser vista nas composições do discípulo D. Pedro.



Cópias das obras de D. Pedro mencionadas na carta de D. Leopoldina ainda não foram localizadas na Áustria. Entretanto, no Arquivo da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro constam manuscritos do *Credo*, *Sanctus*, *Benedictus* e *Agnus Dei*, trechos corais da *Missa de Nossa Senhora do Carmo*, em Dó maior.⁸⁴ O *Credo*, título do volume manuscrito, uma das mais célebres obras de D. Pedro, se destaca pela grandiloquência dos trechos corais, bem como nos solos de clarineta, instrumento predileto de Mozart e dos maçons livres.

Essa *Missa* foi retomada por D. Pedro em 1823, por ocasião da eleição do Papa Leão XII, a quem foi enviada com a dedicatória: *Missa in Honorem Leone Duodecimo*.⁸⁵ Uma cópia completa foi localizada na Sé de Angra do Heroísmo, na Ilha dos Açores, em Portugal, como parte de um volume encadernado com o título de *Obras de D. Pedro*. Do volume, constam também o célebre *Credo* e uma Missa ainda inédita *Adjuva nos Domine* destinada à Quarta-Feira de Cinzas. Mais uma vez, D. Pedro empenharia o talento para a promoção do Brasil, desta vez junto ao papado.

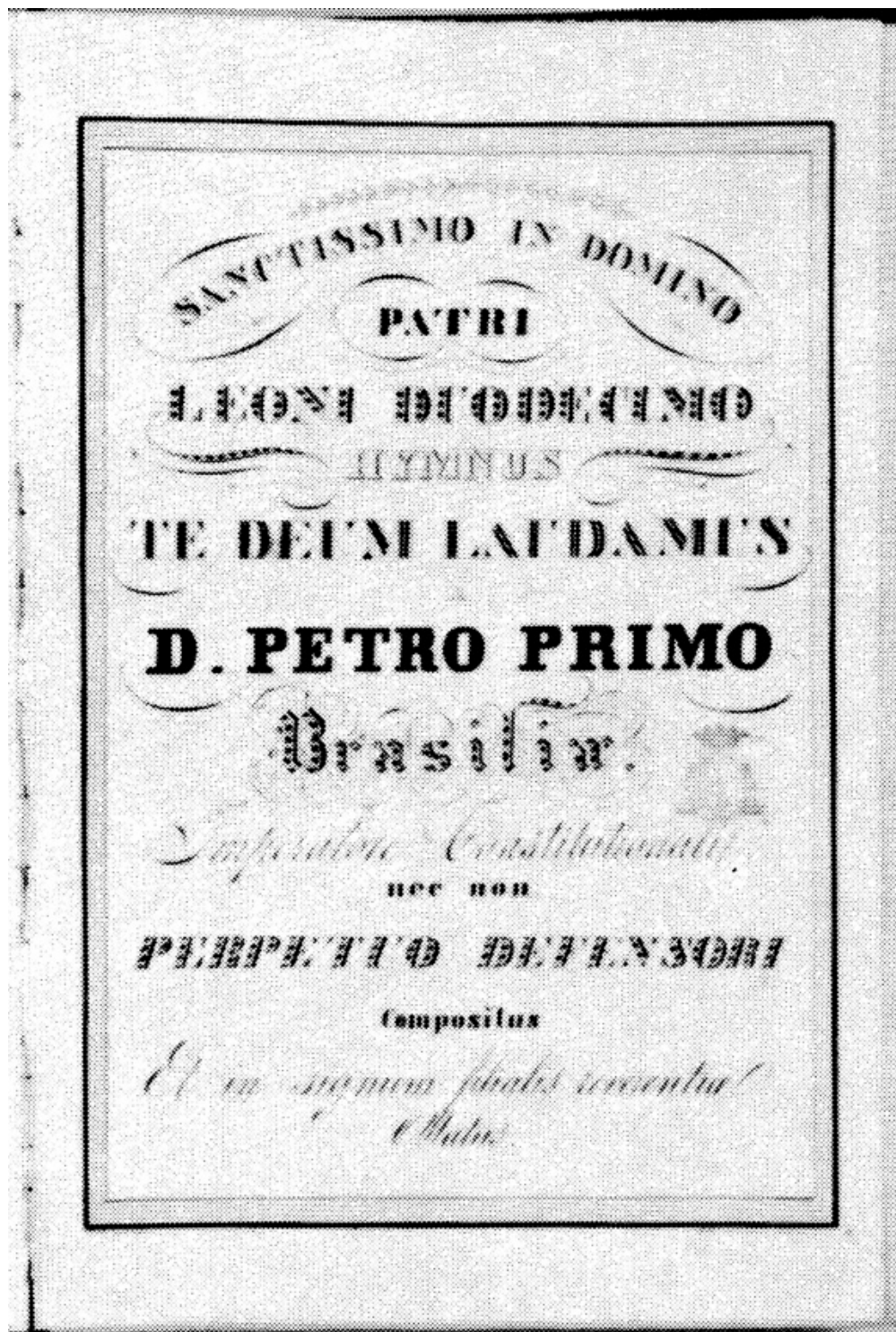
A *Sinfonia* mencionada na carta de D. Leopoldina indica uma obra orquestral, possivelmente a *Overture*, a única partitura desta natureza de autoria de D. Pedro localizada até hoje. Uma cópia da obra sobreviveu no Arquivo da Orquestra Lira Sanjoanense, em S. João del Rey, cidade ligada ao Rio de Janeiro pela “estrada do ouro”, por onde também circulavam os repertórios musicais. Um copista é o responsável pelo epíteto *Independência*, tendo apensado à parte da primeira clarineta: “Overture Composta pelo Senhor D. Pedro I na época da Independência”, graças ao que a obra ficou conhecida como *Abertura da Independência*. Tal obra é iniciada por uma introdução lenta, à maneira da *Sinfonia*⁸⁶ de Neukomm, a primeira composta no país, em 1820. Ambas foram escritas na tonalidade de mi bemol maior, a preferida dos maçons. Poderia ter sido esta a obra regida por Gioachino Rossini, em 29

de outubro de 1831, em Paris. D. Pedro estava em campanha na capital francesa, onde buscava reunir o exército para enfrentar o irmão D. Miguel, usurpador da coroa de Portugal. Durante a estadia na cidade, em Paris, D. Pedro frequentou com assiduidade o Teatro dos Italianos, onde foi apresentado a Rossini, que lhe solicitou uma partitura de sua autoria. Trinta anos depois, Rossini escreveu a D. Pedro II: “Durante a breve estadia de Sua Majestade o Imperador Dom Pedro a Paris, fiz executar no Teatro dos Italianos uma abertura de sua composição que era encantadora e que teve grande sucesso; mas, como, por discrição, eu não nomeei o autor, os cumprimentos me foram endereçados, acreditando-se talvez que a dita abertura houvesse sido composta por mim, engano que não desagradará seu augusto filho, que bem poderia se lembrar de me enviar um pouco do café tão célebre de Vosso país”.⁸⁷



O *Te Deum* foi composto em fins de 1820, quando D. Leopoldina estava grávida do terceiro filho. No manuscrito autógrafa⁸⁸ consta a

dedicatória inconclusa: “Te Deum laudamus/ a 4 vozes e Grande Orquestra Oferecido ao El Rei D. João por seu Filho o Príncipe Real/ D. Pedro d’Alcântara Duque de Bragança o compôs para o nascimento [...]”. Ao que parece, a dedicatória seria retomada quando do nascimento, em 6 de março de 1821, do Príncipe D. João Carlos, mas D. Pedro deixou a lacuna por completar. De fato, a *Gazeta do Rio de Janeiro* documenta a execução do *Te Deum* de autoria de D. Pedro, na Capela Real, por ocasião do batismo do Príncipe, em 27 de março de 1821, sob a regência de Marcos Portugal. Em novembro do mesmo ano de 1821, o *Te Deum* voltou a ser executado: “A Música da Missa, e Te Deum, que se cantou, foi composição de Sua Alteza Real, filha do elevado gosto, que o anima pela beleza das artes, regida pelo Padre José Maurício Nunes Garcia, mestre da Real Capela, e executada por todos os músicos da mesma”.⁸⁹



Um pouco antes de falecer, em 1873, D. Amélia de Leuchtenberg, a segunda esposa de D. Pedro, doou à Casa de Palmela um volume⁹⁰ contendo a cópia da *Overture* e do *Te Deum*: “Sanctissimo in Domino/

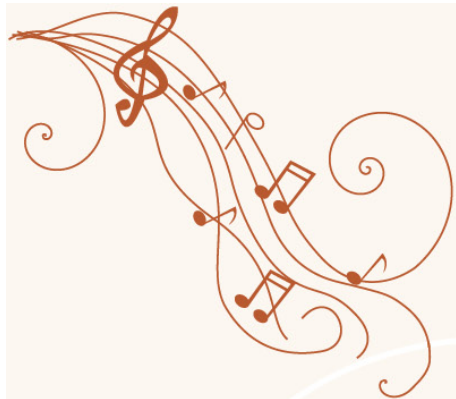
Patri/ Leoni Duodecimo/ Hymnus/ Te Deum Laudamus/ D. Petro Primo/ Brasiliae/ Imperatore Constitutionale/ nec non/ Perpetuo Defensori/ Compositus/ Et in Signum Filiales Reverentiae/ Oblata”⁹¹ mais uma dedicatória para obter, do Papa Leão XII, o reconhecimento da nova Nação.

D. Pedro assumiu a regência do Brasil quando o pai, D. João VI, deixou o país, em abril de 1821. No mesmo mês, partiu o mestre Neukomm. As novas obrigações como governante distanciaram-no do afã de composição, cujo período mais fértil foi, precisamente, o que precedeu a regência. Mas voltava à música sempre que possível: “ ... compor é o que mais lhe agrada fazer”.⁹²

Para saber mais: propostas de atividades!

- D. Leopoldina apresenta as composições de D. Pedro ao pai: “Meu Marido, que também é compositor, envia ao senhor uma Missa Solene, Sinfonia e Te Deum compostos por ele”. Pesquisar sobre D. Pedro compositor na página <https://musicabrasilis.org.br/compositores/d-pedro-de-alcantara>;
 - Ler sobre a sinfonia em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinfonia>;
 - Assistir como exemplo de Sinfonia ao vídeo no YouTube do Musica Brasilis da *Sinfonia para grande orquestra*, de Neukomm, pela Orquestra Barroca do XIX Festival de Juiz de Fora em <https://www.youtube.com/watch?v=RU-AylgJAiM&t=68s>;
 - Observar o manuscrito do Te Deum e acompanhar a partitura: <https://musicabrasilis.org.br/partituras/d-pedro-de-alcantara-te-deum-laudamus>;
 - Assistir ao vídeo <https://musicabrasilis.org.br/compositores/d-pedro-de-alcantara>.
-

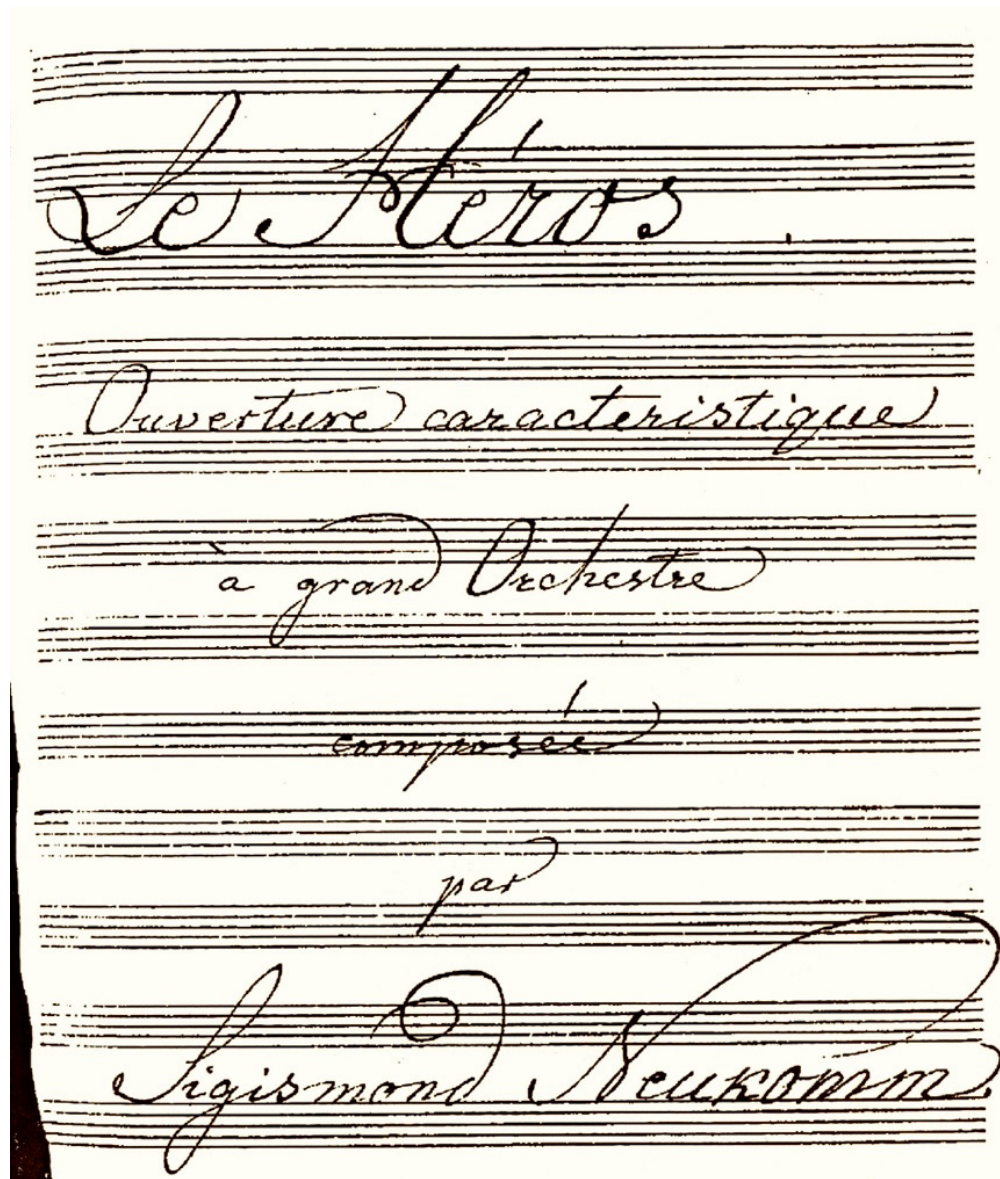
- ⁸³ Carta ao Imperador Francisco I da Áustria, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1821. Traduzida do alemão cursivo por Matthias Pernerstorfer.
- ⁸⁴ *Credo, Sanctus, Benedictus e Agnus Dei* da Missa de Nossa Senhora do Carmo, em Dó maior. Disponível em: <http://acmerj.com.br/CMRJ_CRI_SM54.htm>. Acesso em 05 mar. 2023
- ⁸⁵ *Missa in Honorem Leone Duodecimo*. Disponível em: <<https://musicabrazilis.org.br/partituras/d-pedro-de-alcantara-missa-honorem-leone-duodecimo>>. Acesso em 05 mar. 2023.
- ⁸⁶ *Sinfonie à grand orchestre*. Disponível em: <<https://musicabrazilis.org.br/partituras/sigismund-neukomm-sinfonie-grand-orchestre>>. Acesso em 05 mar. 2023.
- ⁸⁷ CRUZ, Manuel Ivo. 1986. *D. Pedro, rei, imperador e músico*. In: D. Pedro D'Alcântara de Bragança, 1798-1834: imperador do Brasil, Rei de Portugal: uma vida, dois mundos, uma história. Catálogo da exposição. Queluz: Palácio de Queluz. p. 46. Tradução da autora.
- ⁸⁸ *Te Deum laudamus*, em Dó maior. 20 dez. 1820. Disponível em: <https://acmerj.com.br/CMRJ_CRI_SM55.htm>. Acesso em 05 mar. 2023.
- ⁸⁹ *Gazeta do Rio de Janeiro de 25 de novembro de 1821*. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1821/gazeta_rj_1821_089.pdf>. Acesso em 05 mar. 2023.
- ⁹⁰ CRUZ, Manuel Ivo. op. cit. p. 44.
- ⁹¹ Ao Santíssimo no Senhor/ Pai/ Leão XII/ Hino/ Te Deum Laudamus/ D. Pedro I/ do Brasil/ Imperador Constitucional/ e também/ Defensor perpétuo/ Composto/ E em sinal de reverência filial/ Oferecido.
- ⁹² Carta de D. Leopoldina à irmã, 10 de dezembro de 1817. KANN, op. cit., p. 319.



12. O HERÓI



A permanência de D. João VI no Brasil tornara-se politicamente insustentável. Após treze anos, ele deixaria para trás o país, seu filho D. Pedro e suas filhas “*com vivos sentimentos de saudade*”. No decreto⁹³ de nomeação do filho como Príncipe regente, proclamaria: “*se haverá como bom Príncipe, amigo e pai destes Povos, cuja saudosa memória levo profundamente gravada no Meu Coração, e de quem também espero que, pela sua obediência às Leis, sujeição e respeito às autoridades, Me recompensarão do grande sacrifício que Faço, separando-Me de Meu Filho Primogênito, Meu herdeiro e Sucessor do Trono, para lho deixar como em penhor do apreço que deles [dos Povos] faço*”.



Ao despedir-se do filho, D. João anteviu a Independência: “*Pedro, se o Brasil se separar, antes seja para ti, que me hás de respeitar, do que para algum desses aventureiros*”.⁹⁴

O compositor Sigismund Neukomm, que também retornaria à Europa, escreveu, a pedido de D. Pedro, a derradeira obra orquestral em terras brasileiras *O Herói*, em 18 de março de 1821. Quem seria o “herói”? Talvez o general holandês Dirk van Hogendorp (*Heenvliet, 1761 Rio de Janeiro 1822+), ajudante de campo do Imperador Napoleão,

residente no Rio de Janeiro desde 1816. D. Pedro o visitava com frequência em sua chácara ao pé do Corcovado, a fim de trocar ideias sobre estratégias militares. O “herói” bem poderia ser o próprio Napoleão, admirado por D. Pedro, já doente, no exílio, na Ilha de Santa Helena, onde faleceria em maio de 1821. Suas ideias revolucionárias haviam inspirado Ludwig van Beethoven (*1770 – 1827+) na composição da Terceira Sinfonia – a *Eroica* –, escrita na tonalidade de mi bemol maior, a predileta dos maçons. A decepção do compositor foi grande quando Napoleão se declarou Imperador. Quando publicada em 1806, a sinfonia não mais mencionava o francês, e tinha como página-língua: “Sinfonia Eroica, composta para celebrar a memória de um grande homem”.

Em 25 de abril de 1821, D. João VI embarcou para Portugal na fragata que tinha o seu nome, a mesma que havia transportado D. Leopoldina. Estava acompanhado por D. Carlota Joaquina – exultante de júbilo por retornar à Europa –, pela filha mais velha, D. Maria Teresa, e pelo filho desta, além dos restos mortais de sua querida mãe, D. Maria I. Levava pratarias e valores, mas deixava no Rio de Janeiro a sua maior riqueza: a Real Biblioteca.

D. Pedro tomou a governança com vigor. Os militares tentaram forçá-lo a jurar a Constituição imposta pelas Cortes. Em 8 de junho escreveu ao pai:⁹⁵

Eu não juro sem saber a vontade do povo que estou governando, porque a tropa é uma parte da nação; por isso não vale de nada querer sem saber a vontade do povo para então deliberar.

[...]

Depois de eu saber que o voto do povo era aquele, não por medo, mas por convicção própria, jurei as bases por mim já conjuradas quando

jurei a Constituição in totum; todos os mais juraram.

[...]

Houve o hino constitucional composto por mim, com poesia minha, e a ópera O Engano Feliz de Rossini, e a dança A Recruta na Aldêa. É o que posso informar a Vossa Majestade, como vassalo fiel e filho obedientíssimo que lhe beija a mão.

Nos momentos que precederam a Independência, a atividade no Real Teatro S. João foi mais intensa do que nunca. Levantamento realizado junto aos principais periódicos da época – a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Diário do Rio de Janeiro* –, possibilitam estimar em mais de vinte as montagens de óperas realizadas, tanto em 1821 como em 1822.⁹⁶ Além de *O Engano Feliz*, mencionada na carta de D. Pedro, foram encenadas algumas das mais célebres obras de Rossini: *La Cenerentola*, *Tancredi*, *O Barbeiro de Sevilha*, *Italiana em Argel*, *Elisabetta*, *Regina d’Inghilterra*.



Thomas Ender – Real Teatro S. João

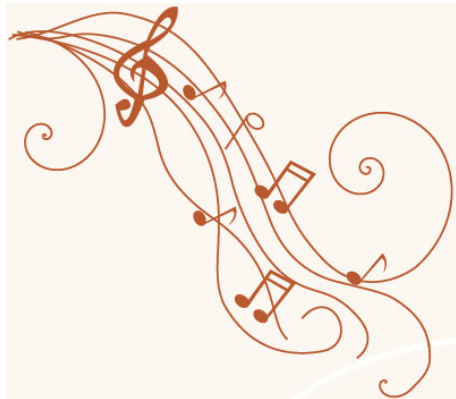
A estreia mais notável foi a da ópera das óperas *Don Giovanni*, de Mozart, em setembro de 1821, apresentada pela primeira vez nas Américas. Porém, o advento do Império alteraria o panorama. A realidade da situação financeira forçaria a demissão de músicos e redução de salários, obrigando a diminuição das atividades no Real Teatro e na Real Capela... para desgosto de D. Pedro.

Para saber mais: propostas de atividades!

- O compositor Neukomm escreveu, a pedido de D. Pedro, a obra orquestral *O Herói*. Observar a capa da obra, refletir sobre os seus heróis pessoais e escolher uma música para homenageá-lo;
- Mais de vinte óperas foram realizadas no Real Teatro São João, no Rio de Janeiro, entre 1821 e 1822. Você já assistiu a uma ópera? Assistir ao vídeo no YouTube do Musica Brasilis do 1º e 2º ato da obra de Jorge Antunes. Direção musical e regência de José Maria Florêncio. Libreto de Gerson Valle. <https://www.youtube.com/watch?v=IOHQRjeWjRY> e <https://www.youtube.com/watch?v=cyqSIBTm52o>;
- Observar a orquestra, os cantores, o figurino, o cenário, a letra e principalmente a música;
- Pesquisar sobre o compositor Wolfgang Amadeus Mozart em http://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfgang_Amadeus_Mozart;
- Ler sobre a ópera *Don Giovanni* de Mozart em https://pt.wikipedia.org/wiki/Don_Giovanni;
- Ouvir a ópera *Don Giovanni*, no Theatro São Pedro em <https://www.youtube.com/watch?v=XIY63-5K6mk>.

⁹³ Decreto de 22 de abril de 1821. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/dim/1821/DIM-22-4-1821-2.htm>. Acesso em 05 mar. 2023.

- ⁹⁴ *Cartas de D. Pedro, Príncipe Regente do Brasil, a seu pai D. João VI, Rei de Portugal (1821-1822)*. Edição Eugênio Egas. Pag. 104 (carta datada de 19 de junho de 1822). Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/2166/1/45000008316_Output.o.pdf>. Acesso em 05 mar. 2023.
- ⁹⁵ *Ibid.*, p. 1.
- ⁹⁶ KÜHL, Paulo Mugayar, 2003. *Cronologia da Ópera no Brasil – século XIX (Rio de Janeiro)*. Disponível em: <https://academia.edu/3066922/Cronologia_da_ópera_no_Brasil_século_XIX_Rio_de_Janeiro_>. Acesso em 05 mar. 2023.



13.
UM HINO
CONSTITUCIONAL



Os súditos de Portugal se mostravam cada vez mais inconformados com a ausência de D. João VI. Além do mais, as guerras napoleônicas e a abertura dos portos haviam arruinado as finanças de Portugal, situação agravada pelo fim do monopólio comercial dos bens da antiga colônia, o Brasil.



Oscar Pereira da Silva – Sessão das Cortes De Lisboa, Acervo do Museu Paulista da USP

A situação favoreceu para que, em 24 de agosto de 1820, na cidade do Porto, eclodisse a Revolução Liberal, apoiada pela nobreza, pela burguesia e pelos militares, que visava substituir o absolutismo por uma monarquia constitucional, obrigar D. João VI a retornar a Lisboa e recolonizar o Brasil. As Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa foram, então, convocadas a elaborar uma Constituição a primeira de Portugal. Em janeiro de 1821, essas “Cortes” decretaram a formação de um Conselho de Regência com poder executivo em nome do Rei. Um decreto exigia a presença do Príncipe D. Pedro em Portugal, a fim de tomar conhecimento da nova Constituição. O decreto não foi atendido.

Em 26 de fevereiro de 1821, após protelar o quanto pôde, D. João VI viu-se obrigado a jurar obediência à Constituição proposta pelas Cortes. Ainda esperançoso de permanecer no Brasil, e para dar a impressão de normalidade aos súditos, o Rei e a família real compareceram ao Real Teatro São João para assistir à apresentação da ópera *La Cenerentola*, de Rossini.

Alinhado com os ventos liberais, D. Pedro debruçou-se sobre a escrita do *Hino Constitucional*, o segundo de sua autoria, para celebrar a aprovação da nova Constituição portuguesa. A letra, também de sua pena, louva a Constituição, talvez intencionando apaziguar as Cortes.

Hino Constitucional. Feito em 31 de março de 1821 e oferecido à Nação Portuguesa pelo Príncipe Real, seu autor⁹⁷

Ó Pátria, Ó Rei, Ó Povo,
Ama a tua Religião
Observa e guarda sempre
Divinal Constituição

(Coro)

Viva, viva, viva ó Rei
Viva a Santa Religião
Vivam Lusos valorosos
A feliz Constituição

Ó com quanto desafogo
Na comum agitação
Dá vigor às almas todas
Divinal Constituição

(Coro)

Viva, viva, viva ó Rei...
Venturosos nós seremos
Em perfeita união
Tendo sempre em vista todos
Divinal Constituição

(Coro)

Viva, viva, viva ó Rei...
A verdade não se ofusca
O Rei não se engana, não,
Proclamemos Portugueses
Divinal Constituição

(Coro)

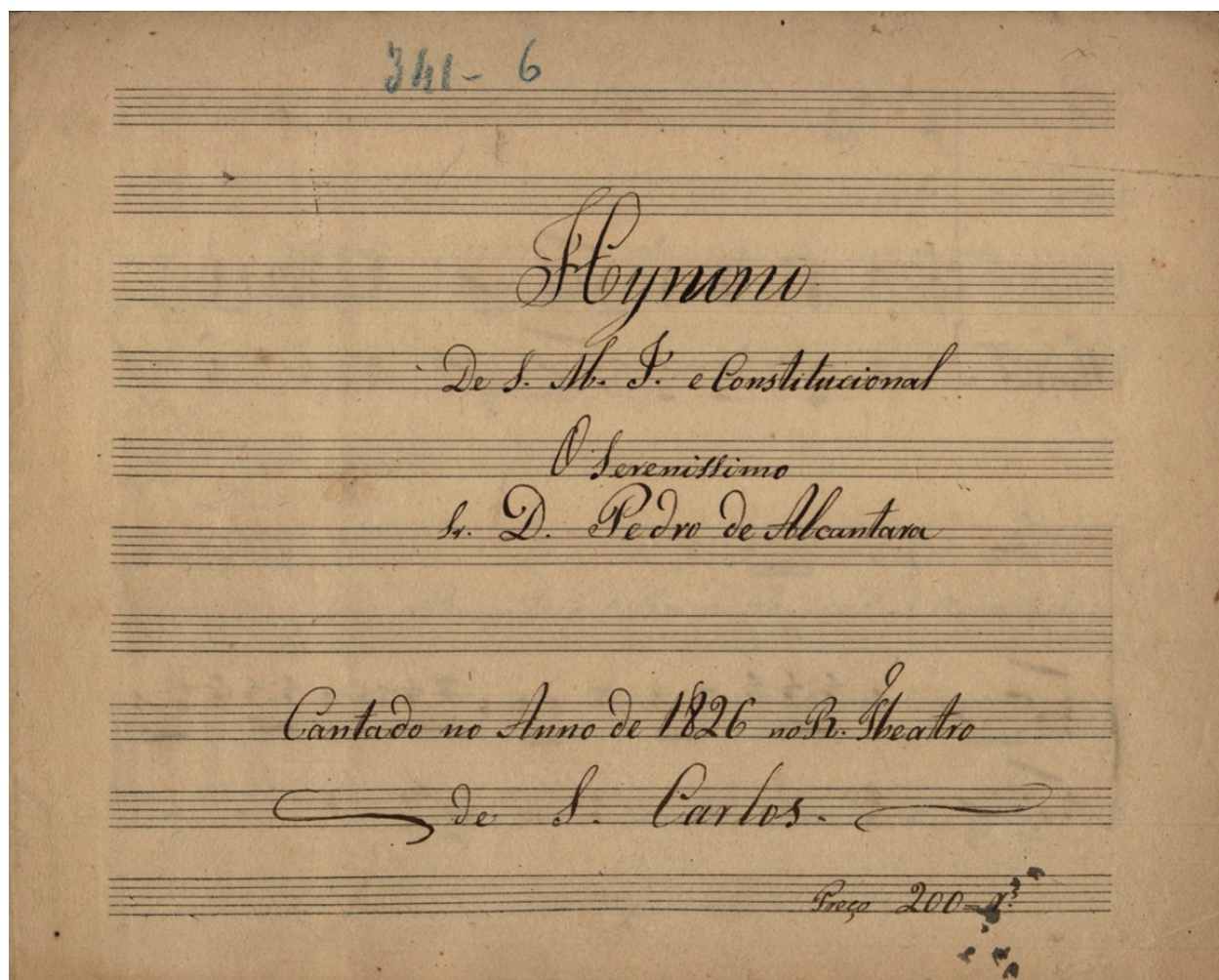
Viva, viva, viva ó Rei...

De imediato, o hino se tornou muito popular, tendo sido também cantado na celebração do aniversário de D. João VI, em 13 de maio de 1821, conforme notícia da *Gazeta do Rio de Janeiro*:

*Representou-se logo um Elogio Dramático, alusivo à Saudade que Sua Majestade deixara em todos os corações, e ao justíssimo motivo de consolação pela Real Presença do seu Augusto Herdeiro; [...] e cantando os músicos o Hino Constitucional, cuja letra e Música é um estimável presente, que S. A. R. ofereceu aos Portugueses.*⁹⁸

Escrito no Brasil, o hino chegou rapidamente a Portugal, onde estreou em 24 de agosto de 1821.⁹⁹

A poesia foi publicada, pela primeira vez, no Porto, nesse mesmo ano e também no ano seguinte.



No arquivo da Biblioteca Nacional de Portugal, encontram-se três versões manuscritas do hino, inclusive aquela para canto e piano transcrita pelo mestre de D. Pedro, Marcos Portugal.

Adotado, a partir de 1834, como o hino nacional português, foi publicado por inúmeras editoras, tendo passado a constar nas principais bibliotecas da Europa. Permaneceu como hino nacional até a proclamação da República portuguesa, em 1910.

Por mais de uma vez foi aplaudido, conforme noticiado em 6 de outubro de 1831 pela *Revue Musicale*, prestigioso periódico europeu da época: “*A noitada terminou com o Hino Constitucional de D. Pedro, que produziu uma ótima impressão*”.¹⁰⁰

O hino constitucional teve vida longa. O mestre de D. Pedro, Sigismund Neukomm, ainda residia no Rio de Janeiro quando foi escrito. Em seu catálogo, Neukomm afirmou ter realizado uma cópia em 31 de março de 1821, ditada pelo próprio Príncipe D. Pedro. Duas décadas após, em 1843, a cópia foi a matéria-prima para a realização da versão para orquestra, dedicada a D. Francisca, filha de D. Pedro e D. Leopoldina, em razão do seu casamento com o Príncipe de Joinville.¹⁰¹ A devotada amizade por Neukomm à família real portuguesa se estenderia até o fim de seus dias.

As tentativas de D. Pedro de manter o equilíbrio com as Cortes portuguesas revelaram-se infrutíferas e a ruptura parecia estar cada vez mais próxima.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Observar o quadro de Oscar Pereira da Silva, *Sessão das Cortes de Lisboa*, e criar um debate com instrumentos, onde cada componente faz o seu “discurso” enquanto os outros

“respondem” tudo ao som de instrumentos, utilizando a intensidade do som para manifestações contra e a favor do debate;

- Assistir ao vídeo com a execução da composição de D Pedro I do *Hino Constitucional*, feito para celebrar a aprovação da nova Constituição portuguesa em <https://www.youtube.com/watch?v=HGUC9lwfvt&t=6s>;
- Ver a partitura do *Hino Constitucional* em <https://musicabrasilis.org.br/partituras/d-pedro-de-alcantara-hino-constitucional>;
- Ler no site do Musica Brasilis a introdução do artigo escrito pelo professor Alberto José Vieira Pacheco: <https://musicabrasilis.org.br/temas/d-pedro-i-do-brasil-iv-de-portugal-hinos-e-marcha-imperial>;
- Indagar entre os seus amigos e familiares quais são os hinos conhecidos? Pesquisar se a sua escola tinha ou tem um hino;
- Pesquisar o hino do seu estado, do seu município, da sua escola de samba, do seu time de futebol etc.

⁹⁷ AYRES DE ANDRADE. Vol. 1, p. 141.

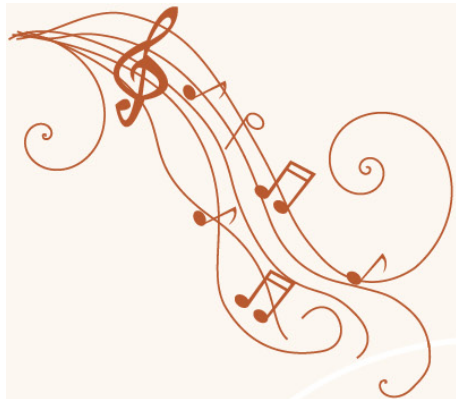
⁹⁸ Gazeta do Rio De Janeiro, 16/05/1821. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1821/gazeta_rj_1821_039.pdf>. Acesso em 06 mar. 2023.

⁹⁹ BENEVIDES, Francisco da Fonseca. *O real Theatro de S. Carlos de Lisboa, desde sua fundação em 1793 até a actualidade*. Lisboa: Typografia Castro Irmão, 1883. p. 124. Disponível em: <<https://purl.pt/799>>. Acesso em 06 mar. 2023.

¹⁰⁰ CARDOSO, Lino de Almeida. *O Som social: música, poder e sociedade no Brasil* (Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX). São Paulo: Edição do autor, 2011. p. 282.

¹⁰¹ NEUKOMM, Sigismund (1778-1858). *Hymno constitucional, offerecido à nação Portuguesa pello Principe Real, autor da muzica e da Poesia*. Écrit sous la dictée de S.A.R. Don Pedro d'Alcantara, alors Principe Real do Reino Unido, arrangé pour orchestre pour S.A.R. Madame la Princesse de Joinville à son arrivée à Paris, 1843,

par Sigismond Neukomm. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb44912966p.public>. Acesso em 06 mar. 2023.



14.
INDEPENDÊNCIA
OU MORTE



Em fins de 1821, as Cortes portuguesas intimaram D. Pedro a retornar a Lisboa, e anularam quase todas as leis que igualavam o Brasil a Portugal, revertendo o Brasil à condição de colônia. O movimento a favor da permanência do Príncipe no Brasil reuniu cerca de 8 mil assinaturas e, assim legitimado, D. Pedro declarou, em 9 de janeiro de 1822, data hoje conhecida como “Dia do Fico”: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto! Digam ao povo que fico”. Na semana seguinte, o Príncipe criou o primeiro gabinete ministerial formado por brasileiros, sob a liderança de José Bonifácio de Andrada e Silva (1763 – 1838).

D. Pedro ficava, mas permaneceria leal a D. João e à matriz portuguesa. Em carta ao pai, datada de maio de 1822, relatou o acolhimento da distinção de Defensor Perpétuo, outorgada em reunião da loja maçônica Comércio e Artes: “O Brasil não precisa de proteção de ninguém, protege-se a si mesmo. Aceito, porém, o título de Defensor Perpétuo e juro mostrar-me digno dele enquanto uma gota de sangue correr nas minhas veias”.¹⁰²

As lojas maçônicas, ponto de encontro dos liberais, passaram a concentrar as discussões pró-independência, como ocorrido nas ex-colônias da América de Espanha. Em 17 de junho de 1822, em Sessão Magna Extraordinária na Loja Comércio e Artes, foi criado o Grande Oriente do Brasil, tendo sido eleito Grão Mestre José Bonifácio de Andrada e Silva. Em 2 de agosto de 1822, José Bonifácio apresentou proposta para a iniciação de D. Pedro. O Príncipe adotou o nome histórico de Guatimozim, em homenagem ao último Imperador dos Astecas, que, em 1522, depois de supliciado pelos invasores espanhóis, foi amarrado e lançado sobre brasas.

Em 19 de junho de 1822, o Ministro José Bonifácio estabeleceu as normas que conduziriam à eleição de representantes para a primeira Assembleia Constituinte do Brasil. Os brasileiros teriam a própria Constituição!

A ruptura com Portugal foi precipitada quando, em 1º de agosto, D. Pedro declarou como inimigas as tropas portuguesas enviadas ao Brasil, bem como decidiu empreender viagem a São Paulo a fim de conter as dissidências. E nomeou sua esposa Princesa regente interina.



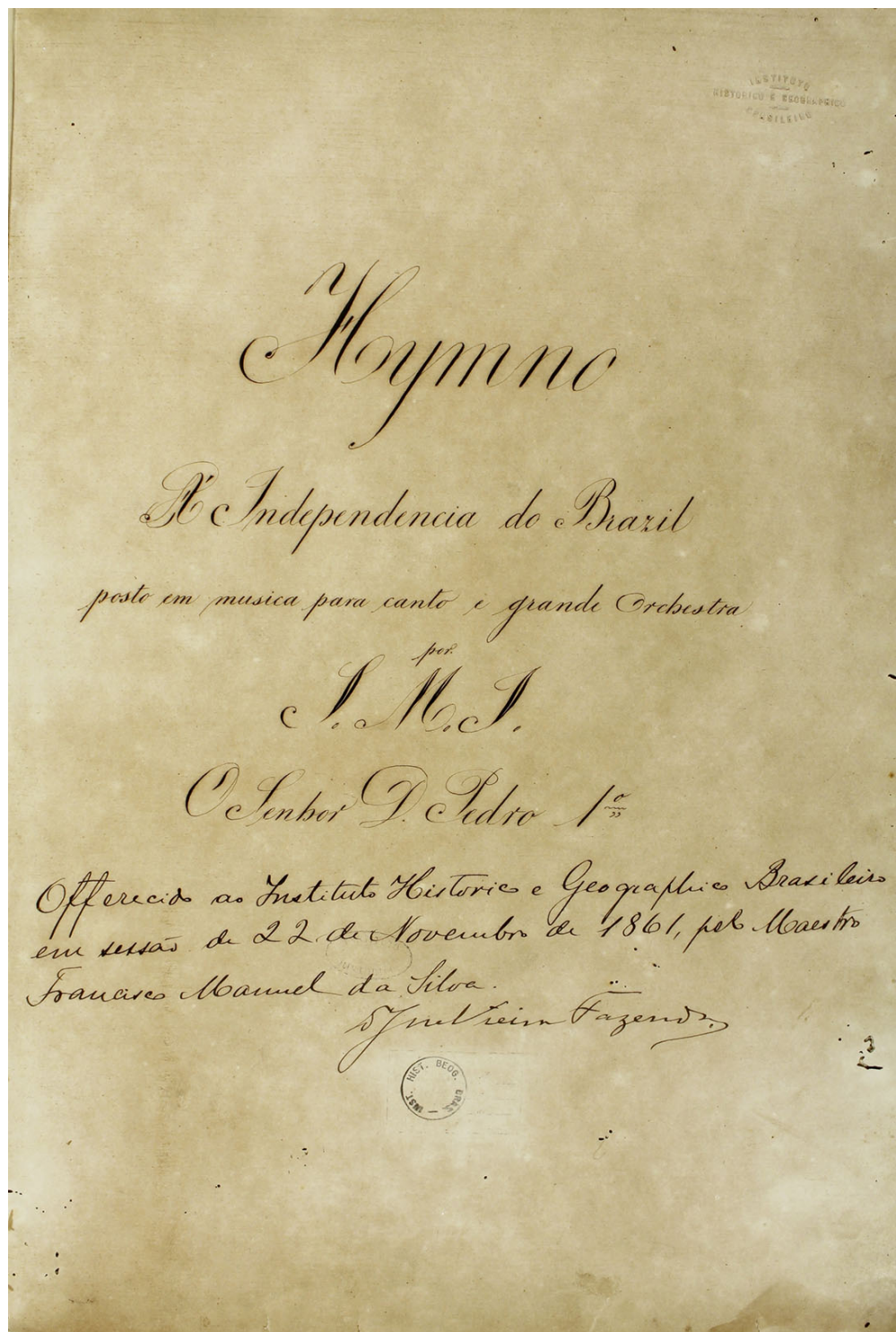
Enquanto D. Pedro rumava a São Paulo, o jornalista Evaristo da Veiga (1799 – 1837), seu aliado e defensor da causa independentista, escrevia os versos do que veio a ser o *Hino Constitucional Brasiliense*. A poesia espelha a sequência dos acontecimentos: o “Fico”, a expulsão das tropas portuguesas e a convocação da Assembleia Geral Constituinte. Publicada pela primeira vez, em 16 de agosto de 1822, no jornal *A Tribuna*, ganhou notoriedade e foi republicado em jornais de São Paulo, Minas Gerais,

além de outros Estados do Brasil. A poesia foi imediatamente musicada pelo compositor Marcos Portugal, mestre de D. Pedro, pronta a tempo do fato histórico.

Ao perceber o agravamento da situação, D. Leopoldina e José Bonifácio enviaram cartas a D. Pedro, aconselhando-o a romper com Portugal. No dia 7 de setembro daquele ano, às margens do riacho Ipiranga, D. Pedro proclamou a Independência do Brasil.

O Príncipe e sua comitiva chegaram a São Paulo e, à noite, dirigiram-se à Casa da Ópera para celebrar o acontecimento. Há registros de que tenha sido cantado, na ocasião, o *Hino* de Marcos Portugal.

Em 1909, notícia equivocada do jornal *O Estado de São Paulo*¹⁰³ afirmou que o hino cantado no dia 7 de setembro teria sido composto pelo Imperador na tarde do mesmo dia, arranjado às pressas pelo mestre de capela da Catedral de São Paulo, André da Silva Gomes, para execução na noite desse dia. A confusão estabelecida causou, desde então, a desconfiança em relação à autoria de D. Pedro I, compositor comprovado da segunda versão para a mesma poesia. Não se encontrou, até hoje, a partitura autógrafa da versão para canto e piano. Porém, o manuscrito da versão orquestral, de posse do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comprova, de forma incontestável, a autoria do Imperador compositor.



Hino da Independência do Brasil – manuscrito pertencente ao IHGB

Em 12 de outubro de 1822, D. Pedro retornou ao Rio de Janeiro e foi proclamado Imperador do Brasil. O hino de sua autoria seria composto

algum tempo depois e se tornaria um dos mais apreciados pelos brasileiros, entoado com entusiasmo até os dias de hoje.

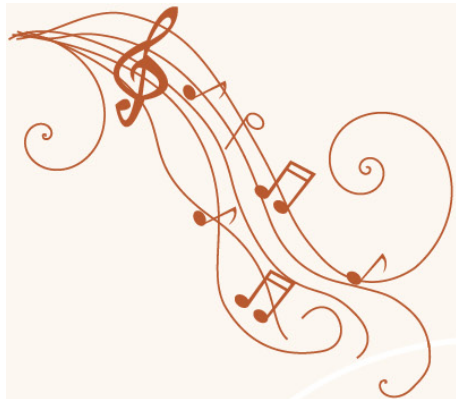
Para saber mais: propostas de atividades!

- Pesquisar o significado de **Independência**? O que representou a Independência para o Brasil?;
- Cantar ou tocar a música que representa o seu hino da Independência. Cantar ou tocar a música que representa a sua liberdade. Criar o seu grito de Independência;
- Observar as partituras do hino, tanto a manuscrita quanto a editada. O que é uma partitura, uma notação musical? Por que se escreve a música? Qual é a sua importância? Quais outros tipos de notação musical podem ter? Quais são os nomes das notas musicais? O que é um pentagrama? E como se escreve a música? Exemplo: <https://musicabrasilis.org.br/temas/d-pedro-i-do-brasil-iv-de-portugal-hinos-e-marcha-imperial>;
- Observar a diferença de uma partitura escrita no século XIX a mão e uma partitura editada no século XXI. Veja no site <https://musicabrasilis.org.br/temas/d-pedro-i-do-brasil-iv-de-portugal-hinos-e-marcha-imperial>;
- Propor aos amigos a criação de um hino do grupo. Iniciar pela letra ou pela música? Fazer a gravação do hino;
- Assistir ao vídeo “Rosana Lanzelotte fala sobre a música da Independência” em <https://www.youtube.com/watch?v=BQRj4eyobDw>;
- Assistir ao vídeo do concerto “A música da Independência espetáculo no Museu do Ipiranga” em <https://www.youtube.com/watch?v=YXzybiCBoRc&t=63s>;

- Observar cada concerto assistido, os instrumentos, os cantores e as composições;
- Assistir à série “A música da Independência 1º episódio”. Com Rosana Lanzelotte e Alberto Pacheco, pesquisadores das obras de D Pedro I compositor, em <https://www.youtube.com/watch?v=5v-YsfsT4A8>;
- Assistir à série “A música da Independência 2º episódio”. Com Rosana Lanzelotte e Alberto Pacheco, pesquisadores das obras de D Pedro I compositor, em https://www.youtube.com/watch?v=MVHEYA_ZXn w&t=10s;
- Assistir à série “A música da Independência 3º episódio”. Com Rosana Lanzelotte e Alberto Pacheco, pesquisadores das obras de D Pedro I compositor, em <https://www.youtube.com/watch?v=NdIFSU3EkMY>;
- Assistir à série “A música da Independência 4º episódio”. Com Rosana Lanzelotte e Alberto Pacheco, pesquisadores das obras de D Pedro I compositor, em <https://www.youtube.com/watch?v=ZaxDGOKwthk>;
- Assistir à série “A música da Independência 5º episódio”. Rosana Lanzelotte (Musica Brasiliis) e Paulo Garcez Marins (USP) conversam sobre memórias e música da Independência em <https://www.youtube.com/watch?v=ywQWU6T2Jyo>.

¹⁰² Carta de D. Pedro a D. João VI, de 21 de maio de 1822. Em SOUSA, Otávio Tarquínio de. *História dos Fundadores do Império do Brasil*. Vol. II. A Vida de D. Pedro I. Tomo 1º. Ed. do Senado Federal. 2015. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/528942/Fundadores_Imperio_Brasil_v2_D_Pedro_I_tomo1.pdf. Acesso em 8 de março de 2023/

¹⁰³ EGAS, Eugenio. *Hymnos brasileiros (a Alberto Nepomuceno)*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, ano 35, n.11.219, p.3, 29 ago. 1909.



15.
O ABOLICIONISTA



*M*ar e montanhas encontravam-se em Santa Cruz, localidade alcançável pela única estrada pavimentada existente no Brasil à época. A origem da Fazenda de Santa Cruz, cujo nome se deve à imensa cruz que sinalizava o latifúndio, remontava a 1589, quando as primeiras terras foram doadas aos jesuítas. A região compreendia desde a Barra de Guaratiba, passando por Mangaratiba, até Vassouras, no Sul do Estado do Rio de Janeiro. Era a mais desenvolvida fazenda da Capitania do Rio naquela época, contando com milhares de escravizados, cabeças de gado e diversos tipos de culturas, realizadas com técnicas avançadas.



Fazenda de Santa Cruz – Jean-Baptiste Debret

Os jesuítas costumavam ensinar música em suas aldeias, seguindo a orientação de Cristóvão de Gouvêa (1542 – 1622), Provincial da Companhia de Jesus. A qualidade da orquestra e coro que se formou em Santa Cruz não passou despercebida ao Bispo do Rio de Janeiro, que escreveu em carta de 10 de julho de 1757:

Nas Aldeias em que vivem [os índios e os negros], aprendem muito bem uns dos outros, o pouco que sabem e se alguns tiverem aptidão para aprender a cantar e tocar ainda que mal, não pode haver outra razão para não saberem melhor, senão porque não tem quem os ensine. Digam os que de próximo se ensinam a solfa na Fazenda de Santa Cruz que me seguram compõem já um coro de música mui suave.¹⁰⁴

Em 1759, por ação do Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos dos domínios de Portugal e suas colônias e o patrimônio da Companhia inclusive a Fazenda de Santa Cruz foram revertidos para a Coroa. O inventário dos instrumentos encontrados é um testemunho da intensa atividade musical que ali acontecia.

Três rabecas, uma quebrada

Um rabecão velho

Um cravo

Um manicórdio

Duas flautas doces

Uma viola quebrada

Oito charamelas que constam dos instrumentos seguintes:

Um baixo de metal amarelo

Um tenor de pau amarelo e pé de metal (digo, de pau vermelho e pé de metal amarelo)

Um contralto da mesma forma

Um tiple de pau amarelo

Dois tiplos de pau vermelho com cintos de metal

Dois bues de metal amarelo, um dito de pau pintado¹⁰⁵

As rabecas e rabecão eram instrumentos de corda friccionada, parentes dos violinos. O cravo e manicórdio eram instrumentos de teclado, respectivamente de corda pinçada e tangida. As “charamelas” eram instrumentos de sopro de palheta dupla, como o oboé (bues), constituídos em famílias, do mais agudo (tiple) ao mais grave (baixo).

D. João costumava passar em Santa Cruz os meses de verão, pois lá as temperaturas eram mais amenas devido à brisa marítima. Ao se dar conta da habilidade dos residentes, fez questão de reabilitar a orquestra e coro.

A primeira vez que o Rei D. João e toda a Corte ouviram Missa conventual na Igreja de Santo Ignácio de Loyola, foram arrebatados de surpresa e admiração pela perfeição com que a música vocal e instrumental era executada pelos negros dos dois sexos que se haviam aperfeiçoado nesta arte, segundo o método introduzido muitos anos antes pelos antigos proprietários deste domínio e que, felizmente, se havia conservado. Sua Majestade, que aprecia muito a música, aproveitando esta circunstância, estabeleceu escolas de alfabetização, composição musical, canto e vários instrumentos em sua residência de verão, e conseguiu, em pouco tempo, formar, entre seus negros, instrumentistas muito hábeis e cantores. Os dois irmãos Marcos e Simão Portugal compuseram peças para esses novos seguidores de Therpsichore, que as executaram com perfeição; vários foram agregados entre os músicos das capelas reais de Santa-Cruz e São Cristóvão. Alguns até conseguiram tocar instrumentos e cantar de uma forma verdadeiramente incrível.¹⁰⁶

D. Pedro frequentava a propriedade desde pequeno. D. Leopoldina encantou-se com o local e escreve ao pai durante a primeira estadia, em 1º de março de 1818:

*Já estou há oito dias em Santa Cruz, que se assemelha muito à minha querida Pátria; magníficas montanhas, florestas e planícies circundam nosso pequeno, mas lindo palácio; diariamente saio às oito horas da manhã a cavalo com meu esposo para caçar; à tarde passeio a pé...*¹⁰⁷

Além da caça e cavalgadas ao lado de D. Leopoldina, D. Pedro regia e tocava com a orquestra de Santa Cruz obras encomendadas a Marcos Portugal. Adrien Balbi, em 1822, escreve sobre as atividades musicais da Real Fazenda de Santa Cruz:

*Sua Alteza Real, o Príncipe do Brasil, possuidor de extraordinários talentos musicais, que compõe com tanto gosto quanto desenvoltura, e que toca vários instrumentos, entre outros o fagote, o trombone, a flauta e o violino, muito contribuiu para o aperfeiçoamento deste estabelecimento, único em seu gênero, pelo encorajamento que dá a esses negros e pelas graças que lhes esbanja. Há pouco tempo encarregou os irmãos Portugal de comporem óperas inteiramente interpretadas por estes africanos, sob o aplauso de todos os conhecedores que as ouviram.*¹⁰⁸

Sobre a relação de D. Pedro I com os músicos de Santa Cruz, Bento das Mercês (1804 – 1887), cantor da Capela Imperial contava que, certa vez, D. Pedro se aborreceu com as faltas dos músicos aos concertos e, sabendo que eram devidas a indisposições por causa do alojamento no andar térreo do palácio, ordenou que se lhes dessem os aposentos dos nobres e passassem estes para a parte baixa. O mordomo, surpreso, explicou-lhe que eram senhores de alta patente os que ele mandava desalojar, como marqueses, condes e barões. D. Pedro teria replicado: “*Não tem importância; com uma penada faço um marquês, um conde, um barão, mas nunca um músico ou um cantor*”.¹⁰⁹



Marimba – Jean-Baptiste Debret

D. Pedro, que se recusava a ser carregado em liteiras por escravizados, afirmou, ainda na época do Fico: “Eu sei que o meu sangue é da mesma cor que o dos negros”.¹¹⁰ Acreditava que ninguém tinha o direito de ter a propriedade de outro ser humano. Libertou escravizados de Santa Cruz, a quem deu terras e emprego. Disse ainda: “Ninguém ignora que a escravatura é o cancro que rói o Brasil; é mister extingui-la”.¹¹¹

A partir de 1826 buscou implementar, de forma gradual, a abolição da escravatura e incentivou a imigração para substituir a mão de obra de escravizados. Em vão, pois os interesses dos conservadores e escravocratas, maioria na Assembleia, prevaleceram, e o projeto abolicionista foi adiado.

Para saber mais: propostas de atividades!

- Ler neste capítulo o inventário dos instrumentos da Fazenda de Santa Cruz. Listar quais desses você conhece;
- Pesquisar cada um destes instrumentos, seu som, o material do qual é produzido e se ainda é tocado no século XXI: <https://musicabrasilis.org.br/recursos-educacionais/instrumentos>;
- Pesquisar como são classificados os instrumentos. Pesquisar exemplos de instrumentos de corda, sopro e percussão em <https://musicabrasilis.org.br/recursos-educacionais>;
- Pesquisar os instrumentos musicais do século XIX. Quais eram? Como eram feitos? De quais materiais? Quais as diferenças entre esses instrumentos musicais do século XIX e os do século XXI? Exemplo: <https://www.youtube.com/watch?v=cVJqEFtxZq4>;
- Mostrar as figuras dos instrumentos musicais usados no século XIX;
- Escutar e assistir aos vídeos dos sons desses instrumentos;
- Pesquisar e ouvir gravações das músicas e gêneros tocados e cantados nessa época nas casas, nas igrejas, nas ruas, nas salas de concertos e espetáculos, como lundu, modinha, hinos, maxixe, ópera, músicas indígenas, de africanos escravizados etc. Exemplos:
 - o Lundu: <https://musicabrasilis.org.br/temas/lundu-origem-da-musica-popular-brasileira>;
 - o Modinha: Lorenzo Fernandez (1897 – 1948), suíte brasileira Velha modinha <https://musicabrasilis.org.br/partituras/lorenzo-fernandez-suite-brasileira-n1-1>;
 - o Maxixe: https://www.youtube.com/watch?v=q78QC47iP_o;
 - o Canto dos africanos escravizados: Antônio Carlos Gomes (1836-1896); <https://www.youtube.com/watch?v=TQNMkijnjq-w>;

- Dramatizar essas gravações, os músicos, uma dança;
- Pesquisar sobre o músico Bento das Mercês em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bento_das_Merc%C3%AAs.

104 FREITAS, Benedicto. 1985. *Santa Cruz: fazenda jesuítica, real imperial*. Ed. do autor. Rio de Janeiro. V.1, p. 139

105 MELLO MORAIS, filho. *O Inventário da Fazenda de Santa Cruz*. Revista do Arquivo do Distrito Federal. Ed. da Prefeitura do Distrito Federal. Rio de Janeiro. 1894.

106 BALBI, Adrien. *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les Portugais des deux hémisphères*. Paris, 1822. Vol II. p. ccxiv. Tradução da autora.

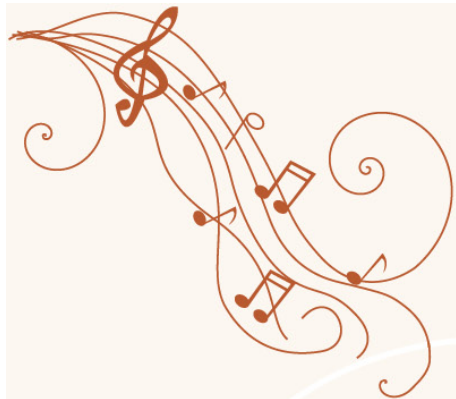
107 KANN, Bettina (org.). 2006. *Cartas de uma Imperatriz*. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade. p. 329.

108 BALBI, Adrien. Op. Cit. Vol II. Pag. Ccxiv. Tradução da autora.

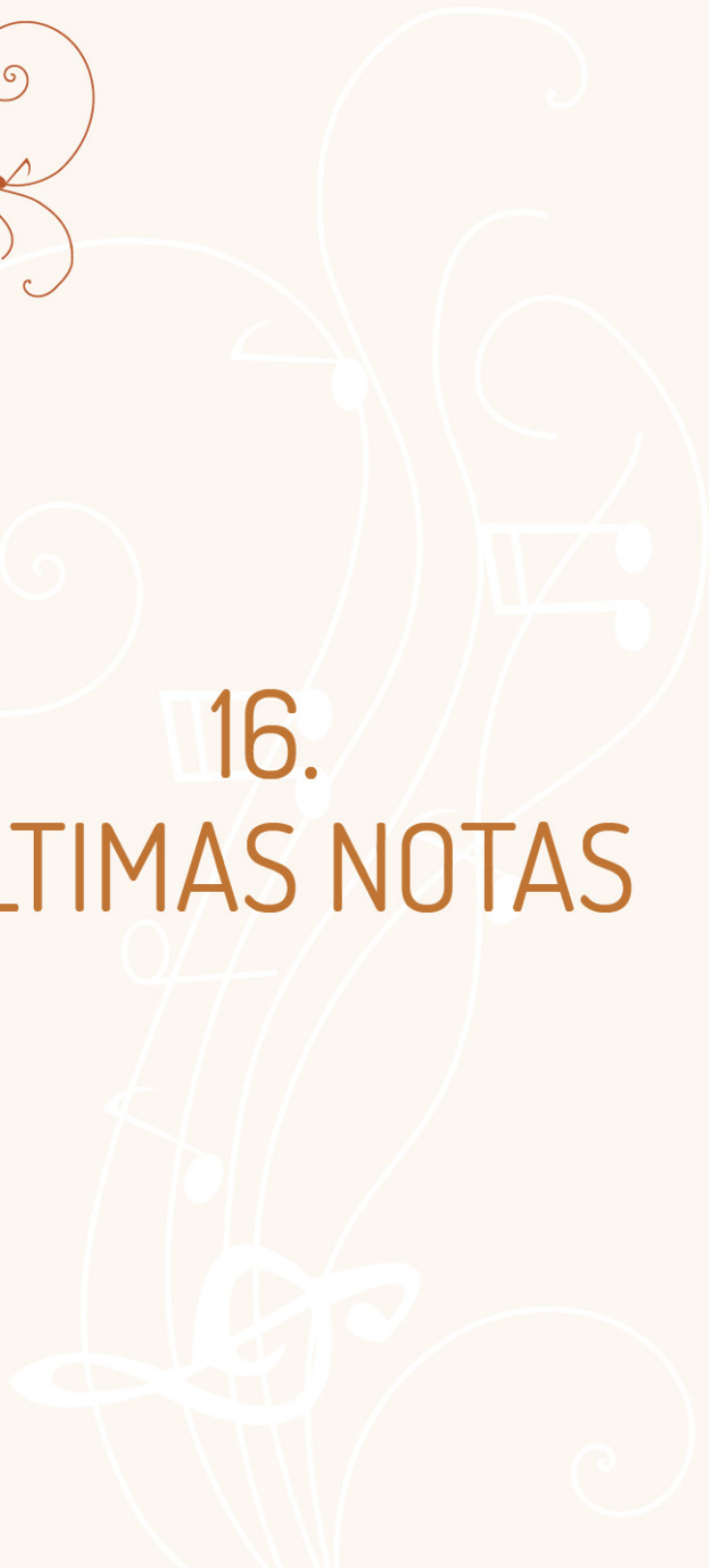
109 ALMEIDA, Renato. *História da Música Brasileira*. Ed. F. Briguiet & Cia. 2ª edição. Rio de Janeiro. 1942. p. 331.

110 VIANNA, Hélio. *O Príncipe-Regente e o Sacristão de Itaboraí*. *Jornal do Commercio*. 12 de abril de 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_r5/2095>. Acesso em 07 mar. 2023.

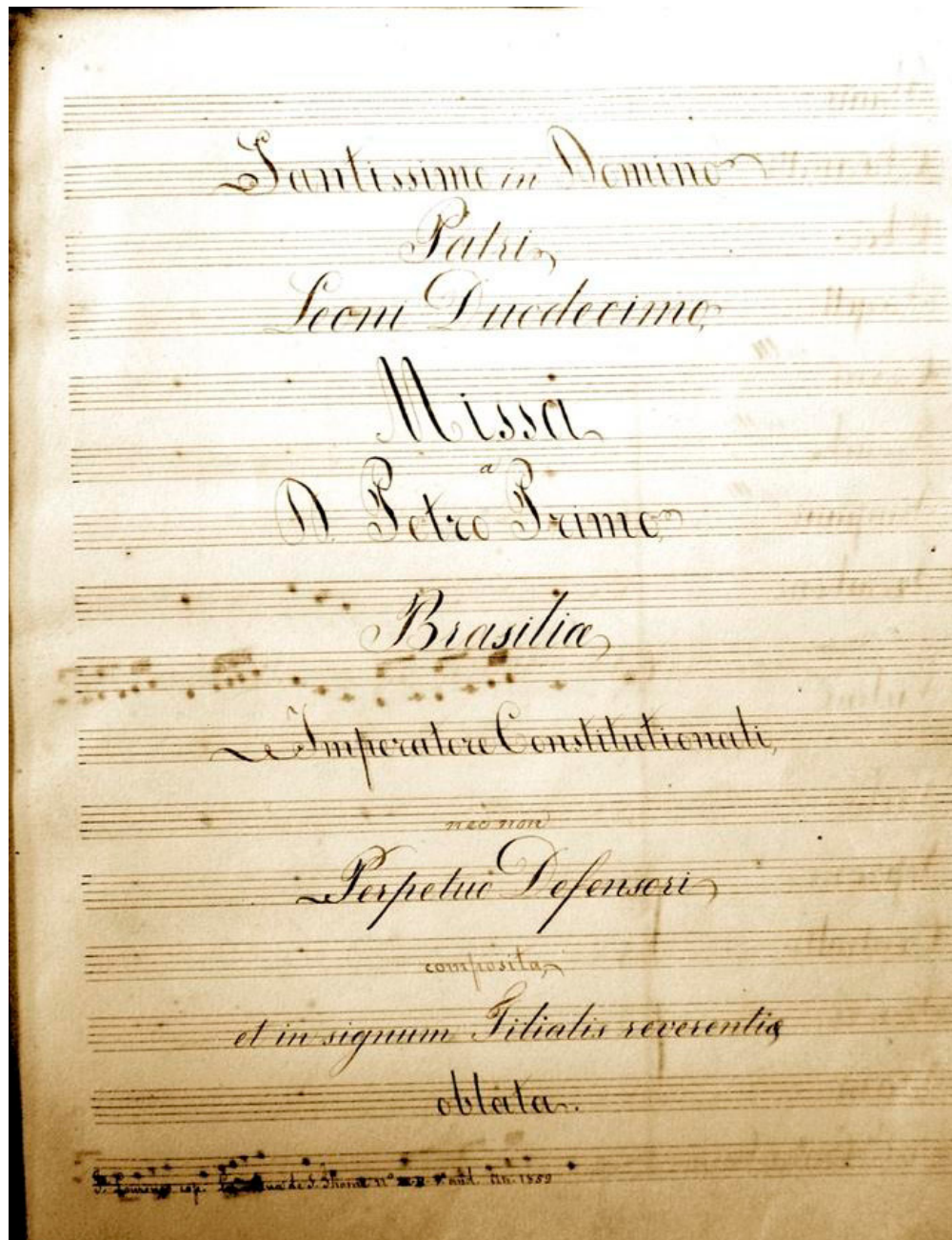
111 VIANNA, Hélio. *D. Pedro I Abolicionista*. *Jornal do Commercio*. 24 fev. 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_r5/7855>. Acesso em 07 mar. 2023.



16. ÚLTIMAS NOTAS



Os afazeres de governante ocupavam quase todo o tempo do Imperador, mas o músico não abandonava a lira. Escrever uma nova obra monumental, tal uma missa, seria impensável. Porém, D. Pedro não deixou de saudar o novo Papa, Leão XII, eleito em setembro de 1823. Enviou a Sua Santidade uma cópia da sua *Missa Nossa Senhora do Carmo*, acompanhada de uma nova dedicatória “Santissimo in Domino/ Patri/ Leoni Duodecimo/ Missa/ D. Petro Primo/ Brasiliae/ Imperatore Constitutionale/ nec non / Perpetuo Defensori/ Compositus/ et in signum Filiatis reverentiae/ Oblata”¹¹² e também carta em que pleiteava o reconhecimento da nova nação brasileira.



Apesar do pouco tempo disponível, o Imperador continuava a compor, embora fossem obras de menor fôlego, como a *Marcha Triunfal*, escrita à época da declaração de guerra às Províncias da Cisplatina, em 1825, para ser cantada pelas tropas brasileiras logo após a vitória. Todavia aconteceu a fragorosa derrota, e a partitura da marcha foi encontrada e apropriada pela Argentina, em local próximo à cidade de Ituzaingó, nos

arredores de Buenos Aires. A composição é ainda hoje utilizada para anunciar a presença dos presidentes da Argentina em atos oficiais.¹¹³

D. Pedro I escreveu também peça para piano, publicada pela editora de Pierre Laforge, conforme noticiado pelo *Jornal do Commercio*, em 2 de agosto de 1837:¹¹⁴ “*Souvenir filial* ou *Divertimento* para piano-forte, obra composta em 1828 na Imperial Quinta da Boavista, por S.M.I. o Sr. D. Pedro I, impresso pela primeira vez por ordem do seu augusto filho o Sr. D. Pedro II”. Entretanto, apesar de editada, até hoje não foi localizada uma cópia desta obra.

O envolvimento com as artes era também demonstrado pela presença assídua de D. Pedro aos espetáculos teatrais. Após o incêndio de 25 de março 1824, o Real Teatro São João foi imediatamente restaurado e reinaugurado, em 1826, com o nome de Imperial Teatro São Pedro de Alcântara. A presença da família Imperial incitava a Corte a acompanhá-la. Assim, o teatro estava sempre lotado, conforme atesta o Barão de Bougainville, em 4 de abril de 1826, por ocasião do natalício da Princesa D. Maria da Glória, filha primogênita de D. Pedro e D. Leopoldina:

A ópera *Tancredi* [de Rossini] seria apresentada à noite no teatro e a Família Imperial devia assistir a essa apresentação... O camarote imperial, que fica de frente para o palco e ocupa quase todo o fundo do teatro, forrado de espelhos, tinha o aspecto de um salão deslumbrante. O Imperador, a Imperatriz e a princesinha, acomodados na parte da frente do camarote, estavam com as mesmas roupas do beija-mão [...] O balé do segundo ato ainda não havia terminado quando o Príncipe [D. Pedro] se retirou, saudando o público, que imediatamente pôs-se de pé. Após sua saída esperava-se que o espetáculo continuasse, mas depois de um quarto de hora de incerteza, o apagar das luzes do palco deu o

sinal de retirada e o povo se esvaiu sem o menor murmúrio, persuadido, sem dúvida, de que esta era a vontade suprema.¹¹⁵

Tendo visitado o Rio de Janeiro em 1826 e 1831, a serviço da Marinha dos Estados Unidos da América do Norte, o naturalista William Ruschenberger (1807 – 1895), testemunhou a respeito do envolvimento de D. Pedro I com a música:

*Antes do jantar passamos o tempo conversando e ouvindo música; diversas peças, das quais Dom Pedro I é o compositor e que falam muito em favor de seu gosto, foram tocadas. Ele é apaixonadamente aficionado por música e há pouquíssimos instrumentos que não toca bem. A companhia de Ópera, ou, mais propriamente, os músicos, não raramente eram levados a São Cristóvão para acompanhar o Imperador em seus concertos, ou tocar suas composições.*¹¹⁶

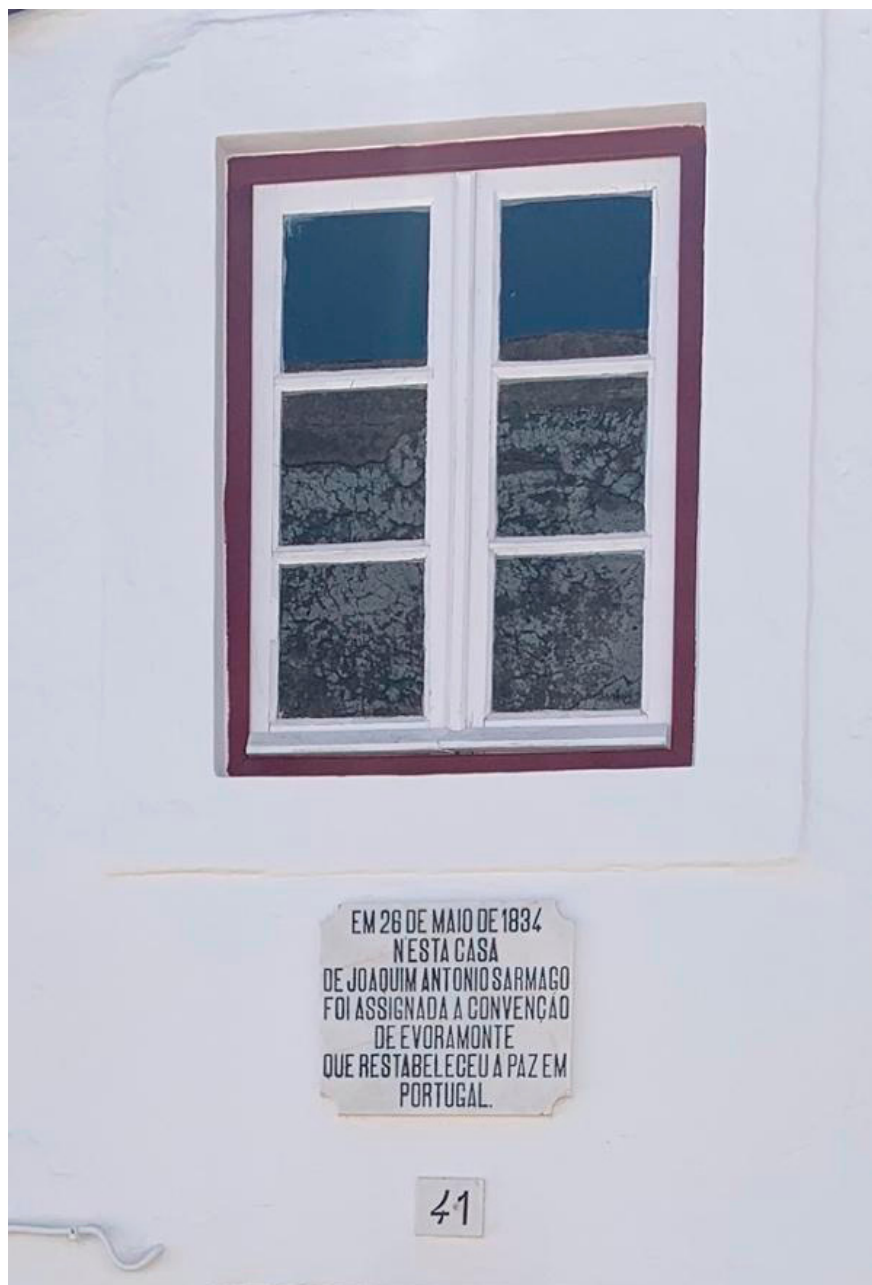
Reza a tradição oral que, ao embarcar no navio inglês H.B.M. Warspite para deixar o Brasil, em abril de 1831, após a abdicação, D. Pedro teria de imediato empunhado um violino e dito: “... na Europa viverei futuramente em feliz *Far niente* e, quando muito, tocarei para mim e meus chegados um *Miudinho*”.¹¹⁷ No dia seguinte à sua chegada a Londres, em 26 de junho de 1831, D. Pedro atendeu ao convite do Rei Guilherme IV para assistir ao concerto com a participação de dois dos maiores instrumentistas da época: Paganini e Hummel.¹¹⁸ Poucos dias depois, participou de encontro de músicos amadores: “A noite terminou com o hino constitucional da composição de D. Pedro, que produziu uma ótima impressão...”.¹¹⁹

Durante o período em que viveu em Paris, de agosto de 1831 a janeiro de 1832, D. Pedro frequentou assiduamente o Teatro dos Italianos, onde

foi apresentado ao compositor Gioacchino Rossini, que regeu a sua *Overture* no concerto de 29 de outubro de 1831.

A caminho de Portugal, a bordo da fragata Amélia, quando se preparava para tomar a cidade do Porto, momento importante das Guerras Liberais, D. Pedro escreveu o *Hino Novo Constitucional*,¹²⁰ também conhecido como *Hino à Amélia*, a derradeira de suas obras conhecidas. De acordo com Ernesto Vieira, esse hino teria sido executado pela primeira vez na ilha de S. Miguel, a 23 de junho de 1832, quando a expedição se reuniu no Campo de Relvão para embarcar rumo ao continente.¹²¹

A guerra para reconquistar o trono foi longa, tendo durado mais de dois anos. Apesar de dispor de um décimo do efetivo militar do irmão absolutista D. Miguel, D. Pedro reconquistou o trono, e a vitória foi consolidada com a assinatura do tratado de Évora-monte, em 28 de maio de 1834. D. Pedro não quis ser o carrasco do irmão e exilou-o. Tratou com magnanimidade os adversários, o que lhe custou a ira dos seguidores. A celebração da vitória se deu à noite, no Teatro S. Carlos, onde D. Pedro foi vaiado por ter poupado os oponentes. O ataque de tosse que o acometeu fez jorrar sangue: estava condenado à morte pela tuberculose.



No final da vida, acamado no Palácio de Queluz, já tão combalido que não conseguia mais escrever sem ajuda, D. Pedro solicitou a um amigo, através de carta ditada em 17 de junho de 1834, que lhe remetessem as partituras musicais deixadas no Brasil:

Eu vou muito melhor; mas ainda de minha própria mão não posso responder-lhe as suas cartas, e por isso o faço pela letra do Gomes

*assinando-me. Faça todas as diligências para me remeter todas as minhas composições, que se acham na Capela Imperial e na Fazenda de Santa Cruz — Seu amigo — D. Pedro.*¹²²

Em 15 de setembro, ditou o testamento e, três dias depois, comunicou à Câmara que o estado de moléstia o inibia de tomar conhecimento dos negócios públicos. A resposta imediata do Congresso foi a declaração da maioria da Rainha, D. Maria II de Portugal.

D. Pedro faleceu no mesmo quarto em que nasceu Dom Quixote, no Palácio de Queluz, em Lisboa. A cena de sua morte foi representada pela gravura de autoria de Nicolas-Eustache Maurin (1799 – 1850). À sua cabeceira, a viúva D. Amélia de Beauharnais e, ajoelhada ao lado do leito, sua filha, a Rainha Dona Maria II.



Sentindo aproximar-se a sua última hora, mostrou a mais admirável resignação. Solicitou a presença da filha, D. Maria, e lhe recomendou, mais uma vez, a observância da Carta como seu único porto de salvamento.

*No século em que vivemos e em que os Povos já não engolem patranhas, é mister que seus Reis mereçam pelas suas boas qualidades o respeito de seus súditos e não pelo seu nascimento, que de nada vale perante o mundo livre.*¹²³

Fez também vir à sua presença os ministros e alguns soldados mais velhos, dizendo a um desses: “Vem cá, quero abraçar-te e agradecer-te os teus nobres serviços. Dize aos teus camaradas que sinto não poder apertá-los todos contra o meu coração para lhes provar quanto os amo e me honro de haver combatido com eles para salvar a Pátria.”¹²⁴

O Rei Soldado, o Libertador, como passou a ser conhecido, foi pranteado pelos súditos em seu enterro, muitos deles entoando o Credo de autor anônimo:

Creio em D. Pedro IV, Todo Liberal, Criador da Constituição e da Independência, e em D. Maria II, sua filha, mais velha, nossa Soberana: a Qual foi constituída por obra do Amor Pátrio: Nasceu de Leopoldina; Padeceu sob poder dos vis rebeldes: por quem lhe foi negada a Legitimidade, abjurada e substituída traiçoadamente, mas sem descer da Sua Grandeza, Ressurgiu do Brasil. Há de subir ao Trono: estar Assentada à mão direita de Seu Esposo Todo Prudente; onde a havemos ver julgar os servis e os liberais. Creio na constância dos Leais Portugueses e na Dinastia da R. Casa de Bragança; na comunicação das ideias liberais: na Remissão da Nação; na Ressurreição do Nome Português; na sua Paz, União e Fidelidade eterna. Amém.¹²⁵

D. Pedro foi também homenageado com uma *Marcha Fúnebre*, da qual não se conhece cópias, publicada no Rio de Janeiro a partir de dezembro do ano de sua morte, conforme noticiado pelo *Jornal do Commercio*: “Sairá à luz às duas horas da tarde a MARCHA FÚNEBRE, composta em Lisboa na ocasião da morte de S.M.I. o Duque de Bragança, e reimpressa nesta Corte do Rio de Janeiro”.¹²⁶

A comoção por seu falecimento é patente na poesia dedicada pelo escritor português Alexandre Herculano (*1810 – 1877+):

“Plante-se a acácia, o símbolo do livre,
Junto às cinzas do forte:
Ele foi Rei e combateu tiranos
Chorai, chorai-lhe a morte!”¹²⁷

Para saber mais: propostas de atividades!

- Observar a dedicatória de D. Pedro ao novo Papa, Leão XII, na sua composição *Missa N. Sr^a do Carmo* em <https://musicabrasilis.org.br/partituras/d-pedro-de-alcantara-missa-honorem-leone-duodecimo>;
- Assistir ao vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=JU1X2geHRpY>;
- Ver a composição de D. Pedro I, *Marcha Triunfal*, em <https://musicabrasilis.org.br/temas/d-pedro-i-do-brasil-iv-de-portugal-hinos-e-marcha-imperial>;
- Observar a gravura de autoria de Nicolas-Eustache Maurin de D. Pedro I em seu leito de morte, o mesmo do seu nascimento; pesquisar as músicas compostas para as cerimônias fúnebres;

- D. Pedro teria dito, ao embarcar para Europa, “tocarei para mim e meus chegados um Miudinho”. Pesquisar sobre o Miudinho. Ver a partitura de Francisco Mignone em <https://musicabrazilis.org.br/partituras/francisco-mignone-miudinho>.

- 112 Ao Santíssimo Senhor/ Pai/ Leão XII/ missa/ D. Pedro I/ do Brasil/ Imperador Constitucional/ e também/ Defensor perpétuo/ Composto/ E em sinal de reverência filial/ Oferecido.
- 113 A atribuição da autoria a D. Pedro é apenas uma suposição.
- 114 Jornal do Comércio, 2/8/1837. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/9149>. Acesso em 07 mar. 2023.
- 115 BOUGAINVILLE, Hyacinthe Yves Philippe Potentien, Baron de. *Journal de La Navigation Autour Du Globe de La Frégate La Thetis Et de La Corvette L'Espérance, Pendant Les Années 1824, 1825 Et 1826*, t.1, pp. 625-626.
- 116 CARDOSO, Lino de Almeida. op. cit. p. 293.
- 117 SEIDLER, Carl. 1837. *Brasiliens kriegs-und revolutionsgeschichte seit dem Jahre 1825bis auf unsere Zeit*. Leipzig. Apud. CARDOSO, Lino de Almeida. op. cit. p. 280.
- 118 CARDOSO, Lino de Almeida. op. cit. p. 281.
- 119 CARDOSO, Lino de Almeida. op. cit. p. 282.
- 120 Hino Novo Constitucional. Disponível em: <<https://musicabrazilis.org.br/partituras/d-pedro-de-alcantara-hino-novo-constitucional>>. Acesso em 07 mar. 2023.
- 121 VIEIRA, Ernesto. 1900. *Dicionário Biográfico de músicos portugueses: história e bibliografia da musica em Portugal*. 2.vol. Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro. Vol. 2, p. 154
- 122 PASCUAL, Antonio Diodoro de. *Rasgos memoráveis do Senhor Dom Pedro I, Imperador do Brasil, excelso Duque de Bragança*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1862, p. 170.
- 123 D. Pedro, carta à filha D. Maria II, Porto, 18 de julho de 1832.
- 124 Paris chez Bulla, Rue St. Jacques 38, N. Maurer, del. L. de Maurin, Rue Mezières, 7. Câmara Municipal do Porto / Museu Romântico.

¹²⁵ A Crônica Constitucional do Angra, nº 4, de 22 de janeiro de 1835, anuncia este Credo, feito por um emigrado português, ao preço de vinte réis.

¹²⁶ Jornal do Commercio, 11/12/1834. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/6027>. Acesso em 07 mar. 2023.

¹²⁷ HERCULANO, Alexandre. 1838. *D. Pedro*, in *A Harpa do Crente*. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/22742/22742-h/22742-h.htm>>. Acesso em 07 mar. 2023.



PATROCÍNIO



CULTURA

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO

